



**Márcia Helena do Nascimento
Nelson Martinelli Filho**

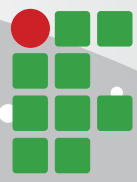
**O GRIOT E AS NARRATIVAS
DE TRADIÇÃO ORAL NA
SALA DE AULA**





**Márcia Helena do Nascimento
Nelson Martinelli Filho**

**O GRIOT E AS NARRATIVAS
DE TRADIÇÃO ORAL NA
SALA DE AULA**



**INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO**
Campus Vitória



PROFLETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

N244G Nascimento, Márcia Helena do.

O Griot e as narrativas de tradição oral na sala de aula [recurso eletrônico] / Márcia Helena do Nascimento, Nelson Martinelli Filho – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2021.

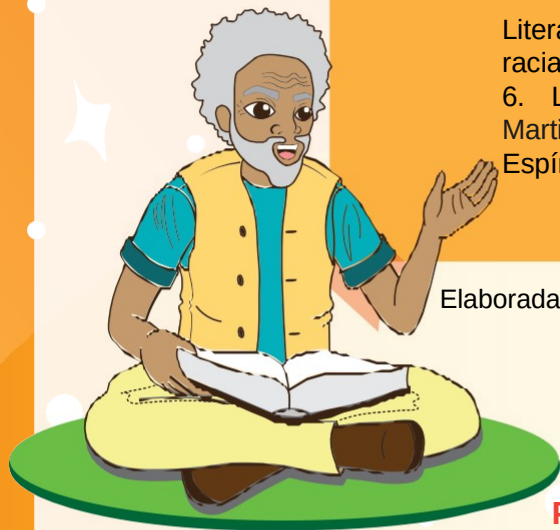
121 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-65-89716-68-6 (E-book)

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Textos – Literatura. 3. Tradição oral. 4. Relações étnico-raciais. 5. Cultura afro-brasileira – Estudo e ensino. 6. Língua portuguesa (Ensino fundamental). I. Martinelli Filho, Nelson. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 21 – 372.4

Elaborada por Ronald Aguiar Nascimento – CRB-6/ES - 3116



**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM
LETRAS - PROFLETRAS**

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara - Vitória - ES
CEP: 29040-780

COMITÊ CIENTÍFICO DO PRODUTO

Rafaela Scardino Lima Pizzol (Ufes)
Vanildo Steig (Ifes)

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

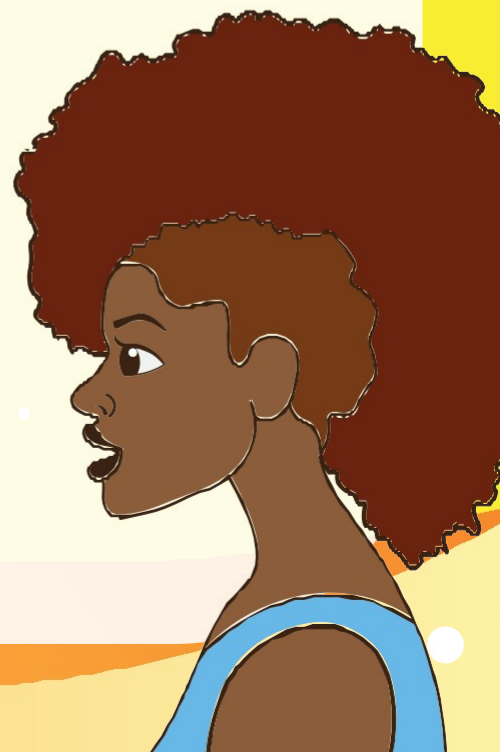
Aline Antonio

REVISÃO DE TEXTO

Márcia Helena do Nascimento
Nelson Martinelli Filho

PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO

Programa PROFLETRAS / IFES



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Jadir José Pela
Reitor

Andre Romero da Silva
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Renato Tannure Rotta de Almeida
Pró-Reitor de Extensão e Produção

Adriana Pionttkovsky Barcellos
Pró-Reitora de Ensino

Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

IFES – CAMPUS VITÓRIA

Hudson Luiz Cogo
Diretor Geral

Márcio Almeida Có
Diretor de Ensino

Christian Marianin Lucas dos Santos
Diretor de Extensão

Roseni da Costa Silva Pratti
Diretora de Administração

Márcia Regina Pereira Lima
Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

Letícia Queiroz de Carvalho
Coordenadora do Profletras





ILUSTRAÇÕES

As imagens e textos aproveitados neste material foram retirados do acesso público Google. Em respeito a seus autores, citamos os *links* para as fontes dos textos ou imagens, pois nossa finalidade, com essa publicação, é tão somente educativa.



AUTORES

NELSON MARTINELLI FILHO

Doutor em Letras (área de concentração: Estudos Literários) pela Universidade Federal do Espírito Santo, Mestre em Letras (Ufes) com estágio de pós-doutorado em Letras (Ufes). Professor do Instituto Federal do Espírito Santo, atuando como professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/Ifes), professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFRN/Ifes) e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo.

E-mail: nelson.martinelli@ifes.edu.br

MÁRCIA HELENA DO NASCIMENTO

Graduada em Letras Português/Literatura pelo Instituto de Ciência Humanas e Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF – 1998). Pós-graduada na Área da Infância e Juventude pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF – 2001). Professora de Língua Portuguesa na Rede Pública Estadual de Educação do Espírito Santo, lecionando no Ensino Fundamental e Ensino Médio. Cursa Mestrado Profissional em Letras – Profletras, pelo Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória.

E-mail: marciahnascimento.71@gmail.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	.06
1. A NARRATIVA DE TRADIÇÃO ORAL NA SALA DE AULA	.10
2. O GRIOT - GUARDIÃO DAS TRADIÇÕES ORAIS: BREVE HISTÓRIA	.11
3. ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS PARA O TRABALHO COM NARRATIVAS DE TRADIÇÃO ORAL	.12
1ª ETAPA – Memória e Identidade	.13
2ª ETAPA – Passaporte para a África	.31
3ª ETAPA – O herói africano – As narrativas de tradição oral	.49
4ª ETAPA – Eu sou porque pertencço	.66
5ª ETAPA – O sonho da liberdade	.81
6ª ETAPA – Na raiz da história	.99
7ª ETAPA – Contos de lá, contos de cá	.109
4 AGRADECIMENTOS	.117
5 REFERÊNCIAS	.118
6. LISTA DE REFERÊNCIAS DE IMAGENS	.119

APRESENTAÇÃO

Cara professora e caro professor,

Este caderno pedagógico propõe atividades envolvendo narrativas de tradição oral, com ênfase na cultura africana, possibilitando um diálogo entre os saberes das comunidade e a educação formal da sala de aula, reconhecendo-as como espaços de vivência e aprendizagens. Nesse sentido, as atividades aqui propostas objetivam, além da prática de leitura e contação de história, contribuir para a construção e a valorização da identidade e da memória cultural dos alunos.

As sabedorias africanas, com a cultura do círculo de conversas e histórias, nos ensinam que estimular a prática de ouvir e contar histórias é estimular a interação entre as pessoas, contribuindo para a formação de um conceito mais humano de existência e para o autoconhecimento. Narrar é manter girando a roca que tece os fios da nossa existência, na tecitura de nossas memórias. É na comunicação, na troca de experiência com o outro que nos humanizamos.

A produção deste Caderno é resultado de uma pesquisa desenvolvida entre os anos de 2019 e 2020, no Mestrado Profissional em Letras, do Instituto Federal do Espírito Santo – campus Vitória. Os participantes da pesquisa são alunos do 9º ano da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Domingos José Martins”, localizada no município de Marataízes, a qual recebe alunos oriundos do território Quilombola de Graúna, município de Itapemirim, no entanto, o contexto da pandemia de Covid 19 restringiu a participação destes na pesquisa. O projeto consiste em resgatar as narrativas de tradição oral contidas na memória coletiva e afetiva da comunidade e refletir sobre as representatividades positivas da cultura africana na formação identitária dos discentes.

A comunidade Quilombola de Graúna guarda um importante acervo oral de suas histórias, mantido por seus anciãos, reconhecidos como os griots (ou griôs – termo abrigado) da comunidade em razão de seu trabalho de manutenção dos costumes e tradições de seus ancestrais. O trabalho com as narrativas orais contadas, em especial, por griots, possibilita levar para o contexto da educação formal a sabedoria desses anciãos, colaborando para a preservação do legado das culturas de matrizes africanas dos nossos antepassados, engrandecendo o ofício de guardião das tradições e a riqueza desse patrimônio imaterial.

A Lei 10.639, de 2003 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. As instituições de ensino, em qualquer segmento, têm um papel fundamental de conter as tentativas de silenciamento e apagamento das riquezas do povo negro, buscando desconstruir o racismo, ainda tão presente no Brasil. Apesar da obrigatoriedade da lei, ainda não vemos a inclusão desse tão importante tema nas escolas. Nesse sentido, um dos caminhos que esse projeto encontrou foi o de levar para a sala de aula literatura infanto-juvenil que traz histórias africanas, pouco conhecidas pelos nossos alunos, contadas por griotes e griots – escritoras e escritores negros.

O Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução 08/2012, também estabelece e especifica Diretrizes para a Educação Escolar Quilombola no Ensino Básico, incluindo as escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas. Isso implica mudança na elaboração, desenvolvimento e avaliação de projetos educativos nos diversos níveis governamentais e direcionamento pedagógico nas escolas. O desconhecimento acerca das contribuições das culturas de matrizes africanas, não só pelos alunos de outras comunidades, mas também por parte dos pertencentes à região quilombola, acarreta o esvaziamento cultural e o empobrecimento da educação.

As instituições de ensino público, em especial as de periferias, estão repletas de grupos caracterizados como minoritários para os quais é indispensável e urgente um trabalho educativo em que o ensino da leitura da palavra não signifique a ruptura da “leitura do mundo” (FREIRE, 1997, p. 15). A escola tem de voltar-se para uma abordagem significativa e crítica do ensino, no qual estejam inseridas as histórias que constituem a identidade local, com suas memórias, suas tradições – muitas vezes ignoradas pelos próprios alunos da comunidade. Estimular os alunos a conhecerem a história que forma a identidade cultural de seu povo é torná-los parte dela. Esse conhecimento os faz sujeitos históricos participativos e críticos na sociedade, o que é, na verdade, o objetivo primordial da educação.

Pautando-se nesses pressupostos, e buscando incentivar a prática de leitura literária, escolhemos, como base norteadora das atividades, o livro *Os nove pentes D’África*, da autora Cidinha da Silva. A obra dialoga, de maneira leve e envolvente, com a tradição e histórias africanas. Além disso, por ser narrada em primeira pessoa por uma personagem de dezesseis anos, a linguagem e os dramas vivenciados por ela e sua família são facilmente identificados pelos

jovens leitores. Essa obra foi selecionada, em 2020, pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para ser distribuída nas escolas de Educação Básica, o que torna ainda mais exequível esta proposta.

O caderno é composto de sete etapas nas quais são apresentados textos de variados gêneros e temáticas com sugestões de atividades para os professores, voltadas para os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental II. A primeira etapa propõe, a partir da leitura de alguns textos e debates, uma reflexão acerca da relação história, memória e construção de identidade. Para as etapas seguintes, serão feitas leituras coletivas e colaborativas do livro *Os nove pentes d'África*, dividido em capítulos, e de outros gêneros textuais com abordagens pertinentes aos temas transversais contidos no livro, propiciando um diálogo entre a obra de ficção e a realidade vivida pelos alunos.

Reconhecemos que, em geral, apesar da relevância do tema, as ações pedagógicas de valorização da cultura africana e afro-brasileira são ainda muito pontuais, restritas, quase sempre, ao Dia da Consciência Negra, o que não garante a apropriação de sua importância para nossa história. Diante disso, as atividades aqui propostas foram pensadas para serem trabalhadas ao longo do semestre ou do ano letivo, facultando ao professor ou à professora intercalar ou vincular o conteúdo específico da disciplina aos assuntos que envolvem a cultura africana. Ademais, as propostas de atividades deste caderno possibilitam a conexão com outras disciplinas, uma vez que a temática dialoga com outras áreas de conhecimento, como Arte, História e Geografia, ampliando a capacidade de aprendizagem por parte dos envolvidos.

Esperamos que este material, além de contribuir para ampliar a prática do círculo de leitura literária, possa instigar a reflexão acerca da importância da inclusão de conteúdos de matriz africana no Projeto Político Pedagógico da escola e incentivar o resgate das narrativas de tradição oral, já que a sala de aula é o espaço, por excelência, de formação contínua de cidadãos conscientes e críticos de sua própria história.

***Até que os leões tenham suas histórias, os contos de caça
glorificarão sempre o caçador.***

(Provérbio africano)



1. A NARRATIVA DE TRADIÇÃO ORAL NA SALA DE AULA

A prática de contar e ouvir histórias faz parte de todas as culturas, letradas ou não. São histórias reais ou de ficção narradas para entreter, ensinar, manter a unidade de um grupo; inspirar e incentivar guerreiros e até para analisar de forma subjetiva o comportamento humano – como os estudos da relação entre os contos de fadas e a psicanálise. As narrativas sempre foram uma forma de manter viva a história de uma época e de um povo, com seus costumes e sua cultura. Não existe sociedade sem narrativas de tradição oral.

Segundo o historiador Nicolau Sevcenko (1998), tanto as narrativas históricas quanto as ficcionais vêm de uma mesma raiz vinculada ao xamanismo dos primórdios da humanidade – na era paleolítica. De acordo com o pesquisador, a necessidade de se alimentarem coletivamente, para se protegerem, evitando ação de predadores, incentivou a interação social, possibilitando um processo de desenvolvimento de ações comunicativas mais complexas da linguagem. É desse período do Neanderthal, da linhagem do *homo sapiens*, que se iniciam formas mais sofisticadas de organização da vida social, com as primeiras constatações de um pensamento mitológico, com traços de rituais religiosos e primeiros sepultamentos.

Para Campbell (2017), as narrativas surgiram quando nossos primeiros ancestrais se reuniam para se alimentar e começaram a contar histórias uns aos outros sobre o momento da caça, sobre a morte dos animais ou sobre outro fato como algo de sobrenatural. E vão surgindo, assim, os primeiros gêneros de ficção. Nesses tempos remotos, a linha que separava o real do imaginário era bastante tênue. Quanto maior a capacidade do narrador em explicar e descrever os detalhes dos acontecimentos, maior era o interesse do espectador e mais credibilidade havia na história. Para essas explicações, implicavam a forma como o narrador interpretava os fatos, a sua memória e seus ouvintes. Por isso, uma mesma narrativa oral poderia (e ainda pode) variar a depender desses fatores. A memória é essencial para a manutenção da história de um povo, mantida pelas narrativas de tradição oral.

Mas, afinal, o que são as narrativas de tradição oral? Para Câmara Cascudo (2006), são aqueles gêneros literários que resistem ao seu apagamento, persistindo na memória dos contadores de história, transmitindo cultura por meio da oralidade e apresentando certa imprecisão em relação à época. Esses gêneros apresentam, segundo o pesquisador, quatro elementos característicos: antiguidade; persistência; anonimato e oralidade. A cultura brasileira é formada a partir da presença de vários povos, como indígenas, africanos, portugueses, italianos, espanhóis, entre outros; mas a literatura oral brasileira, segundo Câmara Cascudo (2006, p.27), é constituída, em especial, de elementos das culturas indígena, africana e portuguesa. São cantos, ritos, mitos, lendas, fábulas, contos morais – manifestações que influenciaram e influenciam, ainda hoje, nossos romances, poemas, novelas, enfim, nossa literatura escrita.

Mais do que um ato de fruição, a narrativa amplia nossa capacidade cognitiva e cultural. Nesse sentido, a sala de aula, sendo um espaço, por excelência, de interação e construção de conhecimento, deve estimular continuamente a prática de contar e ouvir narrativas. As narrativas de tradição oral representam a multiplicidade cultural de um povo, sua memória, sua história.

2. O GRIOT - GUARDIÃO DAS TRADIÇÕES ORAIS: BREVE HISTÓRIA

A literatura oral sempre teve um papel fundamental na formação não só da identidade cultural de um povo, mas também na formação do leitor literário. Essa formação se inicia, geralmente, na infância, antes do contato com a literatura escrita, com brincadeiras de cantigas de roda e atividades de contação de histórias sobre os antepassados, contos de fadas, mitos ou lendas narrados por familiares ou por professores na escola. Essas atividades praticadas desde muito cedo vão moldando e desenvolvendo esteticamente nosso gosto literário e nossa visão de mundo.

A atividade de contador de histórias, por sua vez, sempre esteve presente em qualquer sociedade ou época e assumiu vários nomes ao longo da História: xamã, rapsodo, griot. O xamã é o indivíduo escolhido pela comunidade para exercer múltiplas funções, como a sacerdotal, curandeiro, músico e poeta – especialista em plantas medicinais e guardião da história do povo. O rapsodo era aquele poeta, recitador, que detinha o conhecimento oral das tradições, dos mitos, das histórias da cultura greco-latinas. O griot, assim como o xamã e o rapsodo, exerce o papel de guardião das tradições dos saberes, fazeres e histórias da cultura africana mantendo vivos os costumes e a memória de seu povo. Eles são músicos, cantores e dançarinos – narram as histórias usando de todas as suas habilidades artísticas e são, assim, capazes de reter a atenção e o encantamento de sua plateia.

Embora tenhamos, quantitativamente, muito mais forte a presença da população negra no Brasil, as histórias narradas, desde a antiguidade, pelos rapsodos, como a Odisseia, a Ilíada e as mitologias grega e romana estão hegemonicamente presentes em nossa memória literária, em detrimento, por exemplo, dos mitos de fundação de civilizações da África. Pouco sabemos sobre as narrativas e tradições de matriz africana e pouco valorizamos os anciões que guardam essa cultura.

Para a origem da palavra *griot* foram encontradas três explicações: uma delas indica que a palavra é de origem francesa dada pelo colonizador e equivaleria a “criado” em português; a outra, quem explica é a Associação Grãos de luz e griô afirmando que vem de uma “corruptela da palavra ‘Creole’, ou seja, Criolo, referente à língua geral dos negros na diáspora africana. Uma recriação do termo ‘gritadores’, reinventado pelos portugueses quando viam os griôs gritando em praça pública”. Já, numa língua do Império Mali, a expressão *criole griot* denomina o sangue que corre. Esse significado deixa mais clara a força da herança de ser um guardião das tradições orais, pois, assim como o sangue circula em nosso corpo e nos mantém vivos, as narrativas orais circulam dentro da comunidade ou sociedade e mantêm vivas a história e memória daquele povo.

Os *griots*, na África, são os sábios, reconhecidos e respeitados pela comunidade. Além de guardião das tradições, são chamados para resolver conflitos, dar conselhos e até presidir cerimônias. Exercem esse ofício como vocação – como um chamado dos deuses – nascem *griots*. São herdeiros de saberes e fazeres de tradição oral. Seus conhecimentos são passados de geração a geração a partir das narrativas orais.

No Brasil, os *griots*, com as narrativas, cantigas e ciências de seus antepassados, são uma referência decolonialista, são símbolo de resistência da preservação de memórias e histórias que garantem a ancestralidade e a reafirmação da identidade do povo negro em um contexto de tentativa de apagamento de suas culturas. Os *griots*, embora tenham sua sabedoria subaproveitada, exercem um papel fundamental para a literatura oral e, com sua performance narrativa, muito têm a contribuir tanto no ensino familiar quanto no ensino formal – na escola.

ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS PARA O TRABALHO COM NARRATIVAS DE TRADIÇÃO ORAL



1ª ETAPA

Memória e Identidade

TEMPO ESTIMADO

5 aulas

ESPAÇO

Sala de video da escola

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Alunos sentados em U

OBJETIVOS:

- Investigar o nível de compreensão dos alunos acerca da própria identidade;
- Perceber a importância da memória na construção da identidade;
- Estabelecer relação entre textos de diferentes gêneros;
- Desenvolver a segurança para se expressar;
- Respeitar momentos de fala e as diferentes visões de mundo dos colegas em atividades coletivas sala de aula;
- Ampliar a capacidade comunicativa;
- Produzir narrativas orais a partir das memórias de familiares;
- Produzir texto escrito dentre os gêneros poema, crônica ou rap;
- Posicionar-se criticamente acerca do que lê ou assiste.

MATERIAL UTILIZADO

- Computador;
- Datashow;
- Caixa de som;
- Cópias dos textos para alunos;
- Dicionários;
- Papel cenário;
- Fita adesiva;
- Canetas coloridas ponta grossa.

Professor(a), as atividades aqui contidas são uma proposição para o trabalho com o ensino fundamental II e estão sujeitas a alterações de acordo com a realidade de cada turma. Ressaltamos que o tempo estimado e os espaços sugeridos são, também, variáveis a depender de cada turma e de cada escola. Priorize, se possível, as carteiras organizadas em círculo ou U para facilitar os debates sobre as leituras.

As etapas deste caderno, foram organizadas a partir do livro *Os nove pentes d'África*, da escritora mineira Cidinha da Silva. O livro conta a história de uma família cujo avô, “seu” Francisco, é um guardião da cultura africana e avô da narradora da história, a adolescente Bárbara, de dezesseis anos. Antes de começarmos a desenrolar os fios que tecem a narrativa, é importante fazermos uma apresentação do que será trabalhado ao longo das aulas. Para esta primeira etapa, serão desenvolvidas algumas atividades a partir dos gêneros tira, poema, artigo de opinião, crônica e música, que envolvem os temas história, memória e identidade, pois esses irão permear toda a narrativa do livro.

1º MOMENTO

Minhas raízes

Observe a seguinte tirinha da escritora e professora Kiusam de Oliveira.

TEXTO 1

O Mundo de Tayó Produções, da autora Kiusam de Oliveira



Roteiro e Direção: Kiusam de Oliveira
Ilustração: Amora Moreira

FEV/2019

Todos os direitos reservados à O Mundo de Tayó Produções

A **tira** é um gênero textual composto por linguagem verbal (em palavras) e não verbal (visual) que juntas produzem o sentido do texto. É considerada um subtipo de HQ (História em Quadrinhos); mais curta (até quarto quadrinhos). Pode ser sequencial (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechada (um episódio por dia). Em geral, faz uma crítica aos valores sociais, satiriza aspectos econômicos e políticos do país. Circula, geralmente, em jornais e revistas.

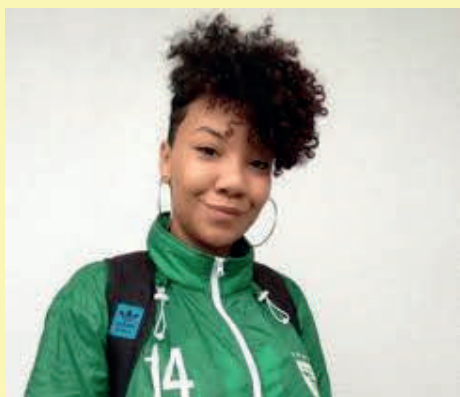
MENDONÇA, M. R.de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org). **Gêneros Textuais e Ensino** – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.194-207.



infância negra, mulher negra, identidade negra, candomblé e educação, corporeidade afro-brasileira, danças afro-brasileiras e sobre implementação da lei 10.639/03.

Kiusam Regina de Oliveira Professora da Universidade Federal do Espírito Santo, com a disciplina de Educação das Relações Étnico-Raciais. Bailarina e coreógrafa. Contadora de histórias da mitologia afro-brasileira. Assessorou a implementação da Lei 10.639/03 em Diadema de 2005 a 2016. Em 2010 e 2011, atuou como assessora na Secretaria de Cultura de Diadema nos assuntos da cultura voltados para as questões de gênero e raça, tendo como foco a dança. Tem palestrado pelo Brasil sobre a temática das relações étnico-raciais, focando em: educação das relações étnico-raciais,

(Informações coletadas do Lattes em 28/06/2020. Disponível em <<https://www.escavador.com/sobre/4476269/kiusam-regina-de-oliveira>> Acesso em 03 dez. 2021)



Amora Moreira, natural do Rio de Janeiro, 23 anos – ilustradora: Academicamente, passou 4 anos na Escola de Belas Artes da UFRJ onde cursou história de arte e escultura. Mas foi após dois anos no Estúdio Escola de Animação, que sua trajetória com as técnicas digitais a levaram a ter o desejo de recomeçar a graduação. Desta vez em Design, na ESDI – UERJ, onde se encontra atualmente.

Disponível em <<https://amoramoreira.myportfolio.com/sobre>> Acesso em 03 dez. 2020

NO FIO DAS PALAVRAS

Após ler a tira, reflita sobre as questões a seguir e compartilhe com a turma suas conclusões:

- Na sua opinião, por que a personagem da tirinha considera o espelho uma porta encantada?
- Considerando as linguagens verbal e visual da tirinha, explique a expressão “... antes de mim, outras como eu já vieram!...” presente no último quadrinho.
- Você conhece a palavra “**ancestralidade**”? Sabe o que significa? Consulte o dicionário, anote no caderno, e comente o que entendeu, relacionando o significado à tirinha.
- Assim como a personagem no último quadrinho, se você olhasse para o espelho como uma porta encantada, como seria a imagem refletida? Descreva para a turma.

TECENDO REDES

Agora, você irá ler três textos. O primeiro é um poema da escritora mineira Conceição Evaristo; o segundo, do escritor gaúcho Oliveira Silveira e o terceiro é um artigo de opinião da jornalista Tatiana Lagôa, do Jornal *O tempo*.



Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em uma comunidade da zona sul de Belo Horizonte, vem de uma família muito pobre, com nove irmãos e sua mãe, ela se mudou jovem para um lugar um pouco melhor e teve que conciliar os estudos trabalhando como empregada doméstica, até concluir o curso normal, em 1971, já aos 25 anos. Mudou-se então para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso público para o magistério e estudou Letras na UFRJ.

Na década de 1980, entrou em contato com o grupo Quilombhoje. Estreou na literatura em 1990, com obras publicadas na série *Cadernos Negros*, publicada pela organização.

É mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, é doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense.

Suas obras, em especial o romance *Ponciá Vicêncio*, de 2003, abordam temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* foi foco de pesquisa acadêmica pela primeira vez, no Brasil, em 2007. A obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007. Atualmente leciona na UFMG como professora visitante.

Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Concei%C3%A7%C3%A3o_Evaristo> Acesso em 11 jan. 2021.

TEXTO 2

Vozes – Mulheres

A voz da minha bisavó
Ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

(Poemas de recordação e outros movimentos, p. 10-11. Disponível em
<http://www.letras.ufmg.br/literafrro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>.
Acesso em 11 jan. 2021)

TEXTO 3

Encontrei minhas origens

Encontrei minhas origens
em velhos arquivos
livros
encontrei
em malditos objetos
troncos e grilhetas
encontrei minhas origens
no leste
no mar em imundos tumbeiros
encontrei
em doces palavras
cantos
em furiosos tambores
ritos
encontrei minhas origens
na cor de minha pele
nos lanhos de minha alma
em mim
em minha gente escura
em meus heróis altivos
encontrei
encontrei-as enfim
me encontrei

(Disponível em

<<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/11-textos-dos-autores/849-oliveira-silveira-encontrei-minhas-origens>> Acesso em 02 jan. 2021)



Quem foi **Oliveira Ferreira da Silveira**? Nascido na gaúcha Rosário do Sul (384km de Porto Alegre), no ano de 1941, foi o idealizador do Dia da Consciência Negra. "Sou escritor, trabalho mais com poesia. Mas também escrevo prosa, na forma de ensaios e matérias jornalísticas. Enfim sou uma pessoa da literatura". Publicou Poema sobre Palmares, Banzo Saudade Negra, Pelo Escuro, Roteiro dos Tantãs, além da participação em várias antologias. No final dos anos 1960, sentiu curiosidade e necessidade de pesquisar o protagonismo de mulheres e homens negros no Rio Grande do Sul em particular e no Brasil em geral. Foi então que ele teve a ideia de reunir um grupo de interessados. "Nossas conversas giravam em torno da insatisfação com 13 de Maio, achávamos que a comemoração, além de chapa branca, homenageava uma princesa "portuguesa" e não o povo negro. Daí percebi que era preciso encontrar uma data que fizesse justiça à luta continuada dos negros brasileiros". Durante a pesquisa, o jovem Oliveira Silveira topou com a data que precisava: 20 de novembro de 1695 – dia e ano da

morte do líder Zumbi. “Do dia do nascimento dele ninguém tem registro. Zumbi é herói tão relevante para nossa história quanto o alferes Tiradentes”. Em 1971, fundou o Grupo Palmares. E nesse mesmo ano, em 20 de novembro, o Grupo organizou um evento em homenagem a Zumbi dos Palmares. Sete anos depois, nascia o Dia da Consciência Negra. “O feliz nome seria dado durante uma assembleia do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCRD), pelo ativista Paulo Roberto dos Santos. O escritor Oliveria morreu em 01 de janeiro de 2009.

Disponível em <<https://www.geledes.org.br/oliveira-silveira-um-dos-idealizadores-do-20-de-novembro/>> Acesso em 02 jan 2021

TEXTO 4

Representatividade **Uma história que a História apagou** 'Não somos heróis nacionais'

Por TATIANA LAGÔA
25/12/20 - 02h00

“Pai, quais os nomes dos seus avós?”. Uma pergunta que, de tão simples e objetiva, fiz por mensagem de WhatsApp mesmo. A resposta me fez ter certeza de que esta coluna faz total sentido, apesar de que, no fim das contas, poderá ser vista por muitos como só mais uma história familiar sem nada de novo. E talvez seja mesmo, mas isso não reduz a força que ela tem.

“Tati, para saber o nome dos meus avós, eu tenho que olhar nos registros, e eu nem sei onde eles estão”. Minutos depois: “Avós paternos eram Eduardo e Etelvina. Lembrei. Já os maternos realmente não me lembro”. Ali eu tive mais uma prova de um dano silencioso da escravidão na vida dos nascidos no século passado. E, sim, viramos de século em 2001, ou seja, outro dia mesmo.

Comecei a “abrir o baú” das histórias da minha família paterna no último dia 12, meu aniversário. A sensibilidade da data e a proximidade do Natal me fizeram querer conhecer mais minhas origens, que até então eu desconhecia por motivos diversos. Naquele dia, senti um orgulho enorme por ter em minhas veias sangue de um povo tão guerreiro. E quis compartilhar aqui, com vocês.

Meus trisavós paternos foram escravizados em uma cidade no interior mineiro. “Eles eram escravos de dentro de casa, cozinham para os patrões”, pontuou meu pai quando questionei como deveria ser a vida deles. Claro que o fato de eles terem livre acesso à casa dos escravagistas não os tornava mais felizes, mas garantia uma condição de vida um pouco menos penosa do que as dos que trabalhavam na lavoura. Eles provavelmente nem sequer sabiam de qual região africana os antepassados deles foram brutalmente retirados. Pelo menos o meu pai não faz ideia.

Do relacionamento daquele casal de negros escravizados, nasceu meu bisavô Eduardo. Já era época do ventre livre, ou seja, filhos de pessoas em condições de escravidão não eram mais propriedade dos escravocratas. No papel, uma maravilha! Na prática, o Eduardo

“livre” trabalhou nas fazendas em troca de moradia e alimentação. Quando conheceu Etelvina, formou família: seis filhos, sendo cinco mulheres e um homem. Nascia ali meu avô. E, sim, a família começou a ter nome e sobrenome nesta história: ele era José Lopes. Forte, trabalhador e guerreiro.

Questionador, ele não quis seguir o calvário daquela escravidão camuflada com o falso nome de “liberdade”. Mas não ficou impune por isso. As irmãs seguiram para São Paulo e Rio de Janeiro e por onde mais o nariz apontou. Afinal, ser mulher negra no interior, naquela época, não dava futuro para ninguém. Resultado? Perda total de contato. Se elas têm filhos? Ninguém sabe. Se estão vivas? Provavelmente não. Mas também ninguém viu o fim.

Meu avô seguiu em Minas Gerais, pagando com o próprio suor pela liberdade que ele escolheu. “Meu pai não parava quieto. Nunca vi ele sentado. Trabalhava a semana toda, inclusive aos fins de semana e feriados”, lembra meu pai. Começou como chapa de caminhão, até que conseguiu emprego na antiga Rede Ferroviária Federal. Lá, ele passou a ter um bom salário e estabilidade. Mas não sossegou. “Meu pai fazia parceria com quem tinha terra. Ele plantava e dividia o lucro. Quantas vezes fomos toda a família para mexer na roça aos fins de semana”, lembra, segurando as lágrimas no canto dos olhos, meu pai.

Foi assim, trabalhando dia e noite, que meu avô montou patrimônio. Três casas no interior e um seguro de vida, que garantiu uma casa em Belo Horizonte para a família. Um sobrevivente da escravidão, morreu novo, quando meu pai, o caçula de sete filhos, tinha apenas 9 anos. Mas homens fortes se casam com mulheres guerreiras. E a minha avó Maria Andreza da Silva, descendente de indígenas e acostumada ao “batente”, seguiu para a capital com os filhos. Resultado: todos ou se formaram em um curso superior, ou conquistaram carreira.

Ao saber de tudo isso, questionei o meu pai se ele tinha noção do quão sensacional é a história dos pais dele. Com o olhar vago, ele deu de ombros. Talvez saiba. Mas, como homem negro, sobrevivente em um mundo preconceituoso, ele sabe que a história de famílias como a dele a História (com “h” maiúsculo) não conta. Não estão em livros nem são decoradas por estudantes. Não somos heróis nacionais. Mas o meu pai pode se orgulhar porque ele tem dois nomes e sobrenome: Custódio Marcelo Lopes. Um nome conquistado pela garra dos antepassados dele. Daqueles de quem tenho orgulho de dizer: meus antepassados também.

(Disponível em <<https://www.otempo.com.br/opinio/representatividade/uma-historia-que-a-historia-apagou-1.2426220>> Acesso em 28 dez. 2021



Tatiana Mayra Lagôa Lopes nasceu em São João Del-Rei, Minas Gerais, em 12 de dezembro de 1986, formou-se em Comunicação Social pela PUC/MG. Jornalista apaixonada por contar histórias e desvendar dados. Paixão que já rendeu prêmios nas categorias impressa, web e rádio.

Disponível em <<https://br.linkedin.com/in/tatiana-lag%C3%B4a-7439b7123>> Acesso em 28 dez 2020.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

Forme grupo com colegas da sala e, a partir da leitura atenta dos textos, discuta as questões a seguir. Ao final, os grupos socializarão suas conclusões com a turma. Se considerar necessário, faça anotações no caderno do que julgar mais importante.

• Comente suas impressões, em linhas gerais, sobre os quatro textos lidos.

Em relação ao poema *Vozes – Mulheres*:

- Você percebeu que o poema é construído como uma linha do tempo a partir do eu lírico (a voz que fala no poema) com sua família. Indique as vozes presentes nesta linha do tempo e o sentimento que elas ecoam.
- Cada voz viveu um período histórico. Infira o contexto vivido pelas mulheres expresso em cada estrofe do poema.
- Como você entende os últimos versos referentes à voz da filha?
- O sentimento expresso a partir da “voz da filha” tem alguma relação com as vozes das mulheres que vieram antes dela? Comente.

Em relação ao poema *Encontrei minhas origens*:

- O eu lírico afirma que encontrou suas origens em vários lugares. A que se referem esses lugares?
- Como você entende os dois últimos versos do poema: “encontrei-as enfim/ me encontrei”?

Em relação ao artigo *A história que a História apagou*:

- Levante hipótese: por que a jornalista colocou no título história (com h minúsculo) e História (com H maiúsculo)?
- Por que a jornalista resolveu “abrir o baú” das histórias de sua família? Que sentimentos as descobertas despertaram nela?
- Que relação há entre os quatro textos trabalhados?
- Você considera importante saber a história de seus pais, avós, bisavós? Comente.
- Você conhece a história de seus antepassados? Se souber, conte-nos uma história de que gostou de ouvir.

Após a socialização é importante sistematizar as conclusões para que os alunos comecem a perceber a relação da memória com a construção da identidade. Memória e identidade são indissociáveis. A memória faz sermos quem somos e, ao mesmo tempo, também construímos memória a partir da consciência de quem somos e o nosso papel na sociedade.

2º MOMENTO

Minhas Memórias

No 1º momento, você percebeu que nossos antepassados contribuem para a construção de quem nós somos. Será que nossas experiências, nossas vivências também estão relacionadas ao que nós nos tornamos hoje ou ao que seremos amanhã? Vamos tecer algumas ideias sobre isso. Você irá fazer a leitura da crônica *Mar*, do escritor capixaba Rubem Braga e assistir ao clipe da música *Muito Orgulho, Meu Pai*, de Gabriel O Pensador.

Se preferir, faça a leitura em voz alta do texto 1 para os alunos. Essa estratégia permite que eles desenvolvam a escuta atenta e tenham referência de uma leitura bem feita, com entonação. Além disso, a leitura em voz alta desperta a atenção dos alunos e aguça a curiosidade deles.

TEXTO 1

MAR

A primeira vez que vi o mar eu não estava sozinho. Estava no meio de um bando enorme de meninos. Nós tínhamos viajado para ver o mar. No meio de nós havia apenas um menino que já o tinha visto. Ele nos contava que havia três espécies de mar: o mar mesmo, a maré, que é menor que o mar, e a marola, que é menor que a maré. Logo a gente fazia ideia de um lago enorme e duas lagoas. Mas o menino explicava que não. O mar entrava pela maré e a maré entrava pela marola. A marola vinha e voltava. A maré enchia e vazava. O mar às vezes tinha espuma e às vezes não tinha. Isso perturbava ainda mais a imagem. Três lagoas mexendo, esvaziando e enchendo, com uns rios no meio, às vezes uma porção de espumas, tudo isso muito salgado, azul, com ventos.

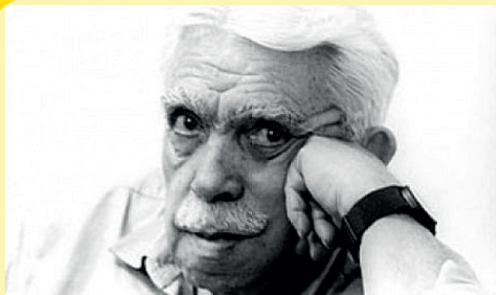
Fomos ver o mar. Era de manhã, fazia sol. De repente houve um grito: o mar! Era qualquer coisa de largo, de inesperado. Estava bem verde perto da terra, e mais longe estava azul. Nós todos gritamos, numa gritaria infernal, e saímos correndo para o lado do mar. As ondas batiam nas pedras e jogavam espuma que brilhava ao sol. Ondas grandes, cheias, que explodiam com barulho. Ficamos ali parados, com a respiração apressada, vendo o mar...

Depois o mar entrou na minha infância e tomou conta de uma adolescência toda, com seu cheiro bom, os seus ventos, suas chuvas, seus peixes, seu barulho, sua grande e espantosa beleza. Um menino de calças curtas, pernas queimadas pelo sol, cabelos cheios de sal, chapéu de palha. Um menino que pescava e que passava horas e horas dentro da canoa, longe da terra, atrás de uma bobagem qualquer – como aquela caravela de franjas azuis que boiava e afundava e que, afinal, queimou a sua mão... Um rapaz de quatorze ou quinze anos que nas noites de lua cheia, quando a maré baixa e descobre tudo e a praia é imensa, ia na praia sentar numa canoa, entrar numa roda, amar perdidamente, eternamente, alguém que passava pelo areal branco e dava boa-noite... Que andava longas horas pela praia infinita para catar conchas e búzios crespos e conversava com os pescadores que consertavam as redes. Um menino que levava na canoa um pedaço de pão e um livro, e voltava sem estudar nada, com vontade de dizer uma porção de coisas que não sabia dizer – que ainda não sabe dizer.

Mar maior que a terra, mar do primeiro amor, mar da primeira viagem, mar da gritaria dos meninos, mar dos pobres pescadores maratimbas, mar das cantigas do catambá, mar das festas, mar terrível daquela morte que nos assustou, mar das tempestades de repente, mar do alto e mar da praia, mar de pedra e mar do mangue... A primeira vez que saí sozinho numa canoa parecia ter montado num cavalo bravo e bom, senti força e perigo, senti orgulho de embicar numa onda um segundo antes da arrebentação. A primeira vez que estive quase morrendo afogado, quando a água batia na minha cana e a corrente do "arrieiro" me puxava para fora, não gritei nem fiz gestos de socorro; lutei sozinho, cresci dentro de mim mesmo. Mar suave e oleoso, lambendo o batelão. Mar dos peixes estranhos, mar virando a canoa, mar das pescarias noturnas de camarão para isca. Mar diário e enorme, ocupando toda a vida, uma vida de bamboleiço de canoa, de paciência, de força, de sacrifício sem finalidade, de perigo sem sentido, de lirismo, de energia; grande e perigoso mar fabricando um homem...

Este homem esqueceu, grande mar, muita coisa que aprendeu contigo. Este homem tem andado por aí, ora aflito, ora chateado, dispersivo, fraco, sem paciência, mais corajoso que audacioso, incapaz de ficar parado e incapaz de fazer qualquer coisa, gastando-se como se gasta um cigarro. Este homem esqueceu muita coisa, mas há muita coisa que ele aprendeu contigo e que não esqueceu, que ficou, obscura e forte, dentro dele, no seu peito. Mar, este homem pode ser um mau filho, mas ele é teu filho, é um dos teus, e ainda pode comparecer diante de ti gritando, sem glória, mas sem remorso, como naquela manhã em que ficamos parados, respirando depressa, perante as grandes ondas que arrebentavam – um punhado de meninos vendo pela primeira vez o mar...

(Rubem Braga. "Cem crônicas escolhidas". José Olympio, Rio de Janeiro: 1958. Disponível em <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/11546/visao-do-mar>> Acesso em 10 jan. 2021)



Quem foi **Rubem Braga**? Considerado por muitos o maior cronista brasileiro desde Machado de Assis, nasceu em Cachoeiro de Itapemirim, ES, a 12 de janeiro de 1913. Iniciou seus estudos naquela cidade, porém, quando fazia o ginásio, revoltou-se com um professor de matemática que o chamou de burro e pediu ao pai para sair da escola. Sua família o enviou para Niterói, onde moravam alguns parentes, para estudar no Colégio Salesiano. Iniciou a faculdade de Direito no

Rio de Janeiro, mas se formou em Belo Horizonte, em 1932, depois de ter participado, como repórter dos Diários Associados, da cobertura da Revolução Constitucionalista, em Minas Gerais — no front da Mantiqueira conheceu Juscelino Kubitschek de Oliveira e Adhemar de Barros. Na capital mineira se casou, em 1936, com Zora Seljan Braga, de quem posteriormente se desquitou, mãe de seu único filho Roberto Braga. Seu primeiro livro, "O Conde e o Passarinho", foi publicado em 1936, quando o autor tinha 22 anos, pela Editora José Olympio. Na crônica-título, escreveu: "A minha vida sempre foi orientada pelo fato de eu não pretender ser conde." De fato, quase tanto como pelos seus livros, o cronista ficou famoso pelo seu temperamento introspectivo e por gostar da solidão. Como escritor, Rubem Braga teve a característica singular de ser o único autor nacional de primeira linha a se tornar célebre exclusivamente através da crônica, um gênero que não é recomendável a quem almeja a posteridade. "Eu escrevia sobre assuntos os mais variados; no verão mandava da praia de Maratáizes uma crônica regular, chamada 'Correio Maratimba'. Quando fui para o Rio, por volta dos 15 anos, mandava correspondência para o Correio. Continuei a fazer o mesmo em 1931, quando mudei para Belo Horizonte"

Disponível em <<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/rubem-braga.html>> Acesso em 11 jan. 2021

O QUE É CRÔNICA? Com a palavra, os cronistas:

“Crônica é um escrito de jornal que procura contar ou comentar histórias da vida de hoje. Histórias que podem ter acontecido com todo mundo: até com você mesmo, com pessoas de sua família ou com seus amigos. Mas, uma coisa é acontecer, outra coisa é escrever aquilo que aconteceu. Então você notará, ao ler a narração do fato, como ele ganha um interesse especial, produzido pela escolha e pela arrumação das palavras.”

ANDRADE, Carlos Drummond; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem. Carta aos estudantes. In: Para gostar de ler – Crônicas – Vol. 1. 18ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

Forme dupla com um colega para discutir sobre as questões e compartilhe com a turma as conclusões a que vocês chegaram.

- Comente suas impressões sobre o texto, destacando as partes que mais chamaram sua atenção.
- O narrador descreve seu contato com o mar ao longo da vida. Apresente essas fases e como se deu essa relação com o mar.
- Como você leu no boxe, Rubem Braga nasceu em Cachoeiro de Itapemirim e passava muito tempo em Maratáizes. De acordo com essa informação, é possível que a crônica tenha alguma referência com sua vivência?
- De acordo com as memórias do narrador, em que a experiência de contato com o mar contribuiu para formar o homem que ele se tornou?

TECENDO REDES

TEXTO 2

Muito Orgulho, Meu Pai

Tem uma caneta aí por favor?
Obrigado!
Dez horas dentro do avião aqui sozinho
Eu voou como um pássaro que quer
voltar pro ninho
Eu sempre vou e volto feito um
bumerangue
Pensei que era o morcego, mas sou eu
que sempre dou meu sangue
E é o tempo vampiro que suga tudo
Suga minha alma e me transforma a
forma e o conteúdo
E sem escudo eu ofereço a veia e vou
sorrindo
Não fico mudo, falo e canto o que eu 'to
sentindo

E falo tanto entre os meus voos e
atropelos
Que nem escuto a voz dos fios brancos
entre os meus cabelos.
A voz das rugas quando o rosto se
contraí.
Me olho no espelho e cada vez eu vejo
mais meu pai.
Me lembro de telefonar, saber como ele
anda

Tenho que falar correndo, pai, 'to
decolando com a banda
"Cê volta quando filho?"
Terça, mas viajo de novo
Manda um abraço pra mana, 'to com

saudade do povo
'To com saudade de tudo, de comer
sopa com ovo
O ovo cru que cê jogava na panela
quente
Naqueles fins de semana que você 'tava
presente
E de deitar na sua cama como
antigamente
E quando você via os gols ou um
programa qualquer
E de repente beliscava a gente com seu
pé
O caranguejo doía, mas a gente ria
Eu te imitava e o meu irmão não
consequia
Você calçava o tamanco, pegava a
chave do Puma
E a nossa tarde era na mesa do Dolfine
com a turma
E o chope sem espuma, sem colarinho
E eu no milk shake, lembro até do
barulhinho
Quando eu crescesse eu queria ser que
nem você
Agora eu já cresci e ainda quero ser
Eu tenho a cara do pai e tenho cada vez
mais
Eu tenho os olhos do pai e o coração
Quando eu crescesse eu queria ser que
nem você
Agora eu já cresci e ainda quero ser
Eu tenho orgulho do pai e tenho cada
vez mais
É muito orgulho, meu pai e gratidão
Pai, agora eu decolei, guardei meu
celular
Já tô no ar, mas não me desliguei
O tempo voa e antes que ele acabe eu
volto ao começo
Pra me entender e me reconhecer do
pai que eu conheço
E quero conhecer mais, quero curtir meu
coroa
Até a extrema-unção te deram, pai,
aquela foi boa
Você internado de frente pra um
cemitério
Mas não perdeu a piada nem num
momento tão sério
E disse olhando a sepulturas do outro
lado do muro

"Que quarto ótimo, filho, com vista pro
futuro"
Só você mesmo pra fazer a gente rir
E com o coração parando em plena UTI
Lembrando disso agora eu rio e reavalio
A importância da minha eterna ânsia por
mais desafios
Sempre correndo, sempre ocupado na
estrada
Sem perceber que às vezes possa estar
perdendo a piada
Você me deu um toque eu não parei pra
ouvir
Mas não vou esperar meu coração parar
Pra gente se encontrar pra rir, numa UTI
Quando eu voltar vou te ligar pra
combinar de almoçar
Toda família na mesa, sem atender o
celular
Quando eu crescesse eu queria ser que
nem você
Agora eu já cresci e ainda quero ser
Eu tenho a cara do pai e tenho cada vez
mais
Eu tenho os olhos do pai e o coração
Quando eu crescesse eu queria ser que
nem você
Agora eu já cresci e ainda quero ser
Eu tenho orgulho do pai e tenho cada
vez mais
É muito orgulho, meu pai e gratidão
Minha memória viaja, você agora é o
piloto
Uns 30 anos mais novo e eu ainda
garoto
Pela BR 101 a gente vai
Já veio o réveillon e como é bom viajar
com meu pai
E eu vou prestando atenção,
Em como você sabe a hora certa de
ultrapassar o caminhão
Você me explica as frases dos
para-choques
No toca fita uma boa MPB ou rock
Calma, Betty, calma
Cada risada que você soltava plantava
na minha alma
Uma semente pro que eu 'to colhendo
agora
E vou continuar colhendo depois que
você for embora
Me entendendo com o tempo, os

ensinamentos
Que você passa até hoje com o seu exemplo
De respeitar as pessoas e ser correto
De ser uma fonte inesgotável de carinho e afeto
De encurtar as distâncias pra ver os amigos
E de ser sempre sincero como também foi comigo
Quando me deu um castigo depois da delegacia
E hoje eu vejo que era isso mesmo o que eu queria
Queria achar um caminho e ter você mais perto
Mesmo com a cara fechada, seu coração 'tava aberto
Eu tinha quase morrido
Não tinha medo da morte
Mas sua cara de decepção falou mais forte
Assim morria o meu vício de pichador
Você matou o pixote, pai
E fez nascer o pensador
E muita coisa rolou, te transformei em vovô
Te vi mais frágil e sério em alguns momentos de dor
E enxerguei no teu silêncio o que eu desfaço em mim
Que é uma angústia que parece que não tem mais fim
E mesmo assim a gente brinca o tempo inteiro
E sonhos os mesmos sonhos abraçando vários travesseiros
Herdei essa mania, também herdei a teimosia
E não me abro com meu velho como eu gostaria
Quando eu me sinto inseguro como um menino indeciso
Pra escutar a voz do pai que dizia "juízo"
Aquele simples aviso ainda me norteia
Como seu sangue que corre nas minhas veias
Muito obrigado por ter me feito nascer

Por ter me feito crescer
Por ter me feito que nem você
Por ter me dado vitamina C
Café da manhã, o senso crítico, a ironia
Um irmão e uma irmã
Por me levar no Ryan
Tem ovo de codorna
O chocolate em Gramado, o camarão na Joaquina
Muito obrigado pelo amendoim torrado na esquina
As figurinhas e o álbum
As injeções e o remédio
Os elogios, as notas no boletim do colégio
Por me levar na vó Miriam e na vó Raquel
Por eu ser o Gabriel, filho do doutor Miguel
Por me levar no consultório pra te ver trabalhar
Por ser o grande oftalmo que me fez enxergar
Que a vida é boa e eu não preciso ter medo
Muito obrigado, meu pai, por me contar seus segredos
E confiar em mim, como eu confio em você
Quando eu voltar vou te ligar, ainda tem mais pra dizer
Quando eu crescesse eu queria ser que nem você
Agora eu já cresci e ainda quero ser
Eu tenho a cara do pai e tenho cada vez mais
Eu tenho os olhos do pai e o coração
Quando eu crescesse eu queria ser que nem você
Agora eu já cresci e ainda quero ser
Eu tenho orgulho do pai e tenho cada vez mais
É muito orgulho, meu pai e gratidão
Oi filhão
Pai, olha o que eu fiz pra você
Pra mim? Brigado, garoto

Compositores: Gabriel Contino / Tiago Da Cal Alves. Letra de Muito Orgulho, Meu Pai © Warner Chappell Music, Inc

Clipe disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=GefKTM8ly6o>> Acesso em 12 Jan. de 2021)
Disponível em <<https://www.vagalume.com.br/gabriel-pensador/muito-orgulho-meu-pai.html>> Acesso em 12 jan. 2021



Gabriel Contino, com nome artístico de Gabriel O Pensador, nasceu em 04 de março de 1974. Rapper. Compositor. Filho da jornalista Belisa Ribeiro. Passou a adolescência no bairro de São Conrado, Zona Sul do Rio de Janeiro, onde conviveu com moradores da favela da Rocinha, o que o aproximou do universo rap. Chegou a cursar Comunicação na PUC-Rio, porém abandonou os estudos para se dedicar exclusivamente à música. Seu irmão (por parte de mãe) Tiago Mocotó também é músico e cantor. Em 2001, lançou na Bienal do Livro, no Rio de

Janeiro, o livro "Diário Noturno", pela Editora Objetiva. Neste mesmo ano lançou também o livro "Um garoto chamado Roberto" (Editora Cosacnaify). Casado com a também cantora de sua banda Aninha Lima, com quem tem dois filhos: Tom e Davi, este último, nascido em 2005. Considerado um dos artistas brasileiros que mais desenvolveram o rap no Brasil, obteve também grande sucesso em Portugal a partir de 1996, país para qual faz constantes viagens para turnê de divulgação de seus discos.

Disponível em <<https://dicionariompb.com.br/gabriel-o-pensador/dados-artisticos>> Acesso em 12 jan. 2021.



O QUE É RAP?

RAP é a sigla em inglês de *rhythm and poetry* (ritmo e poesia). Ao cantar, o rapper expressa seus sentimentos, opiniões, seus ideais mais profundos.

De onde vem? Tudo começou em terras jamaicanas, na década de 1960, quando grupos de músicos se reuniam em festas nas ruas do país, mais precisamente nos guetos. Esses encontros foram impulsionados pelo surgimento de equipamentos sonoros capazes de amplificar o som. Dessa forma, o caráter democrático do rap já se mostrava presente e essencial desde a sua criação. Eram rimas que podiam ser cantadas à capela ou acompanhadas de uma melodia, característica do estilo musical que permanece forte até hoje. Também nesse período, apareceu o beatbox, que é uma forma de reproduzir efeitos sonoros com a boca. Assim, os rappers não precisavam de um equipamento para compôr, bastava que um deles dominasse essa técnica para acompanhar a letra. Na década de 70, quando jamaicanos migraram para os EUA, o ritmo estourou. Rapidamente, as letras que retratavam o sofrimento das classes mais oprimidas começaram a fazer sucesso nos bairros suburbanos dos EUA. O povo se identificou de cara com as mensagens transmitidas pelas composições. No Brasil, esse estilo chegou por volta dos anos 80 e conquista cada vez mais fãs. Além da sua importância musical, ele também tem relevância social. Os rappers do nosso país inspiram e incentivam os jovens das favelas e das periferias a se afastar da criminalidade, com mensagens marcantes de luta e superação.

Disponível em <<https://www.letras.mus.br/blog/historia-do-rap/>> Acesso em 13 de jan 2021

MEMÓRIAS DE FAMÍLIA

HISTÓRIAS CONTADAS

Forme grupo com colegas da turma e converse sobre o clipe a que acabou de assistir. Ao final, cada grupo socializará suas conclusões para a turma.

- Comente suas impressões sobre o rap. Destaque as partes que mais chamaram sua atenção tanto na letra quanto no clipe.
- O que a relação com o pai representou para a formação do filho, de acordo com a letra? O que o filho diz que herdou de seu pai?
- Relacione a música à crônica, o que os textos têm em comum? Comente.
- Com base em tudo que vimos até aqui, dialogue sobre o que você pensava a respeito de memória e identidade e o que as leituras e discussões até aqui trouxeram de diferente para você.

Como você viu, cada texto conta uma história sobre memória, infância e legado. Cada pessoa tem a sua história, que se conecta com a história de seus pais, avós, bisavós.

- Converse com seus pais, avós, bisavós, peça que lhe contem histórias sobre você, sua infância, que talvez você nem se lembre;
- Peça-lhes que contem histórias sobre a infância deles, brincadeiras que faziam; um importante acontecimento; a história dos antepassados, entre outras histórias. Ouça-os com atenção. Você, com certeza, irá descobrir histórias encantadoras.

3º MOMENTO

Quem sou eu

TECENDO IDEIAS

EXPRESSÃO ESCRITA

Partindo das reflexões que fizemos até aqui sobre a relação entre quem somos e nossas raízes, construa um texto em que o enredo seja a sua própria história. Tente lembrar sobre fatos que marcaram sua vida, que contribuíram para sua maneira de ser hoje. Lembre-se das histórias que já contaram para você sobre sua infância. Pense em seus familiares; quem são seus antepassados, que histórias conhece sobre eles, quais são suas lembranças sobre eles.

Seu texto pode ser em forma de poema, crônica ou rap. Dê um título ao seu texto. Ele irá compor o mural da sala de aula com o nome **Minhas raízes, minha identidade**.

Meus rabiscos – Algumas sugestões

Se escolher produzir um poema:

- Escreva seu texto em versos;
- Se quiser, organize o poema em estrofes;
- Procure empregar palavras, expressões e frase em sentido figurado;
- Experimente dar sonoridade aos versos, fazendo uso de ritmo e rimas;
- Faça versos curtos.

Se escolher produzir uma crônica:

- Procure contar sua história de uma forma que envolva o(a) leitor(a)/ouvinte, despertando nele(a) o interesse pela narração e a vontade de chegar ao final dela. Se possível, guarde uma surpresa para o final;
- Faça apresentação das personagens;
- Lembre-se de que sua história ficará afixada no mural da sala de aula e, portanto, será lida pelos colegas e funcionários da escola.

Se escolher produzir um rap:

- Lembre-se de que rap é ritmo e poesia, portanto, a rima é fundamental;
- Selecione as principais palavras sobre o assunto de seu texto e comece a encontrar outras palavras que rimem com elas;
- Se preferir, convide alguns colegas da sala para apresentar com você;
- Treine sua apresentação para não perder o ritmo.

CEREJA, Willian; VIANNA, Carolina Dias. Português Linguagens: 8º Ano. 9ª ed. – São Paulo: Atual, 2018
CEREJA, Willian; VIANNA, Carolina Dias. Português Linguagens: 9º Ano. 9ª ed. – São Paulo: Atual, 2018
Rap: Disponível em < <https://www.comofazer.org/lazer/dicas-para-fazer-rap/> > Acesso em 13 jan. 2021

4º MOMENTO

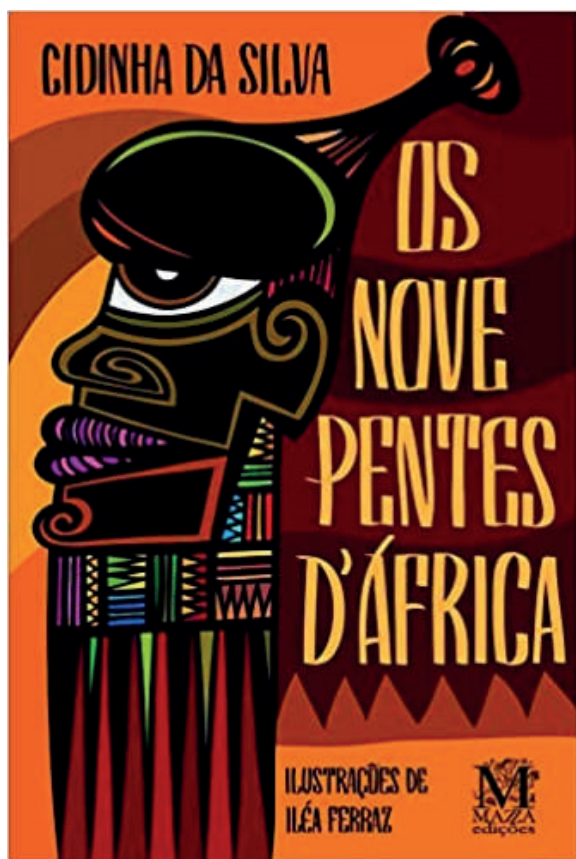
Minhas raízes, minha identidade Círculo de leitura

Neste momento, você irá socializar o texto que produziu sobre você fazendo a leitura em voz alta. Ao final, comente com os colegas o que achou da experiência de escrever sobre si mesmo. Todos os textos serão afixados no mural da sala de aula.



A sugestão é fazer junto com os alunos uma árvore no mural da sala para que eles possam afixar suas produções após compartilharem a leitura com a turma.

UM CONVITE À LEITURA DO LIVRO



Na próxima etapa, iniciaremos a leitura coletiva do livro *Os nove pentes D'África*. São pentes que trazem muitos significados e muitas histórias. Por meio das histórias do livro, vamos tecendo os fios da nossa própria história, compreendendo nossa cultura e a herança deixada pelos que vieram antes de nós.

2ª ETAPA

Passaporte para a África

TEMPO ESTIMADO

6 aulas

ESPAÇO

Sala de aula ou biblioteca/Sala de vídeo/Sala de informática

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

História, Geografia, Arte

OBJETIVOS:

- Investigar a relação dos alunos com a prática de contação de história;
- Ler os três primeiros capítulos do livro *Os nove pentes D'África*;
- Investigar o nível de conhecimento dos alunos sobre a África;
- Dialogar sobre os temas presentes nesse capítulo;
- Perceber a importância da história e cultura da África;
- Estimular o hábito da leitura;
- Conhecer mito africano;
- Posicionar-se criticamente em relação ao que lê e assiste.

MATERIAL UTILIZADO

- Exemplares do livro *Os nove pentes D'África*, de Cidinha da Silva;
- Cópias dos textos que serão trabalhados neste encontro;
- Computador;
- Datashow;
- Caixa de som;
- Mapa mundi político (mantido na sala durante todo o projeto)
- Papel cenário;
- Canetas coloridas.

Nesta etapa, os alunos terão a oportunidade de ler os primeiros capítulos do livro e conversar sobre eles; além disso, farão uma discussão sobre o perigo de se construir conceito sobre determinado lugar e seu povo apenas por um único ângulo.

1º MOMENTO

Desenrolando os fios do enredo

De conversa em conversa...

Hoje começaremos a leitura coletiva do livro *Os nove pentes D'África*, da escritora Cidinha da Silva. Faremos a leitura dos três primeiros capítulos do livro. E, além disso, contaremos outras e mais outras histórias.

- Você gosta de ouvir histórias?
- Gosta de contar histórias?
- Alguém de sua família gosta e conta histórias para você?
- Que tipo de história você gosta de ouvir?

Da conversa para a leitura

Antes de ir para a leitura do livro, vamos conhecer um pouco sobre a escritora Cidinha da Silva.



Quem é Cidinha da Silva? A autora nasceu em Belo Horizonte, em 1967. É escritora e editora na Kuanza Produções. Publicou 17 livros distribuídos pelos gêneros crônica, conto, ensaio, dramaturgia e infantil/juvenil. Um Exu em Nova York, recebeu o Prêmio da Biblioteca Nacional (contos, 2019) e Explosão Feminista (ensaio), do qual é co-autora, foi finalista do Jabuti (2019), e recebeu o Prêmio de Literatura + Edição (2019). Tem publicações em alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano. Seus livros estão disponíveis no site da Kuanza Produções: www.kuanzaproducoes.com.br. Dois livros recentes da autora, *Um Exu em Nova York* (2018) e *Exuzilhar* (2019), primeiro volume de uma série com suas melhores crônicas, ajudaram a compreender que sua pesquisa estética bebe da fonte das africanidades, orixalidades, ancestralidades e da tensão e diálogo entre tradições (africanas, afro-brasileiras, afro-diaspóricas e afro-indígenas) e contemporaneidade. Esse é seu principal tema. Outras temáticas fortes de sua obra são racismo, discriminação racial, desigualdades raciais e de gênero, entre outras questões de Direitos Humanos, mas estas não constituem seu tema central, a centralidade está nas africanidades de um modo geral. Outros temas que lhe despertam especial interesse são: *morte, amor, futebol, política*, a autora gosta muito de política e escreve bastante sobre esse tema.

Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/186-cidinha-da-silva>> Acesso em 10 dez. 2020

Mas, que livro é esse?

A autora Cidinha da Silva tece, neste livro, uma linda história de tradição e contemporaneidade na voz da narradora Bárbara, de dezesseis anos, neta de seu Francisco Ayrá, um contador de histórias, um guardião das memórias - um griot “que com muita inteligência partilha com toda a sua família os saberes que são perpetuados mesmo depois de sua passagem para o orum. Vô Francisco tem nove netos para os quais deixa nove pentes presentes de madeira esculpida com símbolos de sua ancestralidade africana. Esses pentes contam histórias do passado que contribuem para ressignificar o presente e o futuro de seus netos. Além de temas que envolvem a cultura africana, o livro também aborda sobre amizade, morte, preconceito, discriminação, deficiência física, adoção, cabelo black power, capoeira. “O livro de Cidinha da Silva nos proporciona, navegar no barco da memória e da vida”.

“A literatura tem uma função política e social e todo (a) escritor (a) é um homem, ou melhor, uma mulher do seu tempo que faz do código escrito o seu porta voz para alcançar os diversos grupos sociais e assim Cidinha da Silva tece, trança as palavras como uma sábia que olha o cotidiano sem deixar que os detalhes passem despercebidos. Podemos defini-la como um griot da memória que se utiliza da literatura para recontar a história de vários Franciscos, Bernas, Barbinhas, Lucianas, Aganjus, Zanzinhos e muitos outros”.

Fonte adaptada da Revista África e Africanidades disponível em https://africaeaficanidades.net/documentos/Os_nove_pentes_d_Africa.pdf Acesso em 06 dez. 2020

ANTES DA LEITURA¹

Apresentação do livro: Converse com os alunos sobre o livro, o motivo da escolha, apresente-lhes o projeto de leitura, deixe que vejam as ilustrações, as partes que compõem o livro:

- Capa: as cores, a ilustração;
- Contracapa ou 4ª capa: estimule-os a inferir sobre o objetivo do texto da contracapa;
- Orelha do livro: ler com eles o texto;
- Dedicatória;
- Outras informações, como ficha catalográfica: editora e ano de publicação, número de páginas, etc.
- Proponha começar a leitura, e os alunos, se preferirem, poderão dar continuidade. Informe-os que a leitura irá ocorrer sem interrupções para que não se perca o ritmo, mas haverá espaço para discussão sobre os capítulos após a leitura. Informe-os, também, que o livro tem 12 capítulos e, a cada etapa, serão lidos e discutidos três capítulos junto com eles.
- Afixe na sala um mapa-múndi em que o continente africano esteja bem nítido para que os alunos visualizem os países de origem dos mitos que serão lidos durante o projeto;
- Proponha, também, montarem juntos um mural no patio da escola para que possam expor os resultados de pesquisas e descobertas que farão sobre a África.

Instigue-os a refletir sobre o porquê de a autora colocar os pentes como representação da África? O que o pente pode representar na cultura africana?

1. A Editora Mazza edições lançou em 2018 um Manual digital do professor com dicas para trabalhar o livro. Disponível em <https://www.mazzaedicoes.com.br/wbgapp/assets/media/pnl-d/2020-MANUAL-DO-PROFESSOR-OS-NOVE-PENTES-DAFRICA.pdf> Acesso em 31 jan 2021.

DEPOIS DA LEITURA

Embora os capítulos sejam pequenos, há muita simbologia, palavras e expressões que merecem atenção e pausa para uma conversa. Por isso, faz-se necessário, a partir do contexto, instigar os alunos à apreensão de seus significados. Retome trechos da leitura para que possam refletir sobre eles, entendê-los melhor e, assim, envolverem-se na leitura. Importante destacar que as perguntas apresentadas neste caderno não têm a pretensão de esgotar as possibilidades de leitura, são apenas alguns apontamentos de abordagem para estimular os alunos a manifestarem-se sobre o sentido do texto para eles, o que pensam sobre o que leram. Os alunos, enquanto sujeitos leitores, podem e devem se manifestar sobre as leituras. Esse momento de leitura compartilhada, de conversa sobre o livro amplia as competências linguística e comunicativa, além de possibilitar maior interesse e envolvimento do aluno à leitura literária.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Destaque e comente com os colegas trechos que mais chamaram sua atenção nessa leitura.
- O que já conseguimos saber, nesses três primeiros capítulos, sobre a família Quintiliano? Reconte à sua maneira a história de amor entre Vô Francisco e Vó Berna.
- Vô Francisco é marceneiro, quais temas ele prefere esculpir na madeira? Por quê?
- O que Vô Francisco mais gostava de fazer junto com os netos no fim da tarde era contar histórias. Que tipo de histórias ele contava? E por que, para ele, era tão importante contar histórias para seus netos?
- No capítulo 2, participamos de um momento de contação de história de Vô Francisco e conhecemos a história da “Flor amarela”. O que essa história significou para você?
- Vô Francisco deixa para cada neto um pente de madeira. O que esse pente tem de especial? Fale-nos sobre os pentes que aparecem nesses três capítulos – **Pente-Baobá, Pente-da-Alegria, Pente-do-Amor – e quem os recebeu.**
- O terceiro capítulo tem o título “De passagem”. Que “passagem” é narrada nesse capítulo e como foi narrada?

Como você percebeu, Vô Francisco é aposentado, mas ainda trabalha com marcenaria e cria lindos objetos de madeira a partir da história e cultura da África. Além disso, vô Francisco é um grande contador de histórias. Ele é um Griot – o guardião das culturas e memórias dos povos africanos. Ele tira suas ideias de “lembranças de tempos desconhecidos” com o intuito de preservar a cultura de sua ancestralidade africana. Para Vô Francisco, é importante que seus netos conheçam as histórias ignoradas sobre a África. Afinal, não existe apenas uma história sobre esse continente, não é mesmo?

- O que você sabe sobre a África? Sobre seus países? Você conhece alguma história da África? Algum mito ou lenda? Considera importante saber sobre esse continente? Tente se lembrar do que já ouviu ou leu sobre a África e registre em seu caderno. Esse registro será importante, pois, ao final da leitura do livro e das discussões, você poderá comparar o que escreveu com o que conseguiu descobrir sobre o continente africano.

No próximo momento, você irá conhecer uma escritora que também considera fundamental conhecermos o outro lado da história.

2º MOMENTO

Nunca há uma história única sobre nenhum lugar

TECENDO REDES

Vamos assistir agora a um pequeno vídeo de uma escritora da Nigéria. Seu nome é Chimamanda Ngozi Adichie. Em julho de 2009, a autora deu uma palestra para TED - *Technology, Entertainment, Design - Ideas Worth Spreading* (em português: Tecnologia, Entretenimento, Planejamento - ideias que merecem ser compartilhadas) sobre *O perigo de uma história única*, assistido por milhares de pessoas e em mais de 40 línguas.

De conversa em conversa...

- Levante hipótese: o que você entende por história única?
- Qual seria o perigo de uma história única?

Vamos ler o box para saber um pouco mais sobre essa escritora.



Chimamanda Ngozi Adichie é uma importante escritora da Nigéria. Nascida em 15 de setembro de 1977, ela já teve seus livros traduzidos para mais de 30 idiomas. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie vem conquistando leitores desde a publicação de seus primeiros contos e romances. Seu primeiro romance, *Hibisco roxo* (2003), foi finalista do Orange Prize (atual Baileys Women's Prize) de 2004 e vencedor do prêmio de melhor primeiro livro do Commonwealth Writers. Já *Meio sol amarelo* (2006), sobre a guerra do Biafra, venceu o prêmio de ficção do Baileys Women's Prize de 2007 e o de "melhor dos melhores" da década do mesmo prêmio. Para além da escrita de ficção, ela é uma importante voz do feminismo e do debate de questões de relevância social, realizando palestras e publicando manifestos em livros de não ficção.

Disponível em <<https://www.taglivros.com/blog/7-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-chimamanda-adichie/>> Acesso em 05 dez. 2020

Da conversa ao vídeo

Assista com atenção ao vídeo de Chimamanda Ngozi Adichie e compare com o que você pensou sobre o tema².

2. O vídeo está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qDovHZVdyVQ>> Acesso em 05 dez. 2021

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

Forme grupo com alguns colegas da sala e discuta a partir das questões a seguir. Ao final, haverá o momento para socializar com toda a turma as conclusões do grupo e ampliar o debate.

- O que você achou da história de vida da escritora Chimamanda Adichie? Conte-nos o que mais chamou sua atenção na palestra da escritora.
- A autora começa dizendo que é uma contadora de história. Como e quando ela começou a gostar de história?
- A autora diz que já na infância gostava de escrever histórias. Sobre o que ela escrevia e por quê?
- Fide é o filho da mulher que trabalhava na casa de Chimamanda. O que sua mãe dizia sobre o menino e o que ela descobriu quando esteve na casa dele? Por que essa descoberta foi importante para ela?
- Como foi a experiência de conviver, no mesmo quarto, com uma colega norte-americana durante a faculdade nos Estados Unidos?
- Comente o que entendeu dessa frase da autora "... mostre um povo como uma única coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão."
- Qual é o perigo de uma história única na visão da autora? Explique.
- Você concorda com a autora quando ela explica o perigo de uma história única? Comente e registre em seu caderno um resumo do que entendeu sobre o tema debatido.

SUGESTÃO DE LEITURA

Se preferir, distribua cópias da transcrição do vídeo para os alunos e leia com eles alguns trechos do discurso de Chimamanda Adichie para sanar-lhes algumas dúvidas e ampliar a possibilidade do diálogo.

O vídeo em texto Chimamanda Adichie: O perigo de uma única história



Eu sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar "o perigo de uma história única".

Eu cresci num campus universitário no leste da Nigéria. Minha mãe diz que eu comecei a ler com dois anos, mas eu acho que quatro é provavelmente mais próximo da verdade. Então, eu fui uma leitora precoce. E o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos. Eu fui também uma escritora precoce. E quando comecei a escrever, por volta dos sete anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de histórias que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve.

Comiam maçãs. (Risos da plateia) E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido. (Risos da plateia), apesar do fato que eu morava na Nigéria.

Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve, nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre porque as personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não tivesse a mínima ideia do que era cerveja de gengibre. (Risos da plateia) E por muitos anos depois, eu desejei desesperadamente experimentar cerveja de gengibre. Mas isso é outra história. A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis em face de uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua própria natureza, tinham que ter estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. Bem, as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são.

Eu venho de uma família nigeriana convencional, de classe média. Meu pai era professor. Minha mãe, administradora. Então nós tínhamos como era normal, empregada doméstica, que frequentemente vinha das aldeias rurais próximas. Então, quando eu fiz oito anos, arranjamos um novo menino para a casa. Seu nome era Fide. A única coisa que minha mãe nos disse sobre ele foi que sua família era muito pobre. Minha mãe enviava inhames, arroz e nossas roupas usadas para sua família. E quando eu não comia tudo no jantar, minha mãe dizia: “Termine sua comida! Você não sabe que pessoas como a família de Fide não tem nada?” Então eu sentia uma enorme pena da família de Fide.

Então, num sábado, nós fomos visitar a sua aldeia e sua mãe nos mostrou um cesto com um padrão lindo, feito de ráfia seca por seu irmão. Eu fiquei atônita! Nunca havia pensado que alguém em sua família pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que eu tinha ouvido sobre eles era como eram pobres, assim havia se tornado impossível pra mim vê-los como alguma coisa além de pobres. Sua pobreza era minha história única sobre eles.

Anos mais tarde, pensei nisso quando deixei a Nigéria para cursar universidade nos Estados Unidos. Eu tinha 19 anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando eu disse que, por acaso, a Nigéria tinha o inglês como sua língua oficial. Ela perguntou se podia ouvir o que ela chamou de minha “música tribal” e, conseqüentemente, ficou muito desapontada quando eu toquei minha fita da Mariah Carey. (Risos da plateia) Ela presumiu que eu não sabia como usar um fogão.

O que me impressionou foi que: ela sentiu pena de mim antes mesmo de ter me visto. Sua

posição padrão para comigo, como uma africana, era um tipo de arrogância bem intencionada, piedade. Minha colega de quarto tinha uma única história sobre a África. Uma única história de catástrofe. Nessa única história não havia possibilidade de os africanos serem iguais a ela, de jeito nenhum. Nenhuma possibilidade de sentimentos mais complexos do que piedade. Nenhuma possibilidade de uma conexão como humanos iguais.

Eu devo dizer que antes de ir para os Estados Unidos, eu não me identificava, conscientemente, como uma africana. Mas nos EUA, sempre que o tema África surgia, as pessoas recorriam a mim. Não importava que eu não soubesse nada sobre lugares como a Namíbia. Mas eu acabei por abraçar essa nova identidade. E, de muitas maneiras, agora eu penso em mim mesma como uma africana. Entretanto, ainda fico um pouco irritada quando se referem à África como um país. O exemplo mais recente foi meu maravilhoso voo de Lagos, dois dias atrás, não fosse um anúncio de um voo da Virgin sobre o trabalho de caridade na “Índia, África e outros países”. (Risos da plateia)

Então, após ter passado vários anos nos EUA como uma africana, eu comecei a entender a reação de minha colega para comigo. Se eu não tivesse crescido na Nigéria e se tudo que eu conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África fosse um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por elas mesmas e esperando serem salvos por um estrangeiro branco e gentil. Eu veria os africanos do mesmo jeito que eu, quando criança, havia visto a família de Fide.

Eu acho que essa única história da África vem da literatura ocidental. Então, aqui temos uma citação de um mercador londrino chamado John Locke, que navegou até o oeste da África em 1561 e manteve um fascinante relato de sua viagem. Após referir-se aos negros africanos como “bestas que não tem casas”, ele escreve: “Eles também são pessoas sem cabeças, que “têm sua boca e olhos em seus seios.” Eu rio toda vez que leio isso, e deve-se admirar a imaginação de John Locke. Mas o que é importante sobre sua escrita é que ela representa o início de uma tradição de contar histórias africanas no Ocidente. Uma tradição da África subsaariana como um lugar negativo, de diferenças, de escuridão, de pessoas que, nas palavras do maravilhoso poeta, Rudyard Kipling, são “metade demônio, metade criança”.

E então eu comecei a perceber que minha colega de quarto americana deve ter, por toda sua vida, visto e ouvido diferentes versões de uma única história. Como um professor, que uma vez me disse que meu romance não era “autenticamente africano”. Bem, eu estava completamente disposta a afirmar que havia uma série de coisas erradas com o romance, que ele havia falhado em vários lugares. Mas eu nunca teria imaginado que ele havia falhado em alcançar alguma coisa chamada autenticidade africana. Na verdade, eu não sabia o que era “autenticidade africana”. O professor me disse que minhas personagens pareciam-se muito com ele, um homem educado de classe média. Minhas personagens dirigiam carros, elas não estavam famintas. Por isso elas não eram autenticamente africanas.

Mas eu devo rapidamente acrescentar que eu também sou culpada na questão da única história. Alguns anos atrás, eu visitei o México saindo dos EUA. O clima político nos EUA àquela época era tenso. E havia debates sobre imigração. E, como frequentemente acontece na América, imigração tornou-se sinônimo de mexicanos. Havia histórias infundáveis de mexicanos como pessoas que estavam espoliando o sistema de saúde,

passando às escondidas pela fronteira, sendo presos na fronteira, esse tipo de coisa. Eu me lembro de andar no meu primeiro dia por Guadalajara, vendo as pessoas indo trabalhar, enrolando tortilhas no supermercado, fumando, rindo. Eu me lembro que meu primeiro sentimento foi surpresa. E então eu fiquei oprimida pela vergonha. Eu percebi que eu havia estado tão imersa na cobertura da mídia sobre os mexicanos que eles haviam se tornado uma coisa em minha mente: o imigrante abjeto. Eu tinha assimilado a única história sobre os mexicanos e eu não podia estar mais envergonhada de mim mesma. Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é “nkali”.

É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer destituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos, e você tem uma história totalmente diferente. Comece a história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente.

Recentemente, eu palestrei numa universidade onde um estudante me disse que era uma vergonha que homens nigerianos fossem agressores físicos como a personagem do pai no meu romance. Eu disse a ele que eu havia terminado de ler um romance chamado “Psicopata Americano” – (Risos da plateia) e que era uma grande pena que jovens americanos fossem assassinos em série. (Risos da plateia e aplausos) É óbvio que eu disse isso num leve ataque de irritação. (Risos da plateia)

Nunca havia me ocorrido pensar que só porque eu havia lido um romance no qual uma personagem era um assassino em série, que isso era, de alguma forma, representativo de todos os americanos. E agora, isso não é porque eu sou uma pessoa melhor do que aquele estudante, mas, devido ao poder cultural e econômico da América, eu tinha muitas histórias sobre a América. Eu havia lido Tyler, Updike, Steinbeck e Gaitskill. Eu não tinha uma única história sobre a América.

Quando eu soube, alguns anos atrás, que escritores deveriam ter tido infâncias realmente infelizes para ter sucesso, eu comecei a pensar sobre como eu poderia inventar coisas horríveis que meus pais teriam feito comigo. (Risos da plateia) Mas a verdade é que eu tive uma infância muito feliz, cheia de risos e amor, em uma família muito unida.

Mas também tive avós que morreram em campos de refugiados. Meu primo Polle morreu porque não teve assistência médica adequada. Um dos meus amigos mais próximos, Okoloma, morreu num acidente aéreo porque nossos caminhões de bombeiros não tinham água. Eu cresci sob governos militares repressivos que desvalorizavam a educação, então, por vezes, meus pais não recebiam seus salários. E então, ainda criança, eu vi a geleia desaparecer do café-da-manhã, depois a margarina desapareceu, depois o pão tornou-se muito caro, depois o leite ficou racionado. E acima de tudo, um tipo de medo político normalizado invadiu nossas vidas.

Todas essas histórias fazem de mim quem eu sou. Mas insistir somente nessas histórias negativas é superficializar minha experiência e negligenciar as muitas outras histórias que me formaram. A “única história cria estereótipos”. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.

Claro, África é um continente repleto de catástrofes. Há as enormes, como as terríveis violações no Congo. E há as depressivas, como o fato de 5.000 pessoas candidatarem-se a uma vaga de emprego na Nigéria. Mas há outras histórias que não são sobre catástrofes. E é muito importante, é igualmente importante, falar sobre elas. Eu sempre achei que era impossível relacionar-me adequadamente com um lugar ou uma pessoa sem relacionar-me com todas as histórias daquele lugar ou pessoa. A consequência de uma única história é essa: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada difícil. Enfatiza como nós somos diferentes ao invés de como somos semelhantes. E se antes de minha viagem ao México eu tivesse acompanhado os debates sobre imigração de ambos os lados, dos Estados Unidos e do México? E se minha mãe nos tivesse contado que a família de Fide era pobre e trabalhadora? E se nós tivéssemos uma rede televisiva africana que transmitisse diversas histórias africanas para todo o mundo? O que o escritor nigeriano Chinua Achebe chama “um equilíbrio de histórias.”

E se minha colega de quarto soubesse do meu editor nigeriano, Mukta Ba karay, um homem notável que deixou seu trabalho em um banco para seguir seu sonho e começar uma editora? Bem, a sabedoria popular era que nigerianos não gostam de literatura. Ele discordava. Ele sentiu que pessoas que podiam ler, leriam se a literatura se tornasse acessível e disponível para elas.

Logo após ele publicar meu primeiro romance, eu fui a uma estação de TV em Lagos para uma entrevista. E uma mulher que trabalhava lá como mensageira veio a mim e disse: “Eu realmente gostei do seu romance, mas não gostei do final. Agora você tem que escrever uma sequência, e isso é o que vai acontecer...” (Risos da plateia) E continuou a me dizer o que escrever na sequência. Agora eu não estava apenas encantada, eu estava comovida. Ali estava uma mulher, parte das massas comuns de nigerianos, que não se supunham ser leitores. Ela não só tinha lido o livro, mas ela havia se apossado dele e se sentia no direito de me dizer o que escrever na sequência.

Agora, e se minha colega de quarto soubesse de minha amiga Fumi Onda, uma mulher destemida que apresenta um show de TV em Lagos, e que está determinada a contar as histórias que nós preferimos esquecer? E se minha colega de quarto soubesse sobre a cirurgia cardíaca que foi realizada no hospital de Lagos na semana passada? E se minha colega de quarto soubesse sobre a música nigeriana contemporânea? Pessoas talentosas cantando em inglês e Pidgin, e Igbo e Yoruba e Ijo, misturando influências de Jay-Z a Fela, de Bob Marley a seus avós. E se minha colega de quarto soubesse sobre a advogada que recentemente foi ao tribunal na Nigéria para desafiar uma lei ridícula que exigia que as mulheres tivessem o consentimento de seus maridos antes de renovarem seus passaportes? E se minha colega de quarto soubesse sobre Hollywood, cheia de pessoas inovadoras fazendo filmes apesar de grandes questões técnicas? Filmes tão populares que são realmente os melhores exemplos de que nigerianos consomem o que produzem. E se minha colega de quarto soubesse da minha maravilhosamente ambiciosa trançadora de cabelos, que acabou de começar seu próprio negócio de vendas de extensões de cabelos? Ou sobre os milhões de outros nigerianos que começam negócios e às vezes fracassam, mas continuam a fomentar ambição?

Toda vez que estou em casa, sou confrontada com as fontes comuns de irritação da maioria dos nigerianos: nossa infraestrutura fracassada, nosso governo falho. Mas também pela incrível resistência do povo que prospera apesar do governo, ao invés de devido a ele. Eu ensino em workshops de escrita em Lagos todo verão. E é extraordinário, pra mim, ver quantas pessoas se inscrevem, quantas pessoas estão ansiosas por escrever, por contar histórias. Meu editor nigeriano e eu começamos uma ONG chamada Farafina Trust. E nós temos grandes sonhos de construir bibliotecas e recuperar bibliotecas que já existem e fornecer livros para escolas estaduais que não têm nada em suas bibliotecas, e também organizar muitos e muitos workshops, de leitura e escrita para todas as pessoas que estão ansiosas para contar nossas muitas histórias. Histórias importam. Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida. A escritora americana Alice Walker escreveu isso sobre seus parentes do sul que haviam se mudado para o norte. Ela os apresentou a um livro sobre a vida sulista que eles tinham deixado para trás. “Eles sentaram-se em volta, lendo o livro por si próprios, ouvindo-me ler o livro e um tipo de paraíso foi reconquistado.” Eu gostaria de finalizar com esse pensamento: Quando nós rejeitamos uma única história, quando percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso. Obrigada. (Aplausos).

Publicado em 16 mar. 2010 em **África e sua diáspora, Em Pauta, Mulher Negra**

Translated into Portuguese (Brazil) by Erika Barbosa Reviewed by Belucio Haibara

CONFERÊNCIA ANUAL – TED GLOBAL 2009 – DE 21 A 24 de JULHO – OXFORD, REINO UNIDO

TEMA: “A Essência das Coisas Não Visíveis”

Disponível em <https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/> Acesso em 05 dez. 2020

3º MOMENTO

Na Geografia da história

ATIVIDADE DE PESQUISA

Você percebeu que, quando criança, Chimamanda Adichie gostava de escrever sobre crianças brancas que gostavam de comer maçãs e brincavam na neve. Ela escrevia conforme as histórias que ela lia. Ela não conhecia as histórias de seu povo nigeriano, não conhecia a própria cultura. Quando foi para a faculdade, nos Estados Unidos, dividiu o quarto com uma colega norte-americana que conhecia a Nigéria a partir de uma única história.

- E você? O que sabe sobre esse país?
- O que estava acontecendo na Nigéria quando Chimamanda nasceu em 1977? Qual era a situação política da Nigéria na década de 1970?
- Faça uma busca na internet para conhecer um pouco sobre a Nigéria: localização, capital, moeda, sistema de governo, línguas, religiões, tecnologias, fauna e flora, curiosidades, história, artes plásticas, literatura, cinema. Anote no caderno, resumidamente, o que descobriu. Mas lembre-se: 'não há uma história única sobre nenhum lugar', portanto, pesquise em mais de um site as informações que deseja e busque compará-las.
- Ao final, apresente para os colegas o resumo de sua pesquisa e o que mais o surpreendeu sobre esse país.
- Organize com a turma e professores(as) uma exposição, com imagens e pequenos textos, para o mural da escola com os resultados da pesquisa.

4º MOMENTO

Narrativas de tradição oral: primeiras histórias

Como você já sabe, tanto Vô Francisco, personagem do livro *Os nove pentes D'África*, quanto a escritora nigeriana Chimamanda Adichie – ambos contadores de história – consideram fundamental conhecer as nossas raízes, a nossa cultura – cultura de nossos antepassados. E conhecer a nossa cultura também significa conhecer, ainda que em parte, a rica cultura africana.

RETOMANDO A HISTÓRIA

No segundo capítulo do livro *Os nove pentes D'África*, ficamos sabendo que a neta Ana Lúcia é a primeira a receber o pente-presente de seu avô. E, para ela, Vô Francisco escolheu o **Pente Baobá**. Nos próximos capítulos conheceremos melhor essa personagem e descobriremos o porquê desse presente.

- Você sabe o que é Baobá e o que representa para a cultura africana?



Baobá é uma árvore de origem africana, conhecida como Árvore da vida ou Árvore do Mundo. Ela é um dos símbolos fundamentais das culturas africanas tradicionais e representa a **conexão entre o mundo sobrenatural e o material** através da qual os deuses primordiais chegaram ao local aonde deveriam proceder o início do processo de criação do espaço material. **Representa o princípio de todas as coisas**. Representa também a força do povo negro, sua ligação com os antepassados e a manutenção do equilíbrio da coletividade.

A árvore Baobá pode chegar a seis mil anos de idade, atingir mais de 40 metros de altura e até mesmo 40 metros de circunferência dependendo da espécie, já que existem diversas espécies de Baobás.

Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais/>>
Acesso em 20 jan. 2021

Do texto ao vídeo Exibição do vídeo – Baóba, árvore da Vida³

Assita ao vídeo sobre a história da árvore Baobá exibido pela TV pública de Angola, na África e disponível na plataforma Youtube.



Roteiro e produção: Mwana Afrika – Oficina Cultural
Tempo de duração: 2' 48''

3. Vídeo disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=g-LZgQRqJ30> > Acesso em 20 jan. 2021

O continente africano preserva um grande tesouro de suas culturas em narrativas orais. Em muitas regiões da África, as histórias são preservadas por meio da tradição oral. São histórias passadas de geração a geração e dizem muito sobre seus costumes, religião e valores do povo, como por exemplo, os mitos e as lendas.

Vamos conhecer uma das muitas histórias que envolvem a árvore Baobá por meio de um Mito originário da Nigéria, país de Chimamanda Adichie.

TEXTO 1

Woyengi - Mãe Nossa

Cultura Ijo do sul da Nigéria

Na vasta eternidade do nada, algo despertou e o tempo foi criado. Numa fração de segundo, o Céu e a Terra foram formados. Na Terra havia um imenso campo e nesse campo se erguia uma enorme árvore iroko, também conhecida como Baobá, com raízes esparramadas.

Um dia, o céu escureceu e de lá desceu sobre o campo uma mesa grande, uma cadeira grande e uma imensa “pedra da criação”. E sobre a mesa havia uma grande quantidade de terra. Então houve relâmpagos e trovões, e Woyengi, a Mãe, desceu. Ela sentou-se na cadeira e colocou os pés sobre a “pedra da criação”. Com a terra sobre a mesa, Woyengi moldou os seres humanos. Mas eles não tinham vida, não eram nem homens nem mulheres, e Woyengi, abraçando um por um, soprou dentro de cada um deles que se tornaram seres vivos. Mas, como ainda não eram nem homens nem mulheres, Woyengi perguntou a cada um de qual sexo queria ser. Assim ela os fez, de acordo com a escolha deles.

Em seguida, Woyengi perguntou-lhes, um por um, que tipo de vida queria ter na Terra. Alguns pediram riquezas, outros pediram filhos, outros, ainda, vidas curtas, e coisas de todo tipo. E Woyengi concedeu essas coisas a cada um, conforme o desejo deles. Então Woyengi perguntou a cada um com que tipo de morte eles retornariam a ela. E, dentre as doenças que afligem a Terra, cada um escolheu a sua. A todos esses desejos Woyengi disse: “Assim seja”.

(FORD, Clyde W. O herói com rosto africano - Mitos da África. Tradução de Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999 - Selo Negro, p.180-181)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- De que fala o texto que acabou de ler?
- Você já conhecia essa história?
- Nesse mito, a Grande Mãe da Criação se revela em três símbolos, quais são eles?
- O que essa narrativa revela sobre a cultura do povo nigeriano?
- Conhece alguma história que se assemelha a essa? Conte-nos

TECENDO REDES

Como você pôde perceber até aqui, é muito importante que conheçamos as histórias de nossas origens, do nosso povo e nossa cultura. E o Espírito Santo também guarda belas histórias da tradição oral. Por isso, você irá ler agora uma lenda capixaba sobre o surgimento de duas montanhas no sul do estado.

TEXTO 2

O Frade e a Freira

Há muitos e muitos anos, um frade e uma freira peregrinavam juntos pregando a fé cristã aos povos nativos da região sul do estado do Espírito Santo.

A cumplicidade entre os dois era tanta, que aos poucos perceberam que o sentimento que carregavam era amor entre homem e mulher. Tentaram resistir, mas quem consegue fugir do amor? Aquela forte paixão tomou conta do coração e da alma, e acabaram se entregando um para o outro.

Um dia, estando os dois sobre uma grande elevação, Deus, percebendo o sofrimento de ambos, divididos entre o rigor do celibato e o fogo do amor, transformou suas imagens em duas grandes montanhas e, assim, eles viveram juntos pelo resto da vida.

(Adaptado do site<

<https://www.capixabadagama.com.br/vale-a-pena-conhecer-o-frade-e-a-freira-e-sua-lenda-amor-impossivel/>
> Acesso em 15 jan 2021

Em 1938, o poeta Benjamin Silva, de Cachoeiro de Itapemirim, também escreveu um soneto narrando essa história de amor impossível. Vamos conhecer.

TEXTO 3

O Frade e a Freira

Na atitude piedosa de quem reza
E como que num hábito embuçado,
Pôs naquele recanto a natureza
A figura de um frade recurvado.

E sob um negro manto de tristeza
Vê-se uma freira, tímida, a seu lado,
Que vive ali rezando, com certeza,
Uma oração de amor e de pecado...

Diz a lenda — uma lenda que
espalharam —
Que aqui, dentre os antigos habitantes,
Houve um frade e uma freira que se
amaram...

Mas Deus os perdoou lá do infinito,
E eternizou o amor dos dois amantes
Nessas duas montanhas de granito!

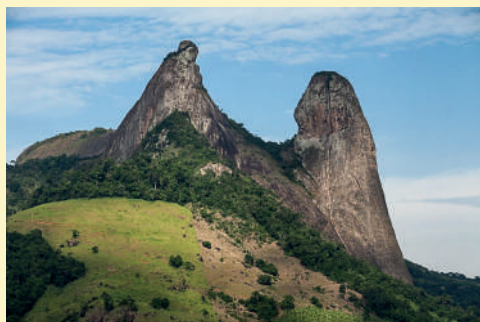
Soneto: é um poema que apresenta, em sua estrutura, uma forma fixa composta de quatorze versos, distribuídos em duas estrofes de quatro versos (quarteto) e duas estrofes de três versos (tercetos). Os versos mais comuns são o decassílabo (dez sílabas poéticas) e o alexandrino (doze sílabas poéticas). O soneto se tornou mais conhecido na Europa com os poetas italianos Dante Alighieri (sec. XIII) e Francesco Petrarca (XIV). Essa forma chegou ao Brasil por meio da poesia do baiano Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711). O amor é um dos principais temas do soneto.

OLIVEIRA, Ester Abreu Vieira de. **Dos encontros e desencontros do soneto de Athayr Cagnin e Beatriz Monjardim.** Revista Contexto. Vitória, n. 33, 2018/1, p.391-417

Benjamim Silva (1886 – 1954) nasceu na Fazenda de São Quirino, distrito de Castelo, no então município de Cachoeiro de Itapemirim, a 20 de julho de 1886. Faleceu no Rio de Janeiro, a 10 de junho de 1954. Poeta e comerciante. Foi diretor dos Armazéns Gerais da Empresa Guanabara, no Rio de Janeiro. Desde cedo dedicou-se à poesia. Colaborou em vários periódicos e desfrutou de prestígio nos meios literários de Cachoeiro de Itapemirim. Figura em várias antologias de poetas nacionais, com o soneto "O Frade e a Freira", que se tornou um dos mais conhecidos da poesia espírito-santense. OBRAS: "Escada da Vida", 1938 (poesia), prefácio de Atilio Vivacqua e ilustrações de Santa Rosa. Dados biográficos: ELTON, Elmo. Poetas do Espírito Santo. Vitória, UFES, FCAA, PMV, 1982.

Poema e dados biográficos Disponíveis em
<http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/espirito_santo/benjamin_silva.html> Acesso em 15 Jan. 2021.

VOCÊ SABIA?



A montanha "O Frade e a Freira" é um Patrimônio Natural Cultural e apresenta um conjunto granítico de 683 metros de altitude e está localizada no sul do Espírito Santo, na divisa dos municípios de Itapemirim, Rio Novo do Sul e Cachoeiro de Itapemirim.

Disponível em <https://iema.es.gov.br/MONA_Frade_Freira> Acesso em 15 jan. 2021

D. PEDRO II

A beleza do lugar encantou também o Imperador D. Pedro II, que em visita à Vila do Itapemirim, em 1860, fez um desenho da paisagem:



"Vista do Frade e a Freira tirada da canoa no Rio Novo na manhã de 9º"
D. Pedro II
(9/02/1860)

ROCHA, Levy. Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo. Coleção Canaã Vol. 7. 3ª Ed. Secretaria Estadual de Cultura - Vitória, ES, 2008, p. 236.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Você já conhecia essa lenda?
- Essa lenda fala de um lugar específico? Há alguma coisa de possível nessa narrativa? Comente.
- Conhece outras lendas da região onde vive? Ou outras lendas capixabas? Conte-nos uma.
- Você acabou de ler duas histórias classificadas como mito e lenda. Mas afinal, o que é uma lenda? O que é um mito?
- Registre no caderno o que pensa sobre esses gêneros.

ATIVIDADE EM GRUPO I

Construindo o conceito

- Ao longo desses encontros, além da leitura do livro *Os nove pentes d'África*, faremos a leitura de textos de vários gêneros, entre os quais, mito e lenda. Vocês formarão dois grupos: cada grupo ficará responsável por um desses dois gêneros. Após cada momento de leitura e discussão, o grupo escreverá no mural da sala de aula características que percebeu no texto referente a seu gênero, ao final dos encontros, os grupos poderão compartilhar com a turma o que compreenderam acerca de mito e lenda.

ATIVIDADE EM GRUPO II

RETOMANDO A HISTÓRIA

“Juntos, desenrolávamos os enredos. Histórias contadas pelos mais velhos, outras inventadas por nós, as crianças, a partir de brincadeiras e memórias ancestrais...” (p. 8).

- Nesses três primeiros capítulos, você percebeu, junto com os personagens da história, como é importante ouvir as histórias dos mais velhos e contá-las também. Agora é a sua vez: Forme grupo com colegas da sala e pesquise em livros ou sites lendas do Espírito Santo. Se preferir peça a alguém da família que lhe conte uma lenda da região. Cada grupo apresentará uma lenda, de forma dramatizada para a turma.

Para fins didáticos, pode-se considerar:

Mito: gênero narrativo que contém elementos fundamentais que constituem a cultura de um povo. Fenômeno universal da humanidade. Ligado à natureza da tradição e à atitude humana em relação ao passado. É a representação generalizada de fatos da vida dos seres humanos: nascimento e morte; derrota e vitória; relacionamentos entre os seres, embelezando, corrigindo ou aperfeiçoando de maneira sobrenatural esses fatos.

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bosi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti – 4ª ed – São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 673-675.

Lenda: gênero narrativo criado pelo imaginário popular a partir de eventos históricos ou sobre pessoa real (ou não). Determina o valor local. Explica um hábito ou uma romaria religiosa. O mundo sobrenatural é parte essencial nas Lendas, mas nem sempre resultando em um final feliz. As lendas, assim como os mitos, podem trazer a explicação sobre o surgimento de algo.

A principal diferença entre mito e lenda, segundo Câmara Cascudo, é que o mito é personalizado e dá uma explicação imediata sobre determinado fenômeno sobrenatural, enquanto a lenda tenta explicar alguns elementos da natureza por meio de uma experiência vivida.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª ed. – São Paulo: Global, 2006, p. 52-53/286

3ª ETAPA

O Herói africano

As Narrativas de tradição oral

TEMPO ESTIMADO

6 aulas

ESPAÇO

Biblioteca da escola

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

Geografia e Arte

OBJETIVOS:

- Dar continuidade à leitura do livro *Os nove Pentes D'África*;
- Identificar principais temas presentes nos capítulos;
- Reconhecer traços da cultura africana presentes no livro;
- Ler mito africano;
- Relacionar a leitura do mito à nossa contemporaneidade;
- Produzir em grupo o mapa ilustrado das narrativas estudadas;

MATERIAL UTILIZADO

- | | |
|------------------------|---------------------|
| • Exemplares do livro; | • Caixa de som. |
| • Cópias dos textos; | • Papel cenário; |
| • Aparelho multimídia; | • Canetas coloridas |

Nesta etapa, além da continuação da leitura coletiva e colaborativa do livro, os alunos conhecerão mitos de diferentes países da África e farão discussões em grupo sobre a leitura e o valor simbólico dessas narrativas para os povos que os criaram. Eles terão, também, a oportunidade de pesquisarem sobre os países africanos, suas histórias e culturas. A etapa será concluída com um trabalho em grupo de produção ilustrada dos mitos estudados.

1º MOMENTO

A passagem para o mundo dos Espíritos

Neste momento, será feita a leitura em voz alta dos três capítulos seguintes, como ficou combinado na etapa anterior. Como o ritmo e entonação contam muito para a compreensão da narrativa, seria conveniente que você, professor(a), iniciasse a leitura, e, depois, os alunos que quisessem poderiam também dar continuidade.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Quais suas impressões sobre a leitura? Que partes mais chamaram sua atenção nesses três capítulos? Releia em voz alta e comente com a turma.
 - Nos capítulos lidos, conhecemos mais três pentes-presentes: o **Pente-Peixe**, **Pente-Solidariedade-Generosidade** e o **Pente-Perseverança**. Comente sobre a relação desses pentes com os personagens que os receberam. Que sentido traz para você?
 - A morte de Vô Francisco abala toda a família. No capítulo intitulado “da despedida” a partir da descrição do ritual de preparo do corpo, como você percebe a relação da família de Vô Francisco com a morte?
 - Ao longo desses seis capítulos lidos, ficamos conhecendo mais a fundo a família Quintiliano, família de Vô Francisco. Tomamos conhecimento de várias situações, problemas, dificuldades pelos quais passam a família, assim como muitas famílias. Mas o que podemos aprender com esses personagens, considerando a forma como se comportam uns com os outros?

2º MOMENTO

Mito do herói africano I – Morte e Ressurreição

Contação de História

“Os rapazes tomaram a bênção e abraçaram vó Berna também. Depois dos cumprimentos, **o tio pediu licença** para preparar o corpo e instruções do local onde deveria fazê-lo. Vô e o tio Aroni pertenciam a uma espécie de irmandade masculina, e quando um integrante morria, havia esse ritual, sempre conduzido pelo tio” (p.21).

- Como você viu na leitura do livro, foi organizado um ritual para a “passagem” de Vô Francisco. Esse ritual fala muito sobre a cultura africana. Nas crenças africanas, a vida humana vai além do nascer e morrer, ela faz parte de um ciclo interminável de vida, assim como tudo que existe na natureza. Os mitos africanos narram muitas histórias de morte e ressurreição do herói, demonstrando simbolicamente esse ciclo da vida.⁴

Se puder, introduza esse momento de leitura com uma música instrumental africana para imersão dos alunos ao contexto da história.⁵

No mito a seguir você irá conhecer a aventura do personagem africano de nome Lituolone, do povo Basuto, região de Lesoto, África.

Houve um tempo em que um monstro enorme e disforme, chamado de Kammapa, espalhava terror por toda a parte. Com um apetite insaciável por seres humanos, devorou todas as pessoas da terra, menos uma, uma velha que se escondera. Ela era a única pessoa que sobrou na terra e, sem a participação de um homem, ela deu à luz uma criança que nasceu coberta de amuletos sagrados. A velha sabia que essa criança era especial e chamou-a de Lituolone, nome apropriado para um deus. Na noite do mesmo dia em que nasceu, a criança já se tornara um homem forte que dizia coisas muito sábias.

_ Mãe, disse Lituolone, além de nós dois não existe mais ninguém na terra?

_ Meu filho, respondeu a mulher, com voz trêmula, há não muito tempo o vales e as montanhas eram cheios de gente, mas a fera cujo rugido faz tremer as rochas devorou-as todas.

Ao ouvir isso, Lituolone pegou uma faca e saiu à procura do monstro, sem dar ouvidos às súplicas da mãe. Os dois combateram, mas era uma luta desigual - Kammapa venceu Lituolone, engolindo-o inteiro. Mas, mesmo dentro da enorme fera, Lituolone não morreu, e abriu caminho para fora rasgando as entranhas do monstro e libertando da barriga do animal a si mesmo e ao restante da humanidade.

Por ter-se libertado e a todos os outros, Lituolone tornou-se chefe da comunidade, mas as pessoas não o viam com bons olhos, por temer o poder de alguém que nascera só de uma

4. FORD, Clyde W. O herói com rosto africano - Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999.

5. Sugestão de música instrumental africana disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=PR3WKt044ug>> Acesso em 10 fev. 2021

mulher, alguém que não tivera infância, alguém que derrotara o imenso monstro disforme Kammapa. Assim se decidiu que Lituolone deveria morrer sendo jogado numa fossa profunda. Mas Lituolone safou-se. Então seus detratores fizeram uma grande fogueira no centro da aldeia para aí lançá-lo. Mas, em meio ao tumulto para capturar Lituolone, outro homem foi pego por engano e lançado à fogueira. Mesmo assim, os perseguidores de Lituolone não desistiram; tentaram, em seguida, jogá-lo de um precipício. Mais uma vez Lituolone se salvou quando seus atacantes se desentenderam loucamente e empurraram um deles de cima do penhasco; desta feita Lituolone restituiu a vida do infeliz. Então, decidiu-se organizar uma grande caçada, o que queria dizer que o grupo de caçadores, tendo Lituolone por chefe, se ausentaria da aldeia por vários dias.

Certa noite, enquanto o grupo preparava-se para dormir numa caverna, persuadiram Lituolone a ficar num local distante da entrada. Quando acharam que o chefe dormia, saíram furtivamente e acenderam uma enorme fogueira na boca da caverna. Mas, quando olharam em volta, viram Lituolone entre eles observando o fogaréu.

Por fim, Lituolone percebeu que nada diminuiria esse ódio profundo por ele, e sentiu-se cansado de enfrentar as tentativas de matá-lo. Então, entregou-se sem resistência, dispondo-se a ser morto.

Dizem que, quando morreu, seu coração saiu e escapou, tornando-se um pássaro.

(FORD, Clyde W. O herói com rosto africano - Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999, p. 71-72.)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Comente suas impressões sobre essa narrativa. Qual parte você destacaria? Você conhece alguma história que se assemelha a esta?
- Podemos chamar o personagem Lituolone de um herói? Comente.
- Embora Lituolone tenha salvado a humanidade, libertando-a do grande monstro, a comunidade para onde ele retorna não o vê como herói. Por quê? Comente.
- Como se dá a “passagem” de Lituolone?

ATIVIDADE DE PESQUISA

EXPRESSÃO ESCRITA

- Esse mito está presente nas narrativas do povo Basuto, de Lesoto, país da África. Você já ouviu falar desse país? Sabe em que parte se localiza no continente africano? Com a orientação do(a) professor(a), faça uma pesquisa para conhecer um pouco sobre esse país e depois compartilhe com a turma expondo os resultados no mural da sala de aula.

3º MOMENTO

Mito do herói africano II – Viagem ao mundo dos mortos

Contação de História

Vamos ler agora mais um mito sobre um herói africano, do povo achanti, (grupo étnico de Gana) que, motivado pela amor e perseverança, faz uma viagem ao mundo das almas que partiram.

Um jovem vivia com os achantis. O nome dele era Kwasi Benefo. Suas plantações prosperavam, ele tinha um rebanho grande. Só lhe restava uma mulher para lhe dar filhos, para cuidar da casa e, quando chegasse a hora, para chorar sua morte. Kwasi Benefo saiu à procura dela. Na aldeia, encontrou uma moça que o encantou bastante. Eles se casaram. Era um casal feliz. Mas a jovem enfraqueceu e em pouco tempo a morte a levou. Kwasi Benefo sofreu muito. Comprou para ela um amoasie, peça de seda vegetal para lhe cobrir os genitais, e uma fieira de contas para lhe colocar na cintura, e com essas coisas ela foi enterrada.

Kwasi Benefo não conseguia esquecê-la. Procurava por ela em casa, mas ela não estava. Seu coração não se encontrava mais no mundo dos vivos. Os irmãos conversavam com ele, o tio conversava com ele, os amigos conversavam com ele, dizendo “Kwasi, tire isso da cabeça. O mundo é assim mesmo. Encontre outra mulher”.

Enfim Kwasi Benefo conseguiu superar. Foi a outra aldeia. Conheceu outra moça lá e tomou as providências. Trouxe-a para casa. Ele voltou a sentir-se satisfeito com a vida. A mulher tinha boa índole. Cuidava muito bem da casa. Tentava contentar o marido de todas as maneiras. Kwasi Benefo dizia: “É, vale a pena viver”. Mas, algum tempo depois de engravidar, a moça adoeceu. Ficou macilenta. A morte levou-a. Kwasi Benefo sentiu dor no coração. Essa sua mulher também foi enterrada com amoasie e as contas.

Ninguém conseguia consolar Kwasi Benefo. Ele se trancou em casa. Não saía por nada. A gente lhe dizia: “As pessoas morrem mesmo. Ponha-se de pé e saia de casa. Junte-se aos amigos, como sempre fez”. Mas Kwasi Benefo não queria mais viver.

Os familiares da moça que havia morrido souberam do desgosto de Kwasi Benefo. Disseram: “Ele está sofrendo demais. Esse homem amava a nossa filha. Vamos arrumar outra mulher para ele”. A família mandou mensageiros a Kwasi Benefo, que o levaram para a aldeia dela. Disseram a ele: “Pode-se ficar de luto, mas não dar a vida por isso. Temos outra filha; ela será uma ótima esposa para você. Leve-a. Assim você não vai ficar sozinho. O que passou, passou, não dá para voltar atrás. O amor que se teve fica no coração, não vai embora. Deixe os mortos viverem entre os mortos e os vivos entre os vivos.”

“E então, como posso ter outra mulher se aquela que morreu me chama?”

Eles responderam: “Sim, é assim que as pessoas se sentem. Mas com o tempo vai mudar.”

Kwasi Benefo voltou, então, para sua casa e suas terras; eventualmente diminuiu a dor pela morte da mulher, e ele voltou à aldeia da família dela em busca da filha cuja mão lhe havia sido bondosamente oferecida. Os dois se casaram, e ela deu à luz um filho lindo, cujo nascimento foi festejado em toda a aldeia de Kwasi Benefo.

“Levo uma vida boa”, disse Kwasi Benefo à mulher e aos amigos. “Quando foi tão boa assim?”

Porém, certo dia, quando Kwasi Benefo cuidava da sua lavoura, algumas mulheres da aldeia correram para lhe dar a notícia de que tinha caído uma árvore.

“E por que chorar por uma árvore que caiu?”, pensou ele. Então a preocupação tomou-lhe a alma. Ele disse:

“você deixaram de me contar alguma coisa?”

Elas contaram: “Sua mulher estava voltando do rio. Ela sentou-se sob a árvore para descansar. Um espírito da floresta enfraqueceu as raízes, e a árvore caiu sobre ela”. Kwasi Benefo correu para a aldeia. Foi até sua casa. Sua mulher estava deitada sobre a esteira e não havia vida em seu corpo. Ele caiu em choro. Jogou-se no chão e lá ficou, como se a vida lhe tivesse abandonado também. Não ouvia nada, não sentia nada. As pessoas disseram: “Kwasi Benefo morreu”. Os curandeiros chegaram. “Não, ele não está morto. Está pairando entre aqui e lá”, disseram. Trabalharam em Kwasi Benefo. Conseguiram revivê-lo. Ele se levantou, tomou as medidas necessárias, fez realizar um velório, e no dia seguinte sua esposa foi enterrada com o amosie e as contas.

Depois disso, Kwasi Benefo caiu em profundo desespero. Que terrível destino se abatera sobre sua vida? Que mulher se disporia a se casar com ele? Que família confiaria a filha a ele? Até seus amigos passaram a olhá-lo com desconfiança. Seu rebanho, suas lavouras, até seu filho – que sentido faziam para ele depois dessa tragédia e dessa perda?

Ele abandonou a casa, abandonou a lavoura. Levou o filho para o lugar onde a família da sua mulher vivia e deixou-o lá. Embrenhou-se na mata. Andou por muitos dias sem ligar para onde estava. Chegou a uma vila distante, mas saiu de lá rapidamente e embrenhou-se ainda mais na mata. Por fim, num lugar ermo, parou. Ele disse: “Este lugar, muito longe das pessoas, é onde vou ficar”. Construiu uma casa tosca. Colheu raízes e sementes para comer. Fez arapucas para caça miúda. Sobreviveu assim. Suas roupas viraram farrapos, e ele passou a vestir peles de animais. Com o tempo, quase esqueceu que se chamava Kwasi Benefo e que havia sido um agricultor próspero. Sua vida estava em frangalhos, mas ele não se importava. Foi assim que aconteceu com Kwasi Benefo.

Passados vários anos, Kwasi Benefo saiu da reclusão na floresta e viajou para uma aldeia distante onde ninguém o conhecia; lá, voltou a cultivar a terra e casou-se pela quarta vez. Mas, quando a quarta mulher adoeceu e morreu, a determinação de Kwasi Benefo acabou.

“Como posso continuar vivendo?” Abandonou a lavoura, a casa e o gado e viajou de volta para a aldeia onde havia nascido. As pessoas ficaram surpresas, pois pensavam que ele havia morrido. A família e os amigos reuniram-se para comemorar sua volta, mas ele disse: “Não, não vai haver festa nenhuma. Voltei só para morrer na minha aldeia natal e ser enterrado aqui, perto dos túmulos dos meus ancestrais”.

Uma noite, deitado sem dormir, veio a ele a ideia de ir a Assamandô, a terra dos mortos, e rever as quatro jovens que haviam convivido com ele. Pôs-se de pé. Saiu de casa e deixou a aldeia. Foi ao lugar da floresta chamado Nsamandau, onde os mortos eram enterrados. Chegou lá; prosseguiu. Não havia trilhas para seguir. Não havia luz. Era tudo escuridão. Atravessou a floresta e chegou a um local com luz tênue. Não vivia ninguém lá. Não havia nenhum som no ar. Nem vozes de pessoas, nem pássaros, nem animais rompiam o silêncio. Kwasi Benefo seguiu em frente, até que finalmente chegou a um rio. Tentou atravessá-lo, mas não conseguiu porque a água era muito funda e corria muito rápido. Ele pensou: “Aqui termina minha viagem”.

Incerto de como seguir adiante, Kwasi Benefo senta-se à beira do rio – o primeiro

grande limite na aventura desse herói. Na outra margem está o que busca, mas para chegar lá ele precisa primeiro encontrar um jeito de cruzar o rio.

Nesse momento, ele sentiu um borriço de água no rosto e levantou a cabeça. Na margem do outro lado estava sentada uma velha com uma panela de cobre ao lado. A panela estava cheia de roupas íntimas femininas e feiras de contas. Com essas indicações, Kwasi Benefo soube que ela era Amokye, a pessoa que recebia as almas das mulheres mortas no Assamandô e pegava de cada uma delas o amosie e as contas. Era por isso que as mulheres preparadas para o enterro eram vestidas daquela maneira, para que cada uma delas pudesse dar o amosie e as contas para Amokye ao cruzar o rio.

Amokye perguntou a Kwasi Benefo: “Por que você está aqui”?

E ele respondeu: “Vim aqui para ver minhas mulheres. Não consigo mais viver porque toda mulher que mora em minha casa a morte leva. Não consigo dormir, não consigo comer, não quero nada do que o mundo dos vivos oferece aos vivos”.

Amokye disse a ele: “Ah, você deve ser Kwasi Benefo. Sim, ouvi falar de você. Muitas pessoas que passaram por aqui falaram da sua desgraça. Mas você não é uma alma, está vivo, então não pode atravessar o rio”.

Kwasi Benefo disse: “Então vou ficar aqui até morrer e virar alma”.

Amokye, a guarda do rio, se compadeceu de Kwasi Benefo: “Já que você está sofrendo tanto, vou deixá-lo atravessar”. Ela fez a água correr mais devagar. Depois, ficou mais rasa. E disse: “Vá por ali. Lá você vai encontrá-las. Mas elas são como o ar: você não vai conseguir vê-las, mas elas saberão que você veio”.

Kwasi Benefo atravessou o rio e seguiu adiante. Chegou a Assamandô. Deu com uma casa; entrou. Fora da casa ele ouviu o burburinho de uma aldeia em atividade. Ouviu pessoas chamarem outras; ouviu enxadas no campo, o matagal sendo aberto e grãos socados por pilões.

Um balde de água apareceu, e toalhas de rosto surgiram repentinamente à sua frente. Ele lavou a poeira da viagem. Fora da casa, então, ouviu suas esposas cantando uma canção de boas-vindas. O balde e as toalhas sumiram, e em seu lugar ele viu uma cuia com comida e uma moringa d’água. Enquanto comia, suas esposas continuavam a entoar elogios a Kwasi. Elas contavam sobre as qualidades do marido que ele havia sido na terra dos vivos; falavam de sua bondade. Quando ele já estava satisfeito, a cuia e a moringa desapareceram, e então apareceu uma esteira de dormir para Kwasi. Suas esposas sugeriram que descansasse. Ele se deitou sobre a esteira. As mulheres voltaram a cantar, e na canção disseram a ele para continuar vivendo até sua morte natural, quando sua alma viria para Assamandô desembaraçada do corpo. Quando essa hora chegasse, disseram, elas estariam esperando por ele. Enquanto isso não acontecesse, disseram, Kwasi deveria casar-se de novo, e desta vez sua mulher não morreria.

Ouvindo essas palavras ternas das mulheres que ele amava, Kwasi Benefo caiu em sono profundo. Quando enfim acordou, não estava mais em Assamandô, mas de volta à floresta. Levantou-se. Pegou o caminho de volta ao seu lar na aldeia. Pediu aos amigos que viessem ajudá-lo a construir uma casa nova. Quando estava concluída, mandou mensageiros às pessoas que pertenciam à sua comunidade fraternal, dizendo que em determinado dia suas terras seriam preparadas. Os homens reuniram-se naquela data. Limparam e queimaram os campos dele; começaram a sulcar a terra. Kwasi Benefo semeou-a. Começou o cultivo, e suas lavouras prosperaram. Ele voltou a se misturar às pessoas. Com o tempo, encontrou uma esposa. Tiveram filhos. Todos sobreviveram.

Essa é a história de Kwasi Benefo. É assim que os mais velhos a contavam.

(FORD, Clyde W. O herói com rosto africano - Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999, p. 52 a 61)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Comente suas impressões sobre essa narrativa. Qual parte você destacaria?
- Como todo herói, o personagem dessa história passa por muitas provações. A cada provação que passa, ele entende como sinal e traça o rumo de sua vida. Comente sobre as decisões que tomou ao longo de sua jornada.
- Cite as características que percebeu desse herói.
- Muitos mitos africanos apresentam a figura de uma mulher como guardiã de uma fronteira, um obstáculo para o herói. Como é a guardiã da fronteira para o mundo dos mortos neste mito?
- Os mitos muito nos ensinam sobre nossa vida e tomadas de decisão. O que podemos aprender com esse mito? Comente.

TECENDO REDE

Contação de história

TEXTO 2

Vamos ler agora outra história de amor e sacrifícios entre dois jovens. Essa história se passa no Espírito Santo, entre os municípios de Serra e Cariacica.

Se puder, introduza esse momento com uma música indígena para uma imersão dos alunos ao contexto da história⁶.

A lenda do Pássaro de Fogo



Em tempos bem antigos, por volta de 1556, quando os Temiminós que vieram do Rio de Janeiro se instalaram no Espírito Santo, conta-se que dois jovens de tribos rivais se conheceram e antes que soubessem de suas origens e da rivalidade que existia em suas tribos, nasceu entre eles um amor tão forte e belo como o Sol e a Lua.

Ela, Jaciara, uma lindíssima princesa indígena, filha do poderoso cacique que ocupava uma imensa terra, onde hoje encontramos o atual município de Cariacica. Ele, Guaraci, um forte guerreiro da tribo dos Temiminós, que ocupava as terras hoje conhecida como município da Serra. Guaraci, em Tupi, significa Sol. Jaciara significa Tempos de Luar, Noites com raios de Lua.

6. Sugestão são as músicas indígenas do artista Shaneiuh Yawanawa, do povo Yawanawá, no estado do Acre. Disponíveis em <<https://www.youtube.com/watch?v=zKz6KrIXGyQ>> Acesso em 08 fev. 2021.

7. Há um documentário sobre os dois montes e sua lenda, produzido por Luciana Gama, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wshKmy89vEE>> Acesso em 08 fev. 2021.

Quando esse amor chegou ao conhecimento das tribos, aumentou a rivalidade e a fúria dos caciques contra esse amor, que era incontrollável. O cacique indígena, pai da princesa, jamais aceitaria o enlace da sua querida filha, com o inimigo de seu povo, mesmo sabendo quanto era valioso o dote do noivo e da sinceridade da jura de seu amor.

Em consequência criou-se uma barreira intransponível entre as terras das duas tribos e os jovens não podiam de maneira alguma chegar próximo dessa divisa.

Mas o amor, quando sincero e forte, é algo que ultrapassa qualquer barreira e sempre encontra um aliado. Foi o que aconteceu. Os apaixonados conseguiram a ajuda de uma ave misteriosa, o Pássaro de Fogo, que em horas determinadas, levava o casal a pequenos montes em pontos de fronteira de suas tribos, onde ambos se viam. Então a índia cantava juras de amor ao seu escolhido e ele retribuía da mesma maneira com cantigas que tocavam seus corações.

Continuaram assim, nesse amor poético e passando o tempo, combinaram uma fuga. Quando chegou ao conhecimento do cacique indígena a fuga romântica de sua filha, foi o bastante para reunirem todos os sábios conselheiros da tribo e um feiticeiro, que transformou os apaixonados em pedra nos locais onde se avistavam. Estes locais se elevaram e constituíram dois belos e lendários montes, muito importantes no litoral capixaba, que conhecemos como: Mochuara, (ou Muxuara) a princesa, em Cariacica, e o Mestre Álvaro, o príncipe, na Serra.

Porém, uma fada compadecida de um destino tão cruel, concedeu uma trégua aos enamorados, na rigidez de suas posições, e assim, uma vez ao ano, na noite de São João, os jovens recuperam de forma invisível, sua forma humana e primitiva, ocasião em que fazem juras de fidelidade e presenteiam-se com ricas jóias e outros mimos, sempre com a ajuda da ave amiga, o Pássaro de fogo, ave mensageira entre os apaixonados. Levando de um para o outro as juras de amor e os presentes, que atestam a sinceridade infinita. Assim, conta a história, conta a Lenda, que na noite de São João, o Pássaro de Fogo, passa no céu, e vai do Moxuara, em Cariacica, ao Mestre Álvaro, na Serra e vice versa. E continuam a Viagem de Fogo, descrevendo no espaço, a Eternidade do amor.

Disponível em

<<https://clerioborges.com.br/a-lenda-do-passaro-de-fogo-montanha-do-mestre-alvaro-na-serra-e-montanha-do-mochuara-em-cariacica/>> Acesso em 08 fev. 2021)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Comente suas impressões sobre essa lenda.
- Você consegue identificar o lugar onde se passa a narrativa?
- Reconte, com suas palavras, como surgiram os montes Mestre Álvaro e Moxuara, segundo o imaginário popular.

4º MOMENTO

Mito do herói africano III – Resgate no mundo dos Espíritos

Contação de História

A narrativa que você irá conhecer agora vem da tradição oral de Angola e diz muito sobre a história e cultura desse país. É sobre um herói mítico que luta pela libertação de seu povo.

Sudika-mbambi – a criança prodígio⁸

Vamos contar sobre Kimanaueze, o velho, o predileto dos amigos, que gerou um filho, Kimanaueze, o jovem. Um dia, o velho Kimanaueze disse: "meu filho, quero que você vá a Luanda fazer negócios lá".

"Agora, pai?", perguntou o jovem. "Ora, faz pouco tempo que eu trouxe uma esposa para casa."

"Vá!", ordenou o pai, e o Kimanaueze mais novo viajou a Luanda para fazer um negócio para o pai.

Enquanto o filho estava fora, vieram os markishis⁹ e saquearam a casa da família. Quando voltou de Luanda, o jovem Kimanaueze não encontrou ninguém - sua família tinha sido morta -, mas viu à distância uma mulher perambulando pelo Campo. Chamou-a e, quando ela se aproximou, percebeu que era sua mulher. Enfurecido, perguntou que terrível fatalidade se abatera sobre sua família. E Ela explicou aos presentes que só ela escapara ao ataque dos markishis.

Sozinho, sem família, Kimanaueze e sua mulher lutaram pela sobrevivência. Ela acabou engravidando e, quando chegou o dia do parto, ouviu voz e saindo de sua barriga:

Mãe, aí vem minha espada.
Mãe, aí vem minha faca.
Mãe, aí vem minha kilembe.
Mãe, aí vem meu bastão.
Mãe, aguente firme, aí vou eu.

Capaz de falar já ao nascer, criança veio ao mundo com essas palavras: "eu sou Sudika-mbambi. No chão, ponho o meu bastão. No céu, ponho um antílope".

Mas a mulher de Kimanaueze ouviu mais palavras saindo de sua barriga:

Mãe, aí vem minha espada.
Mãe, aí vem minha faca.
Mãe, aí vem meu bastão.
Mãe, aí vem minha kilembe.
Mãe, fique firme aí vou eu.

8. Se for possível, proponha aos alunos que assistam ao filme animado Kiriku e a feiticeira. Ele narra a lenda do menino recém-nascido superdotado cujo destino é salvar sua aldeia. O filme traz importantes referências sobre as sabedorias e tradições africanas e poderá enriquecer o debate em sala. Direção de Michel Ocelot, França (1998). Está disponível na plataforma Youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=duDByEwf1x0&t=139s>

9. Makishi é o plural de Kishi, que em banto significa monstro ou ogro devorador de gente, às vezes descrito como multicéfalo e capaz de regenerar suas cabeças decepadas. (Fonte: FORD, Clyde W. O herói com rosto africano. Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999, p. 62)

"Você é a criança que eu acabo de dar à luz e já está falando. Como pode?", disse ela.

"Não se espante", tranquilizou-a Sudika-mbambi. "Você verá todas as coisas milagrosas que eu vou fazer."

Então ele disse ao irmão: "vamos cortar umas Estacas para fazermos uma casa para nossos pais".

Os gêmeos pegaram as espadas e entraram na mata para cortar as estacas. No momento em que Sudika-mbambi cortou uma estaca, as outras se cortaram sozinhas. E com o irmão mais novo também repetiu-se o mesmo fenômeno. Os irmãos fizeram um feixe com as Estacas e o levaram para a clareira onde ergueram a casa dos pais. Voltaram à mata para cortar mato e fazer o telhado de colmo.

Com material de construção já reunido, Sudika-mbambi começou a fincar as estacas da choupana. No momento em que fincou uma estaca, a casa inteira se fez sozinha. Ele arrumou uma corda à volta das Estacas, e todas as outras cordas se amarraram sozinhas. Ele colocou um maço de capim; o telhado inteiro se entrelaçou por si só. A casa estava pronta.

"Agora, entre na casa que construí para vocês", disse ele à mãe e ao pai. "E você, Kabundungulu, meu irmão mais novo, fique com nossos pais enquanto vou combater os markishis." Dirigindo-se à família, Sudika-mbambi lembrou a eles: "Olhem a minha kilembe. Se vocês virem que ela murchou, saberão que eu morri".

Então Sudika-mbambi partiu para encontrar os markishis. Andando pela estrada, deu com quatro seres sobrenaturais chamados Kipalendes, cada um dos quais enalteceu seus poderes mágicos. Sudika-mbambi disse-lhes que eram bem-vindos para combater os markishis junto com ele.

Sudika-mbambi e os quatro Kipalendes acamparam no meio da mata.

De manhã, reuniu os Kipalendes e ordenou a um deles que ficasse guardando o acampamento, e os outros três o acompanharam para enfrentar os markishis.

Enquanto estavam longe combatendo os markishis, uma velha e sua linda neta apareceram diante do Kipalendes que guardava o acampamento.

"Vamos lutar ", bradou ela."se você vencer, poderá se casar com minha neta."

Mas o Kipalende não era páreo para a velha, que o surrou para valer. Antes de se ir, ela levantou uma pedra pesada e colocou-a em cima dele, para que ele não pudesse se mexer. Enquanto isso, Sudika-mbambi, com seu dom de clarividência, viu o Kipalende sobre a pedra. "venham, precisamos voltar", disse ele aos outros de repente. "O amigo de vocês está em apuros; está preso sob uma pedra."

"Você está mentindo, Sudika-mbambi", retrucaram eles. "Estamos muito longe dele. Como você pode saber?"

"Eu sei", disse decidido Sudika-mbambi.

Então Sudika-mbambi e os Kipalendes suspenderam o ataque aos markishis e voltaram ao acampamento, encontrando o companheiro ainda embaixo da pedra.

"Mas quem fez isso com você?", perguntaram ao compadre.

"Uma velha esteve aqui com a neta e disse:" vamos lutar! Se me vencer, poderá se casar com minha neta ". Lutei com ela, mas ela me derrotou."

"Uma velha o venceu?", Vieram os outros, e foram dormir. Nos três dias seguintes

10. Kilembe é uma planta mítica, uma "árvore da vida", que passa a existir com o nascimento de uma pessoa; o crescimento e o destino da Kilembe refletem a vida do indivíduo com o qual ela está associada (Fonte: FORD, Clyde W. O herói com rosto africano. Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999, p. 63).

aconteceu exatamente a mesma coisa. Toda manhã Sudika-mbambi saía com três Kipalendes para combater os markishis, e um kipalende ficava guardando o acampamento. Toda manhã a velha aparecia com a neta, desafiava o kipalende de sentinela, derrotava-o e colocava uma pedra sobre ele.

Por fim, na manhã do quinto dia, Sudika-mbambi disse aos Kipalentes: “Hoje vocês quatro vão combater os makishis enquanto eu fico na retaguarda para encontrar essa velha”.

Logo depois de os Kipalendes partirem, a velha apareceu. “Vamos lutar”, exultou ela. “Se você me vencer, poderá se casar com minha neta”.

Sudika-mbambi e a velhota lutaram, só que desta vez ele venceu, matando a feiticeira e tomando a neta para si..

“Hoje eu ganhei a vida”, comemorou a jovem. “É que minha avó costumava me trancar numa casa de pedras, e eu não tinha como sair. Mas hoje fui libertada por Sudika-mbambi, com quem quero me casar”.

Sudika-mbambi atendeu ao desejo dela. E quando os Kipalendes voltaram da batalha, anunciaram: “Hoje os makishis foram aniquilados; nunca mais vão fazer maldades e provocar sofrimentos”.

Analisando tudo que acontecera, Sudika-mbambi, filho de Kimanaueze, o jovem, dirigiu-se a sua mulher e aos Kipalendes, dizendo apenas: “Hoje está tudo bem”.

Na verdade, os Kipalendes estavam com inveja de Sudika-mbambi. “Uma simples criança nos superou”, reclamaram eles. “Temos de matá-la, mas como?” Eles prepararam uma armadilha para acabar com Sudika-mbambi cavando um buraco no chão e cobrindo-o com uma esteira. “Venha, Sudika-mbambi, sente-se aqui”, disseram. Quando Sudika-mbambi sentou-se, caiu no buraco e rapidamente os Kipalendes o cobriram com terra, e ficaram com a jovem para si.

Quando Kabundungulu foi verificar a kilemba de seu irmão mais velho, percebeu que a árvore da vida começava a murchar. Ele se lamentou: “Meu irmão vai morrer”. Mesmo assim, regou a árvore e ela começou a ficar verde de novo.

Enquanto isso, no fundo do buraco, abriu-se para Sudika-mbambi um caminho que levava a Kalunga-ngombe, o rei da morte. Na estrada ele topou com uma velha que capinava. “Como vai, vovó?”, cumprimentou-a Sudika-mbambi, pedindo-lhe, em seguida, que indicasse o caminho.

“Daqui saem duas trilhas”, disse ela, “uma larga e uma estreita. Pegue a trilha estreita; não pegue a larga, senão vai se perder. E quando você por fim chegar à casa de Kalunga-ngombe, você deve levar um vaso de pimenta e um vaso de sabedoria”.

“Bem”, disse o Senhor da Morte, “você se casará com minha filha, mas só se tiver um vaso de pimenta e um vaso de sabedoria”.

Quando Sudika-mbambi mostrou as coisas pedidas, Kalunga-ngombe disfarçou a surpresa com uma risada e mandou prosseguir os preparativos. Mas, na manhã seguinte, ele mudou de ideia, dizendo: “Se você quiser minha filha, primeiro terá que salvá-la da grande serpente, Kinioka kia Tumba!”

Quando Sudika-mbambi chegou à morada de Kinoka, vendo que a enorme serpente não estava, sentou-se para esperar por ela. Kinioka, não querendo se render, mandou enxames de insetos contra Sudika-mbambi: primeiro uma legião de formigas operárias, depois de formigas-açucareiras, depois de abelhas, depois de vespas. Sudika-mbambi repeliu-as todas. Então, surgiu uma das cabeças de Kinioka, chiando, com as presas à mostra. Sudika-mbambi decepou essa cabeça, mas outra apareceu em seu lugar: e Sudika-mbambi decepou-a também.

Ele retornou com a filha de Kalunga-ngombe, mas este queria testar Sudika-mbambi ainda mais. Desafiou-o a matar Kimbiji kia Malenda, o crocodilo, senhor das profundezas subterrâneas. Sudika-mbambi atraiu Kimbiji usando um leitão como isca, mas o crocodilo era forte demais e puxou Sudika-mbambi para a água, onde ele foi engolido inteiro.

A única esperança de Sudika-mbambi estava em casa, em seu irmão mais novo, Kabundungulu, que percebeu que a árvore de Sudika-mbambi estava seca. Cansado de ficar esperando, desta vez Kabundungulu quis descobrir o que realmente acontecera a seu irmão. Seguiu os passos de Sudika-mbambi e acabou chegando ao acampamento dos Kipalendes; estes, é claro, alegaram não saber o paradeiro do irmão mais velho.

“Mentirosos”, retrucou Kabundungulu. “Vocês o mataram. Abram o túmulo.”

Kabundungulu forçou os Kipalendes a cavar o túmulo de Sudika-mbambi; então ele pulou para dentro e pegou a estrada que seu irmão seguira para o reino de Kalunga-ngombe. Encontrou a velha, que lhe apontou o caminho para a morada de Kalunga-ngombe, e lá ele exigiu do Senhor da Morte que lhe contasse onde estava o irmão.

Kalunga-ngombe contou ao jovem herói que seu irmão mais velho havia sido devorado por Kimbiji. Então Kabundungulu atraiu o monstruoso crocodilo usando um porco como isca, pegou sua faca e dilacerou Kimbiji. Dentro da fera, encontrou os ossos de Sudika-mbambi, juntou-os, e bradou: “Meu irmão mais velho, levante-se!”

Assim, Sudika-mbambi ressuscitou; e Kalunga-ngombe enfim deu sua filha.

Voltando da terra de Kalunga pelo mesmo caminho, os dois irmãos saíram pelo buraco em que Sudika-mbambi fora apanhado e acertaram contas com os quatro Kipalendes, botando-os para correr e resgatando a primeira esposa de Sudika-mbambi. Por fim, ao chegar ao lar, o caçula disse: “Meu irmão mais velho, dê-me uma esposa, pois você tem duas, e eu nenhuma”.

Mas Sudika-mbambi ofendeu-se com esse pedido e disse a seu irmão mais novo para nunca mais falar nisso.

Kabundungulu persistiu, não com o irmão, mas com suas mulheres, e, nos dias em que Sudika-mbambi saía para caçar, Kabundungulu entrava na casa dele para copular com elas. Chegou o dia em que uma das esposas de Sudika-mbambi, queixou-se a ele de que Kabundungulu estava sempre buscando os prazeres da cama. Isso enfureceu Sudika-mbambi, que imediatamente foi tirar satisfação com Kabundungulu. Os dois começaram a lutar, ferindo-se de morte, mas os poderes de cada um deles não suplantavam os do outro. Por fim, eles se cansaram de lutar e concordaram em se separar: o irmão mais velho, Sudika-mbambi, tomou o rumo leste; o caçula, Kabundungulu, seguiu para o oeste.

Hoje, quando vem a tempestade, o trovão que soa no leste é Sudika-mbambi; o eco do trovão que responde é Kabundungulu, o irmão mais novo, que fora para o oeste.

(FORD, Clyde W. O herói com rosto africano. Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999, p.62-82)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

Forme grupo com alguns colegas da sala e converse sobre o mito que acabou de ler. Ao final, compartilhe com a turma suas considerações.

- Quais suas impressões sobre essa narrativa? Destaque e comente o que mais chamou sua atenção nessa leitura.
- Sudika-mbambi precisa passar por muitos obstáculos para vencer a batalha. Conte-nos qual foi para você o mais difícil desses combates.
- O mito de Sudika-mbambi explica a criação de qual fenômeno da natureza? Que outro mito você conhece que explica fenômeno da natureza?
- Essa aventura do herói africano se assemelha a alguma história de herói que você já conhece? Comente.
- Você percebeu como o universo mitológico africano apresenta histórias fascinantes, com heróis, monstros fantásticos, grandes combates? Essas histórias, com certeza, renderiam ótimos filmes, não é mesmo? Levante hipótese: por que essas narrativas não aparecem nos cinemas, nem nos livros didáticos? Comente.

EXPRESSÃO ESCRITA

Você conheceu alguns mitos africanos nesta etapa, trace um paralelo entre eles, preenchendo o quadro comparativo a seguir:

HERÓI	CARACTERÍSTICAS	MISSÃO	OBSTÁCULOS	DESFECHO

ATIVIDADE DE PESQUISA

- Esse mito faz parte da tradição oral do povo de Angola. O que você sabe sobre esse país? Com a supervisão do(a) professor(a), faça uma pesquisa, em grupo sobre a história e culturas de Angola, e compartilhe o resultado da pesquisa compondo, com a turma, o mural da escola.

5º MOMENTO

Ilustrando a narrativa

TECENDO ARTE I

ATIVIDADE EM GRUPO – MAPA ILUSTRADO

Vocês conheceram vários mitos africanos. Eles apresentam personagens heroicos, fortes, generosos e perseverantes; monstros horrendos com os quais os heróis precisam lutar; feiticeiras que guardam as fronteiras, entre outros personagens. Há os lugares onde ocorrem os combates, os encontros, onde ficam as aldeias, as matas. Tudo está descrito nas narrativas. Além disso, há os diálogos entre as personagens.

Você e seu grupo irão confeccionar o **mapa ilustrado da narrativa**. Escolham um mito, releiam com atenção, estudem as características dos personagens, o cenário e os caminhos por onde passam os personagens.

Os mapas ilustrados poderão ficar expostos para a comunidade escolar no mural da escola.

Exemplos de mapa ilustrado



TECENDO ARTE II

ATIVIDADE EM GRUPO – HQ ONLINE¹¹

Em grupo, escolham um mito africano, trabalhado em sala, e produzam uma história em quadrinho digital. Para isso, com orientação e acompanhamento do(a) professor(a), vocês irão acessar o espaço virtual *Pixton* e usar as ferramentas disponíveis para a confecção da narrativa. Ao final, o grupo poderá publicar a história na página virtual da escola ou imprimi-la para socialização.

Com os trabalhos prontos, os alunos, juntamente com os professores envolvidos, organizarão a Contação dos Mitos para outras turmas.



Foto: Reprodução/ Pixton

O **Pixton** é serviço online, que também disponibiliza extensão para Google Chrome e possibilita a criação de quadrinhos. Com ele é possível criar desenhos com qualidade profissional, arrastando personagens e movendo-os para qualquer pose. Também adiciona fotos, falas personalizadas, fundos dinâmicos, objetos; edita a forma e a posição de cada quadro da história; estiliza o texto através de fontes, cores, tamanhos e a personalização da caixa que o contém; adiciona imagens sequenciais para formar um conto; cria a própria arte e outros. Para usar o Pixton é preciso realizar um rápido registro ou simplesmente logar-se com sua conta do Facebook ou Google, dentro de cada modalidade oferecida. A interface principal, em qualquer opção, traz um passo a passo de como fazer para criar seus quadrinhos e a cada etapa acessada, há uma espécie de navegação guiada que o ajudará no processo.

(Disponível em: < <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/pixton.html> > Acesso em 02 mar. 2021)

AUMENTANDO A BAGAGEM

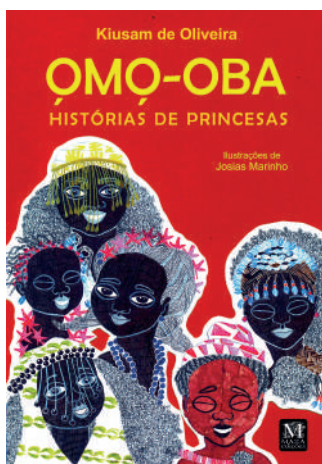


Pouco ou nada se falou sobre a África para os jovens de hoje, afro-descendentes ou não. Para muitos a África ainda é um mistério ou, pior ainda, quando aparece nos noticiários, é como palco de terríveis guerras civis e epidemias. Mas a África é bem mais do que isso e este livro procura mostrar suas histórias e tradições, apresentando a todos seu folclore para assim, quem sabe, despertar outros tantos a escrever mais sobre esse continente.

BRAZ, Júlio Emílio. **Lendas Negras**. São Paulo: FTD, 2001.

(Disponível em: < <https://compre.ftd.com.br/?r=livros/open-livros&title=lendas-negras> > Acesso em 10 out. 2020).

11. Disponível em: < <https://www.pixton.com/> > Acesso 02 mar. 2021



Omo-Oba: Histórias de Princesas é um livro que privilegia o recontar de mitos africanos, muito divulgados nas comunidades de tradição ketu, pouco conhecidos pelo público em geral e que reforçam os diferentes modos de ser femininos. Os sete mitos apresentados têm o objetivo de fortalecer a personalidade de meninas de todos os tempos.

OLIVEIRA, Kiusam. **Omo-Oba: histórias de princesas**, Belo Horizonte: Maza Edições, 2009.

(Disponível em: <<https://www.mazzaedicoes.com.br/obra/omo-oba/>> Acesso em 12 out. 2020)



O romance resgata a lenda envolvendo os montes Moxuara, em Cariacica; e Mestre Álvaro, Serra. A narrativa gira em torno da bela princesa indígena Jaci, da tribo dos botocudos, que conhece o jovem guerreiro Piatã, da tribo temiminó. Sem saber que pertencem a tribos rivais, ambos se apaixonam à primeira vista. Com as duas tribos em guerra, Jaci e Piatã tentam levantar a bandeira da paz, mas suas vidas acabam sendo ameaçadas. Um misterioso pássaro, que só ajuda aqueles que têm amor no coração, virá em auxílio do jovem casal.

TESMISTOCLA, Sandra. **Pássaro de fogo**. Vitória: Cousa, 2018.

(Disponível em: <<https://cousa.minestore.com.br/produtos/passaro-de-fogo>> Acesso em 10 nov 2020)



O amor impossível entre dois jovens cujos grupos sociais a que pertencem se antagonizam ferrenhamente é o enredo de muitas histórias famosas. Nas terras capixabas, a mais contada e recontada desse gênero é a lenda do pássaro de fogo. O conto de Paulo Roberto Sodré extrai com beleza vigorosa os momentos mais dramáticos dessa narrativa recheada de cores locais. Já as belíssimas ilustrações são fruto do trabalho da artista Icléa Correa, cujo esforço criativo surpreende pelas cores e pelas formas com que ela dá vida aos personagens trágicos descritos pelo narrador. Com uma proposta muito diferente tanto verbal quanto visualmente, “Um pássaro de fogo” demonstra a versatilidade da dupla com o verbo, de um lado, e com o lapis de cor, de outro.

SODRÉ, Paulo Roberto. **Um pássaro de fogo – conto**. Vitória: Ed Cândida, 2020

(Disponível em: <<https://loja.editoracandida.com.br/um-passaro-de-fogo>> Acesso em 13 fev 2021).

4ª ETAPA

Eu sou porque pertença

TEMPO ESTIMADO

4 aulas

ESPAÇO

Sala de video

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

História, Geografia e Arte

OBJETIVOS:

- Reconhecer traços da cultura e ética africanas presentes no livro;
- Estabelecer diálogos entre os temas presentes no livro e outros textos de diferentes gêneros;
- Discutir sobre o conceito de solidariedade;
- Refletir sobre ações de solidariedade;
- Construir, em grupo, estratégias de incentivo à cultura de solidariedade.

MATERIAL UTILIZADO

- Exemplares do livro;
- Cópias dos textos;
- Aparelho multimídia;

Nesta etapa, os alunos terão a oportunidade de conhecer um pouco sobre a sabedoria africana para a convivência em comunidade, assim como o conceito de Irmandade e sua relevância na diáspora negra. Além disso, poderão conhecer personalidades que se destacaram pela luta por justiça social na África e deixaram um importante legado. Ao final, os alunos, em grupo, produzirão material audiovisual ou panfleto propondo uma campanha de solidariedade.

1º MOMENTO

Conhecendo a ética Ubuntu

De conversa em conversa...

- Para você, o que é solidariedade? O que é ser solidário?
- Você percebe ações solidárias na escola ou na comunidade onde vive? Comente.
- É possível promover uma cultura de solidariedade na escola ou na sua comunidade? Como você poderia contribuir para isso?

RETOMANDO A HISTÓRIA

“Os rapazes tomaram a bênção e abraçaram vó Berna também. Depois dos cumprimentos, o tio pediu licença para preparar o corpo e instruções do local onde deveria fazê-lo. **Vô e o tio Aroni pertenciam a uma espécie de irmandade masculina**, e quando um integrante morria, havia esse ritual, sempre conduzido pelo tio” (p.21).

- Você leu que Vô Francisco pertencia a uma espécie de **Irmandade**. O que você entende por irmandade?
- Qual a importância da Irmandade na história dos povos africanos que vieram escravizados para a América?

VOCÊ SABIA?

Irmandade¹² são instituições religiosas formadas por leigos, ou seja, formadas por pessoas que não são sacerdotes – nem padres ou pastores. Essas irmandades chegaram ao Brasil a partir do século XVIII. Nessa época, ainda havia pessoas escravizadas no Brasil, mas eles podiam participar dessas irmandades. **As irmandades leigas de negros eram um espaço onde os escravos conseguiam influenciar a cultura da colônia e preservar os próprios valores, rituais e laços de solidariedade.** Por intermédio das irmandades, os escravos **podiam preservar a solidariedade** para com os seus iguais, um traço forte na cultura do Congo e Angola, entre outros países africanos. **A irmandade apoiava o irmão e, muitas vezes, sua família em ocasiões como casamentos, nascimentos e morte.**

SILVA, Nilbberth. **Irmandades ajudaram escravos a influenciar cultura e religião do Brasil**. Publicado em 15/05/2009. Agência USP de Notícias. Disponível em <<http://www.usp.br/agen/?p=5907>> Acesso em 02 fev.2021.

12. COMAR, Michelle. Imagens de ébano em altares barrocos: as irmandades leigas de negros em São Paulo (séculos XVIII-XIX). 2009. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. doi:10.11606/D.8.2009.tde-13042009-143933.

Como você leu e discutiu na etapa anterior, a família de Vô Francisco passa por várias situações, nem sempre fáceis de lidar. Vamos lembrar algumas delas:

- A personagem Melissa, neta de Vô Francisco, tem seis anos e é cadeirante;
- Os netos Lira e Abayomi viviam em um orfanato e foram adotados pela filha de Vô Francisco, mas ainda carregam “As lembranças do orfanato, o vazio de solidão e rejeição” dentro deles (p. 31).
- A narradora da história, a adolescente Bárbara, tem 16 anos, mora com os avós paternos porque a mãe a abandonou e o pai está sempre viajando.

Mas, apesar das dificuldades, a família se apoia o tempo todo. A dificuldade de um é a dificuldade de todos; a tristeza de um é a tristeza de todos. A alegria de um é a alegria de todos. E é aí que se encontra uma das maiores riquezas do pensamento africano: **Ubuntu**. Você já ouviu essa palavra? Conhece seu significado? Vamos conhecer um pouco desse conceito e sua relação com o espírito da Irmandade.

TEXTO 1

Ubuntu

Eu sou porque pertenço

Existo porque existimos, e existimos porque existo¹³. Essa mensagem está presente, de alguma forma, em toda a mitologia e espiritualidade africanas, como você percebeu na leitura dos mitos africanos da etapa anterior. Agora, vamos conhecer uma narrativa que exemplifica essa forma de se relacionar com o outro.

Uma lenda africana



Diz a lenda, que um antropólogo visitou um povoado africano a fim de conhecer a sua cultura e averiguar quais eram os seus valores fundamentais. Assim, lhe ocorreu uma brincadeira para as crianças. Ele colocou um cesto de frutas perto de uma árvore. E disse o seguinte às crianças:

– A primeira que chegar à árvore ficará com o cesto de frutas.

Mas, quando o homem deu o sinal para que começasse a corrida em direção ao cesto, aconteceu algo inusitado: as crianças deram as mãos umas às outras e começaram a correr juntas. Ao chegarem ao mesmo tempo todos desfrutaram do prêmio. Eles se sentaram e repartiram as frutas. O antropólogo, então, lhes perguntou por que tinham feito isso, quando somente uma poderia ter ficado com todo o cesto. Uma das crianças respondeu:

– ‘Ubuntu’. Como um de nós poderia ficar feliz se o resto estivesse triste?

(Disponível em

<<https://www.criandocomapego.com/lenda-africana-sobre-a-filosofia-ubuntu/#:~:text=Ubuntu%20%C3%A9%20uma%20antiga%20palavra,consegue%20a%20felicidade%20de%20todos.>> Acesso em 15 de jan de 2021.)

13. FORD, Clyde W. O herói com rosto africano - Mitos da África. Tradução de Carlos Mendes Rosa - São Paulo: Summus, 1999, p. 40.

TECENDO REDES

Do texto ao vídeo

Para entender a ética africana Ubuntu, você assistirá a três pequenos vídeos e depois conversará com os colegas sobre o tema:

Vídeo 1 – Benfica (S.L.B)-Nuno Gomes – Solidariedade – Cabo Verde 2015

Produção: Sport Lisboa e Benfica (Clube Multidesportivo de Portugal)

Tempo de duração: 2'49"

Sinopse: Nuno Gomes, jogador de futebol de Lisboa, presenteou algumas crianças que jogavam bola em um descampado e, momentos seguintes antes de ir embora, presenciou uma atitude surpreendente dessas crianças.

Endereço de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=tL1CFWN3INc>

Vídeo 2 – UBUNTU: Eu sou porque você é

Produção: Edu Seidenthal

Tempo de duração: 1'28"

Sinopse: O educador Edu Seidenthal descreve o significado da ética Ubuntu e sua importância para o mundo contemporâneo.

Endereço de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=k_QIAoFxRow

Video 3 – UBUNTU: o que significa essa filosofia africana e como pode nos ajudar nos desafios do hoje

Produção: BBC News – Brasil

Tempo de duração: 6'4"

Sinopse: Neste vídeo, a apresentadora Malu Cursino explica a origem da filosofia, que ganhou admiradores e adeptos nos quatro cantos do mundo, e o que ela tem a nos ensinar.

Endereço de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=KaQSIvWV7wo>

VOCÊ SABIA?

Ubuntu: é uma sabedoria africana que trata da importância das alianças e do relacionamento das pessoas, umas com as outras. Faz parte da identidade dos povos Bantu, ou seja, formam um grupo étnico da chamada África Subsaariana ou todos os países da África que estão ao sul da Linha do Equador. Boa parte das pessoas trazidas ao Brasil escravizadas fazem parte dos povos Bantus. Na tentativa da tradução para o português, ubuntu seria “**humanidade para com os outros**”. Uma pessoa com ubuntu tem consciência de que é afetada quando seus semelhantes são diminuídos, oprimidos. De ubuntu, as pessoas devem saber que o mundo não é uma ilha: “Eu sou porque nós somos”. A frase célebre desse humanismo está presente nas línguas zulu e xhosa (dentre as 11 línguas oficiais da África do Sul) umuntu ngumuntu ngabantu (“o ser humano se torna humano por meio do humano” ou uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas). No conceito ubuntu, cada pessoa recebe uma chance igual de falar até que algum tipo de acordo, consenso ou coesão do grupo seja atingido.

Embora seja um pensamento presente em quase todo o continente africano, foi na África do Sul que o ubuntu ganhou um sentido importante em razão dos anos de segregação racial. A luta de Nelson Mandela e o arcebispo anglicano Desmond Tutu contra o apartheid chamou a atenção do mundo e colocou em evidência o pensamento e a prática ubuntu. O apartheid chegou ao fim em 1994. E o conceito de ubuntu trazia a base de um ideal de igualdade entre negros e brancos e, inclusive entre negros de diferentes grupos étnicos.

Texto adaptado do site:

<<https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/#:~:text=Uma%20sociedade%20sustentada%20pelos%20pilares,humanidade%20para%20com%20os%20outros%E2%80%9D>

> Acesso em 15 jan 2021.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

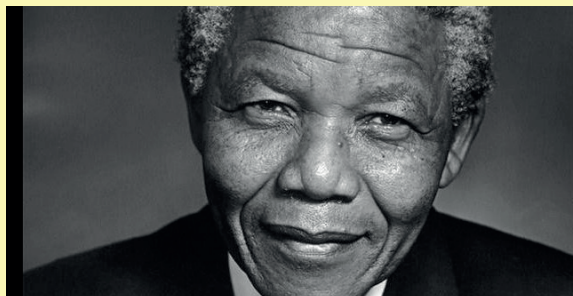
Forme pequeno grupo com seus colegas da turma e converse sobre o texto que leu e os vídeos a que acabou de assistir. Ao final, em grande roda, compartilhe as conclusões a que chegou. Considere as seguintes questões:

- Como você entendeu o conceito ubuntu? O que ubuntu nos ensina?
- Como podemos colocar em prática a ética ubuntu na convivência com nossa família, na escola, na nossa comunidade?

TECENDO REDES

Você notou que nos vídeos 2 e 3 são citadas personalidades que marcaram a história da África pela prática Ubuntu na luta contra a desigualdade social.

Vamos conhecer um pouco da história de quatro desses importantes líderes africanos que colocaram em evidência a ética ubuntu.



Nelson Mandela – Prêmio Nobel da Paz de 1993 – Foi um dos maiores representantes do ubuntu. Ele trazia o ubuntu na alma. Foi um advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como o mais importante líder da África Negra, e pai da moderna nação sul-africana.

Nelson Mandela nasceu em 18 de julho de 1918, em Mvezo, África do Sul, filho em uma família de nobreza tribal, da etnia Xhosa. Em 1939, ingressou no curso de Direito, na Universidade de Fort Hare, a primeira Universidade da África do Sul a ministrar cursos para negros. No ambiente universitário, Mandela teve oportunidade de tomar conhecimento da luta contra o apartheid (separação de negros e brancos) promovida pelo Congresso Nacional Africano (CNA). Em 1944, junto com Walter Sisulo e Oliver Tambo, fundou a Liga Jovem do Congresso Nacional Africano (CNA), que se tornou o principal

instrumento de representação política dos negros. Foi preso por liderar protestos antirracismo em seu país. Mandela foi condenado à prisão perpétua em 1964, período em que diversos líderes negros foram perseguidos, presos, torturados e assassinados. No dia 11 de fevereiro de 1990, depois de 26 anos preso, o presidente da África do Sul Frederik de Klerk, o liberta. Quatro anos depois, conseguiu a realização das eleições multirraciais, em abril de 1994. Seu partido saiu vitorioso e foi eleito presidente da África do Sul. Mesmo preso por tantos anos por lutar contra o racismo, Mandela não nutriu nenhum ódio por quem o condenou. Nelson Mandela faleceu em Joanesburgo, no dia 5 de dezembro de 2013.

"Podemos atacar o racismo e seus males sem nutrir em nós mesmos sentimentos de hostilidade entre diferentes grupos raciais". (Carta escrita na prisão para sua esposa, em julho de 1970).

"...para ser feliz é preciso viver em coletividade, em harmonia com quem está à sua volta. Ou seja, tudo de bom que você pode sentir ou desejar a uma pessoa, os africanos resumiram em apenas seis letras."

Disponível em <<http://editoraunesp.com.br/blog/102-anos-de-nelson-mandela-e-suas-contribuicoes-para-o-mundo>>

Acesso em 15 jan. 2021.

Trecho da carta disponível em <<https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2018/10/10/cartas-escritas-por-mandela-na-prisao-sao-exemplos-de-afeto-e-resistencia/>> Acesso em 15 jan. 2021.

Frase Ubuntu disponível em <<https://domtotal.com/periscopio/1176/2011/09/sou-quem-sou-porque-somos-todos-nos/>>

Acesso em 15/01/21

Para saber mais sobre a vida de Nelson Mandela e sua vivência ubuntu assista ao vídeo disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=9MriLwKIWKU>> Acesso em 15 jan. 2021



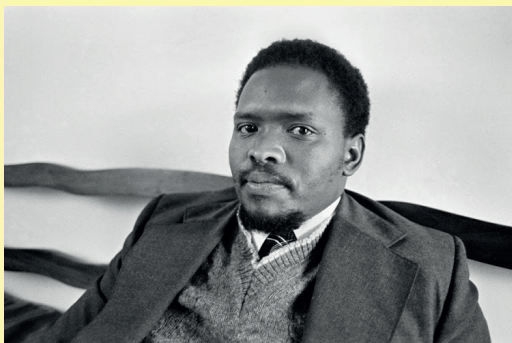
Desmond Tutu - Prêmio Nobel da Paz de 1984 pelos seus esforços em resolver conflitos e acabar com o apartheid. Um dos mais conhecidos ativistas dos direitos humanos da África do Sul. Nascido em 1931 em Klerksdorp, África do Sul, primeiro foi professor, posteriormente estudou teologia, tendo-se tornado o primeiro arcebispo anglicano negro da Cidade do Cabo e Joanesburgo. Através das suas palestras e escritos como um crítico franco do apartheid, ele ficou conhecido como a "voz"

dos negros sem voz sul-africanos. Depois de a revolta dos estudantes no Soweto se ter transformado em tumulto, Tutu apoiou o boicote econômico do seu país, sem deixar de promover a reconciliação entre as diversas facções associadas com o apartheid. Quando as primeiras eleições multirraciais da África do Sul foram realizadas em 1994, elegendo Nelson Mandela como o primeiro presidente negro da nação, Mandela nomeou Tutu Presidente da Comissão da Verdade e Reconciliação (CVR). No seu trabalho dos direitos humanos, Tutu formulou o seu objetivo como "uma sociedade democrática e justa sem divisões raciais", e estabeleceu exigências para a realização disto, incluindo direitos civis iguais para todos, um sistema comum de educação e o fim da deportação forçada. Além do Prêmio Nobel, Tutu foi agraciado com inúmeros prêmios, incluindo o prêmio "Pacem in Terris", o Prêmio Bispo John T. Walker de Serviço Humanitário Distinto, o Prêmio Liderança Lincoln e o Prêmio Gandhi da Paz. Desmond Tutu continua a viajar muito, defendendo os direitos humanos e a igualdade entre todos os povos, tanto dentro da África do Sul quanto internacionalmente.

"Ubuntu é a essência do ser humano. Você não pode viver isoladamente, você não pode ser humano se é só".

Disponível em: <<https://www.unidosparaosdireitoshumanos.com.pt/voices-for-human-rights/desmond-tutu.html>>

Acesso em 20/01/21.



Steve Biko – Líder político sul-africano

Entre os milhares de negros sul-africanos que deram a vida pela libertação do seu povo da opressão racista, existem muitos nomes que se destacam. Mas um deles terá para sempre um lugar especial na memória do povo negro da África do Sul e dos democratas do mundo inteiro. Seu nome era Steve Biko, principal dirigente da organização Consciência Negra e ex-presidente da Organização dos Estudantes da África do Sul (OESA),

entidade que representa os estudantes negros daquele país.

Steve Biko nasceu em 18 de dezembro de 1946, King William's Town, África do Sul e morreu em 12 de setembro de 1977, Pretória, após ser preso e torturado pela polícia política sul-africana. Seu pai, Mzimhkayi Biko, morreu quando ele tinha apenas 4 anos de idade. Ele tinha um irmão e uma irmã mais velhos e uma irmã mais nova. “O lar dos Biko – conta Barney Pityana, seu amigo de infância e companheiro de militância – era realmente uma grande família. Todos aprenderam a partilhar e contribuíram para a vida familiar de acordo com suas capacidades. Esse espírito de colaboração deixou uma impressão duradoura em Steve Biko. Ele não foi criado somente com o irmão e as irmãs, pois a mãe, embora tivesse um emprego em tempo integral, também criou filhos de alguns parentes. Steve se impressionava com a atitude filosófica de sua mãe em relação à luta diária pela sobrevivência e seu compromisso total de oferecer toda a ajuda que pudesse, não só para os filhos, mas para todos que a solicitassem na hora da necessidade. Isso era natural. Mas foi a semente da qual nasceu um sistema político que iria transformar toda a cena sul-africana”.

Em 1966, largou a faculdade de Medicina, na Universidade de Natal para dedicar-se à atividade política. Em 1968, foi cofundador do All-Black Organização de Estudantes da África do Sul (SASO) e se tornou seu primeiro presidente no ano seguinte. A SASO foi baseada na filosofia da consciência negra, que encorajou os negros a reconhecerem sua dignidade e valor próprio inerentes. Na década de 1970, o Movimento da Consciência Negra se espalhou dos campi universitários para comunidades negras urbanas em toda a África do Sul. Em 1972, Biko foi um dos fundadores da Convenção do Povo Negro. Biko recebeu censura oficial em 1973. Ele então operou secretamente, estabelecendo o Fundo Fiduciário Zimele, em 1975, para ajudar os presos políticos e suas famílias. Foi preso quatro vezes nos dois anos seguintes e foi mantido sem julgamento por meses seguidos. Em 18 de agosto de 1977, ele e um outro ativista foram detidos em um bloqueio de estrada e presos em Port Elizabeth. No dia 6 de setembro, ele foi submetido a 22 horas de interrogatório, durante as quais foi torturado e espancado, vindo a falecer no dia 12. A partir daí, a estrutura organizativa do Movimento Consciência Negra seria esmagada e seus líderes perseguidos.

Disponível em < <https://www.geledes.org.br/steve-biko/> > Acesso em 20 jan. 2021



Wangari Muta Maathai, Nobel da Paz de 2004, primeira mulher africana a ganhar o prêmio, por sua “contribuição para o desenvolvimento sustentável, democracia e paz”. Nasceu na área rural de Nyeri, Quênia, em 01 de abril de 1940. Wangari é uma ativista ambientalista. Envolvida em diversas causas sociais e do meio ambiente, “Maathai se levantou corajosamente contra o antigo regime opressor do Quênia. Suas formas únicas de ação contribuíram para chamar a atenção para a opressão política – nacional e

internacionalmente. Ela serviu de inspiração para muitos na luta pelos direitos democráticos e encorajou especialmente as mulheres a melhorar sua situação", foram as palavras anunciadas pelo Comitê do Nobel da Noruega, em um comunicado que apresentou a ambientalista como ganhadora. pelo seu trabalho humanitário. Estudou em ambientes católicos por toda a vida e após concluir os estudos em uma escola só para meninas recebeu a oportunidade de viajar para os Estados Unidos e estudar na St. Scholastica College em Atchison, Kansas, onde adquiriu o diploma em Ciências Biológicas. De volta ao Quênia, Wangari tornou-se a primeira mulher no Leste e Centro da África a ter o título de PhD, e a primeira mulher a ingressar como professora associada e também presidente do Departamento de Anatomia Veterinária da Universidade de Nairóbi. Wangari fundou o The Green Belt Movement (Movimento do Cinturão Verde, em tradução livre) em 1977, em resposta a um problema ambiental crescente nas planícies anteriormente férteis: os rios estavam secando e as mulheres reclamavam da diminuição de comida, além da dificuldade de conseguir lenha. Wangari percebeu uma linha lógica na situação: os rios morriam porque as árvores que seguravam a erosão do solo eram exploradas maciçamente pela indústria madeireira. A sacada genial de Wangari foi aliar a demanda pela restauração das áreas com uma segunda demanda igualmente urgente: dinheiro para as famílias. Maathai angariou um fundo monetário para pagar uma pequena quantia por cada árvore plantada e, reconhecendo a falta de apego à terra como um dos problemas crescentes no Quênia, montou seminários e grupos de discussões para informar os participantes de seus direitos cívicos e envolvê-los na educação ambiental. Estima-se que até 2019, 1 milhão de mulheres participaram ativamente do ato, plantando no mundo inteiro, mas principalmente no Quênia, mais de 50 milhões de árvore. Em 25 de setembro de 2011, aos 71 anos, Wangari faleceu devido a complicações de um câncer nos ovários. Entretanto, o GBM (Movimento do Cinturão Verde) continua vivo e em ação.

Disponível em: <

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/wangari-maathai-a-primeira-africana-ganhar-um-premio-nobel.phtml>> Acesso em 21 jan. 2021

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Após ler a biografia resumida de importantes líderes africanos, comente o que a vida deles tem em comum.
- Você saberia falar sobre outras pessoas que lutaram ou lutam por uma causa social? Comente.
- O que você pensa sobre as pessoas que dedicam sua vida para defender direitos coletivos?

2º MOMENTO

Sawabona Shikoba

Agora você vai conhecer uma história bastante diferente sobre a vida em uma comunidade africana.

TEXTO 2

Sawabona Shikoba¹⁴

“Eu sou bom”

Existe uma tribo da África do Sul com um costume verdadeiramente belo. Quando alguém se comporta de forma inadequada, os membros da tribo levam essa pessoa ao centro da aldeia e fazem uma grande roda em volta dela. Durante dois dias eles recordam a essa pessoa todas as coisas boas que ela já fez. Esse costume é conhecido como Sawabona Shikoba. Esta tribo tem a crença ancestral que todos nós viemos ao mundo sendo bons e desejando segurança, amor, paz e felicidade. Ocorre que, na busca pelo nosso lugar, no dever de nossa vida, podemos cometer erros. Esses erros são para eles gritos de socorro, pedidos de ajuda. A tribo, então, reúne-se para erguê-la, para reconectá-la com sua verdadeira natureza, com sua felicidade interior, recordando-lhe quem realmente é e, na realidade, lembrando-a de que pode dar novamente a mão à sua verdade da qual havia se desconectado temporariamente, ressocializando-a.

Sawabona é um cumprimento utilizado por essa tribo sul-africana e quer dizer:

“Eu te respeito, eu te valorizo, você é importante para mim”

E em resposta à saudação a(s) pessoa(s) diz(em) Shikoba, que quer dizer:

“Então eu existo para você”.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Quais foram suas impressões sobre essa narrativa? Você concorda que quando alguém comete um erro significa que está pedindo socorro? Comente.
- Você acha possível essa prática em nossa cultura?
- Você percebe alguma relação entre a Lenda africana, sobre Ubuntu, e o texto Sawabona Shikoba? Comente.

Vimos que ambas as histórias abordam o tema da **Solidariedade**. E o que é solidariedade?

14. TIMÓTEO, Sebastião Manuel. Sawabona Shikoba - Eu sou bom. Revista Jurídica Luso-Brasileira Ano 2 (2016), nº 1, 1563-1592. Disponível em <http://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2016/1/2016_01_1563_1592.pdf> Acesso em 20 jan. 2021

Fonte adaptada: <<https://amenteemaravilhosa.com.br/voce-conhece-significado-das-palavras-sawabona-shikoba/>> Acesso em 20 jan. 2021

Solidariedade e Cooperação

Solidariedade advém, etimologicamente, de “sólido e consistente” (solidus, em latim). Dos verbos solidare (consolidar, segurar, fazer sólido) e solidescere (fazer-se sólido, consolidar-se). Exercer a solidariedade implica fazer-se parte de algo maior, com vistas a solidificar, consolidar, tornar algo sólido. A partir dessas definições, podemos dizer que a solidariedade implica cooperação, mas a cooperação não necessariamente implica solidariedade. Quem é solidário coopera com o outro para consolidar algo maior do qual se sente parte. Trabalhar junto é cooperar. Cooperar para consolidar algo maior (uma meta, uma parceria, uma cultura...) é solidariedade. A solidariedade supõe compreender-se parte de um sistema. Cooperar sem a noção do todo do qual se participa é apenas trabalhar junto, colaborar. Entendemos, assim, a solidariedade a partir do seu significado etimológico, como algo que aprofunda a colaboração entre pessoas, visto que a solidariedade necessariamente abrange a cooperação, mas a cooperação não abrange necessariamente a solidariedade [...].

PATRUS, Roberto. Cooperação e Solidariedade: considerações etimológicas sobre a colaboração. Disponível em <<https://www.plurale.com.br/site/noticias-detelhes.php?cod=12941&codSecao=2>> Acesso em 10 fev 2021

ATIVIDADE EM GRUPO

Antes da apresentação da proposta de atividade, conheça alguns panfletos de campanha solidária e ouça a canção *Principia*, do artista Emicida.

Você irá ler sobre algumas ações de solidariedade em tempos de pandemia da COVID 19, publicadas na página do Jornal Rede Brasil Atual.

TEXTO 1

RADIO BRASIL ATUAL POLÍTICA SAÚDE E CIÊNCIA CIDADANIA AMBIENTE ECONOMIA TRABALHO EDUCAÇÃO C

CIDADANIA

#SOLIDARIEDADECOVID19

Iniciativas em todo o Brasil reforçam solidariedade a quem mais precisa

Mesmo sem sair de casa é possível exercitar a solidariedade e apoiar quem está mais vulnerável nesses tempos de combate ao coronavírus

Por Redação RBA

Publicado 23/04/2020 - 07h13

No Espírito Santo

arrecadação

para famílias em vulnerabilidade social de Cariacica.

Como o momento pede isolamento, pedimos que a doação seja feita em dinheiro, mas para aqueles que preferirem doar os alimentos ou materiais de limpeza disponibilizaremos contatos que possam buscar nas casas ou endereço para ser entregues.

Contato para buscar as doações
(27) 99611 - 0934

Conta Poupança Banestes
Lais L. Rezende
Conta: 2858405 - 0
Agência: 0108

Conta Poupança Caixa
Ilona Acucena C. Gonçalves
Conta: 00013480 - 7
Agência: 0662
Operação: 013

PicPay: @ilona.acucena






A Campanha de Arrecadação Solidária ajuda famílias que têm passado por dificuldades ao perderem sua fonte de renda por ter de permanecer em casa no combate ao coronavírus. Para isso, o movimento Kizomba e o Movimento Negro Unificado (MNU) arrecadam dinheiro, alimentos e produtos de limpeza.

A distribuição é feita para pessoas em maior vulnerabilidade, começando por Cariacica. O grupo entrega também panfletos com informações sobre a renda emergencial, serviços emergenciais do serviço social da região e sobre o reforço às medidas de prevenção.

No Rio de Janeiro



HIGIENIZAÇÃO
DE RUAS, BECOS E
VIELAS DA BABILÔNIA
E CHAPÉU MANGUEIRA

DISTRIBUIÇÃO DE
KITS DE LIMPEZA E
CARTILHA EDUCATIVA



babilônia utopia



(Disponível em:

<<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/04/iniciativas-solidariedade-covid-19/>> Acesso em 10 fev. 2021)

TEXTO 2

Leia e ouça a música completa Principia, de Emicida, do álbum AmarElo. O autor busca, na ancestralidade da ética Ubuntu, a herança do amor, da espiritualidade e do ritmo para transmitir sua mensagem de esperança e fé.

[Pastoras do Rosário]
Lá-ia, lá-ia, lá-ia

[Emicida]
Com o cheiro doce da arruda
Penso em buda, calmo
Tenso, busco uma ajuda
Às vezes me vem um salmo
Tira a visão que iluda, é tipo um oftalmo
E eu, que vejo além de um palmo
Por mim, tu, Ubuntu, algo almo
Se for pra crer no terreno
Só no que nós tá vendo memo
Resumo do plano é baixo, pequeno
Mundano, sujo, inferno e veneno
Frio, inverno e sereno
Repressão e regressão
É um luxo ter calma, a vida escalda
Tento ler almas pra além de pressão
Nações em declive na mão desse
Barrabás

Onde o milagre jaz
Só prova a urgência de livros
Perante o estrago que um sabre faz
Imersos em dívidas ávidas
Sem noção do que são dádivas
No tempo onde a única que ainda corre
livre aqui são nossas lágrimas
E eu voltei pra matar, tipo infarto
Depois fazer renascer, estilo um parto
Eu me refaço, farto, descarto
De pé no chão, homem comum
Se a bênção vem a mim, reparto
Invado cela, sala, quarto
Rodei o globo, hoje tô certo de que
Todo mundo é um

[Emicida e Pastoras do Rosário]
Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é
nóis
Tudo, tudo, tudo que nós tem é
(...)

[Emicida]

Cale o cansaço, refaça o laço
Ofereça um abraço quente
A música é só uma semente
Um sorriso ainda é a única língua que
todos entende
(Tio, gente é pra ser gentil)

Tipo um girassol, meu olho busca o Sol
Mano, crer que o ódio é a solução
É ser sommelier de anzol
Barco à deriva, sem farol
Nem sinal de aurora boreal
Minha voz corta a noite igual um rouxinol
Meu foco de pôr o amor no hall.

[Fabiana Cozza]

Tudo que bate é tambor
Todo tambor vem de lá
Se o coração é o senhor, tudo é África
Pus em prática
Essa tática
Matemática, falou?

Enquanto a terra não for livre, eu
também não sou
Enquanto ancestral de quem tá por vir,
eu vou
E cantar com as menina enquanto
germina o amor
É empírico, meio onírico, tipo Kiriku,
meu espírito
Quer que eu tire de tu a dor

[Emicida]

É mil volts a descarga de tanta luta
Adaga que rasga com força bruta
Deus, por que a vida é tão amarga
Na terra que é casa da cana de açúcar?
E essa sobrecarga frustra o gueto
Embarga e assusta ser suspeito
Recarga que pus, é que igual Jesus
No caminho da luz, todo mundo é preto
Ame, pois

Simbora que o tempo é rei
Vive agora, não há depois
Ser tempo da paz, como um cais que
vigora nos maus lençóis
É um-dois, um-dois, não julgue o
playboy

Como monge sois, fonte como sóis
No front sem bois, forte como nós
Lembra: A rua é nós

[Emicida e Pastoras do Rosário]

(Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é
nóis)
Tudo, tudo, tudo que nós tem é nós (...)

[Pastor Henrique Vieira]

Vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho pra
viver?
Não sei, não posso saber
Quem segura o dia de amanhã na mão?
Não há quem possa acrescentar um
milímetro a cada estação
Então, será tudo em vão? Banal? Sem
razão?
Seria, sim, seria se não fosse o amor
O amor cuida com carinho, respira o
outro, cria o elo
No vínculo de todas as cores, dizem que
o amor é amarelo
É certo na incerteza
Socorro no meio da correnteza
Tão simples como um grão de areia
Confunde os poderosos a cada
momento.

Amor é decisão, atitude
Muito mais que sentimento
É alento, fogueira, amanhecer
O amor perdoa o imperdoável
Resgata dignidade do ser
É espiritual
Tão carnal quanto angelical
Não tá num dogma, ou preso numa
religião
É tão antigo quanto a eternidade
Amor é espiritualidade
Latente, potente, preto, poesia
Um ombro na noite quieta
Um colo para começar o dia
Filho, abraça sua mãe
Pai, perdoe seu filho
Pais é reparação, fruto de paz
Paz não se constrói com tiro

Mas eu o miro, de frente, na minha
fragilidade

Eu não tenho a bolha da proteção
Queria guardar tudo que amo
Num castelo da minha imaginação
Mas eu vejo a vida passar num instante
Será tempo o bastante que tenho para
viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor
Eu mudarei o curso da vida

Farei um altar para comunhão
Nele eu serei um com o mundo
Até ver o ubuntu da emancipação
Porque eu descobri o segredo que me
faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo

(Disponível em

<<https://www.letras.mus.br/emicida/principia-part-fabiana-cozza-pastoras-do-rosario-e-pastor-henrique-vieira/>> Acesso em 10 fev. 2021)



Leandro Roque de Oliveira – **EMICIDA** (São Paulo SP 1985). Cantor, compositor, produtor musical e desenhista. Nascido e criado no Jardim Fontális, na zona norte de São Paulo. Emicida é autor de versos diretos e incisivos, demonstrando muita habilidade nas rimas feitas de improviso. Sua obra é renovadora do rap nacional. Com um discurso altamente politizado, também se destaca por se aproximar de artistas de outras vertentes, dialogando com diferentes gêneros musicais. Nos versos de Emicida, Zumbi dos Palmares, Martin Luther King e outros ícones da cultura negra se misturam ao universo pop dos videogames, dos jogadores de futebol e dos personagens de telenovela. Isso sem deixar de reverenciar mestres da música.

Disponível em: < <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa551243/emicida> > Acesso em 05 mar. 2021

Agora é com você e seu grupo – Solidariedade em cena

Forme grupo com alguns colegas da sala e converse sobre o tema desta etapa. Caberá a cada grupo criar uma campanha de solidariedade. O grupo poderá produzir um material audiovisual ou panfleto a ser compartilhado com a comunidade na página virtual da escola, expondo o que aprendeu e contribuindo para despertar o interesse por práticas de solidariedade.

Sugestão de leitura

Dicas para desenvolver a solidariedade

Separamos algumas dicas que certamente vão ajudar você nesse caminho:

- Não deixe que as injustiças e desigualdades se tornem banais aos seus olhos;
- Não perca a capacidade de indignação;
- Desenvolva o senso de coletividade, compreendendo o seu papel no mundo;
- Entenda que fazer pouco é melhor do que não fazer nada;
- Pratique a empatia diariamente;
- Aprenda a desapegar e a incentivar o compartilhamento;
- Esteja disponível para ouvir o que as pessoas têm a dizer;
- Elimine os preconceitos da sua vida;

Disponível em: < <https://www.sbcoaching.com.br/blog/solidariedade-2/> > Acesso em 10 fev. 2021

AUMENTANDO A BAGAGEM



Os jovens são o futuro das nações, e os idosos, o passaporte para que elas o alcancem, conscientes de sua origem e identidade. Os povos africanos, com seus incríveis contadores de histórias, os *griots*, nos ensinam a preservar as tradições por meio dessa integração entre as gerações. Nesta aventura, Ubuntu, um griot que trabalha como motorista de táxi, terá de usar toda a sua força e sabedoria para salvar Martins e suas colegas dos violentos conflitos políticos e religiosos que vêm bater à porta da escola. E as histórias que Ubuntu conta durante essa fuga desesperada vão marcar para sempre a vida das garotas.

BRAZ, Júlio Emílio. **Griot – histórias que ouvimos na África**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

(Disponível em <
<http://editoramelhoramentos.com.br/v2/titulos/griot-historias-que-ouvimos-na-afri>
ca/ > Acesso em 03 nov. 2020)

5ª ETAPA

O sonho da liberdade

TEMPO ESTIMADO

4 aulas

ESPAÇO

Sala de vídeo

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

História e Arte

OBJETIVOS:

- Dar continuidade à leitura do livro *Os nove Pentes D'África*;
- Reconhecer traços da cultura africana presentes no livro;
- Identificar principais temas presentes nos capítulos;
- Estabelecer diálogos entre os temas presentes no livro e outros textos de diferentes gêneros;
- Refletir sobre a construção histórica do racismo e suas manifestações na sociedade brasileira;
- Refletir acerca de formas de desconstrução de estereótipos que incentivam a discriminação;
- Estimular a autoestima e valorização da juventude negra

MATERIAL UTILIZADO

- Exemplares do livro;
- Cópias dos textos;
- Computador;
- Datashow;
- Aparelho multimídia;
- Caixa de som.

1º MOMENTO

Roda de leitura

Neste momento, será feita a leitura de mais três capítulos, conforme combinado previamente. Como os alunos já devem estar acostumados ao ritmo e entonação da leitura, proponha que eles comecem a ler para que se habituem à leitura em voz alta. Em outros momentos, sugira a leitura silenciosa, pois é bom lembrá-los que, na maioria das vezes, a leitura é uma prática solitária e silenciosa.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Quais suas impressões sobre a leitura? Que partes mais chamaram sua atenção nesses três capítulos? Releia em voz alta e comente com a turma.
- Nos capítulos lidos, sabemos de mais dois pentes-presentes deixados por Vô Francisco: o **Pente-Passarinho**, o **Pente-da Admiração**. Comente sobre a relação desses pentes e seus significados para as personagens que os receberam. Qual o sentido desses pentes para você?
- Quais temas foram abordados nesses capítulos? Comente

2º MOMENTO

Racismo: vamos falar sobre isso

RETOMANDO A HISTÓRIA

Durante a leitura dos capítulos desta etapa, Bárbara nos conta que aos sete anos seu avô foi chamado à escola porque ela havia dado um tapa em um colega na sala de aula. “[...] O pirralho me chamou de macaca” (p.41). Ela ainda lembra que a professora passava a mão em suas tranças e depois a limpava na saia.

- Como você define o que ocorreu com a personagem Bárbara?
- Como você avalia a postura da professora de Bárbara diante do fato?
- Você conhece alguma história que se assemelha à que foi vivenciada pela personagem Bárbara? Comente.

Ouvimos muito falar sobre preconceito, discriminação, racismo, principalmente na tv e internet. Há muitas formas de manifestação do racismo, algumas quase imperceptíveis, mas com graves consequências. Leia os textos e assista aos vídeos para ampliarmos o debate sobre esse tema.

1. EXIBIÇÃO DE VÍDEO I – Vista minha pele¹⁵.

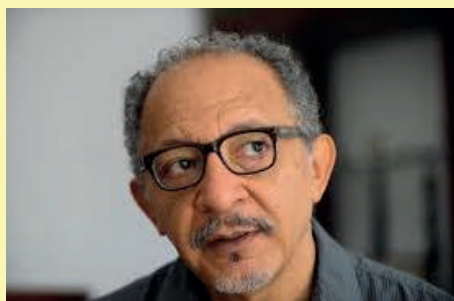


Roteiro e direção: Joel Zito

Produção: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT.

Sinopse: Nesta história invertida, os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são Alemanha e Inglaterra, enquanto os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique.

Tempo de duração: 21'57"



Joelzito Almeida de Araújo (Nanuque, Minas Gerais, 1954). Diretor, roteirista, escritor e pesquisador. É tido como um dos responsáveis pela implantação do chamado cinema negro, tanto na ficção quanto no documentário, com filmes que debatem o racismo e a desigualdade entre negros e brancos. Forma-se em psicologia na Fundação Mineira de Educação e Cultura (Fumec) e faz mestrado em Sociologia da Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Autor de curtas, filmes e documentários, como *Memórias de Classe* (1989); *A Negação do Brasil* (2000) e *Filhas do Vento* (2004), o longa *Meu amigo Fela* (2019) retrata aspectos da vida do músico nigeriano Fela Kuti (1938-1997). No Canal Brasil, dirige o programa *Espelho*, apresentado pelo ator

15. Vídeo disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM> > Acesso em 10 fev. 2021

Lázaro Ramos (1978).

Empenhado intelectual e artisticamente na compreensão e denúncia do racismo na sociedade brasileira, Joel Zito se destaca por meio de uma produção cinematográfica e universitária, paralela a atuação militante que, há décadas, põe em pauta a desigualdade racial no país e dá voz para quem vive o racismo.

JOEL Zito de Araújo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa214998/joel-zito-de-araujo>> Acesso em 13 fev. 2021.

NO FIO DAS PALAVRAS

Após assistir ao curta, apresente suas impressões à turma, considerando as perguntas a seguir:

- O que mais chamou sua atenção no curta Vista minha pele?
- Explique a relação entre o título do curta e a história retratada;
- O que representa, simbolicamente, ser “Miss Festa Junina”?
- Qual a crítica presente no curta?
- Você considera que ainda exista racismo no Brasil? Comente

TEXTO 1 - Sobre racismo e suas múltiplas manifestações

O que é racismo?

É um conjunto de práticas de uma determinada raça/etnia que, estando em situação de favorecimento social, coloca outra(s) raça(s) em situação desfavorável, enquanto exaltam, direta ou indiretamente, a sua própria. Essas práticas podem ser conscientes ou não, propositais ou não. O racismo se manifesta de diversas formas: no plano individual, das relações interpessoais; no plano institucional; no plano estrutural – que é onde se revela de forma ainda mais complexa.

O que é racismo institucional?

É quando a prática racista se manifesta institucionalmente, seja na esfera pública ou privada. Isso faz com que negros, indígenas e imigrantes “não-brancos” sejam preteridos em relação à saúde, educação e, no tocante à segurança, tornem-se alvo ou sejam negligenciados.

O que é racismo estrutural?

Nesse ponto, é preciso que nós entendamos o racismo como um fenômeno conjuntural, ou seja, algo que perpassa todas as esferas de poder (públicas e/ou privadas); manifesta-se na política enquanto forma ou a arte de melhor governar, manifesta-se em políticas partidárias, manifesta-se em políticas econômicas, manifesta-se na produção cultural.

- Percebe-se essa estrutura ao observar que o percentual de negros e “pardos” no Ensino Superior, apesar das políticas de Ações Afirmativas como as Cotas Raciais, ainda não passa de 11%.
- Percebe-se essa estrutura ao observar que o percentual de negros e “pardos” no Ensino Superior, apesar das políticas de Ações Afirmativas como as Cotas Raciais, ainda não passa de 11%.
 - Percebe-se essa estrutura quando se constata que jovens negros e de periferia constituem cerca de 77% dos homicídios registrados.
 - Percebe-se essa estrutura no processo de encarceramento em massa, onde a maioria dos apenados são negros e pobres – “negro e pobre” na mesma sentença, em termos históricos, soa como redundância.
 - Percebe-se essa estrutura quando mulheres negras são as maiores vítimas de violência obstétrica, pois há um pensamento naturalizado de que “são mais fortes”, “não necessitam de muita anestesia”; quando são adolescentes negras e pobres, a violência é ainda maior.

Um ponto interessante em relação ao racismo estrutural é a naturalização daquilo que não é “natural”, mas algo construído historicamente e socialmente. Nesses termos, branquitude é, politicamente, algo “natural” e universal. Tudo aquilo que nega ou entra em choque com os padrões estabelecidos pela branquitude torna-se “anormal”, “exótico” ou “perigoso”, “nocivo”, devendo, portanto, ser destruído.

O que é Branquitude?

A branquitude é compreendida como um sistema de valores e comportamentos que toma o ser branco como “o modelo universal de humanidade”, o representante de todas as pessoas. Esses valores levam a uma espécie de “cegueira social”, fazendo com que grande parte das pessoas brancas não consiga enxergar a dor das pessoas que enfrentam discriminação étnico-racial. Tais valores contribuem também para o desenvolvimento de um certo sentimento de superioridade, muitas vezes não assumido, por parte de várias pessoas brancas com relação a outros grupos raciais. A branquitude faz com que muitos entendam como “natural” a desigualdade entre pessoas de diferentes pertencimentos raciais.

O que é Negritude?

Historicamente, a Negritude foi apresentada como um movimento político-literário encabeçado pelo senegalês Leopold Senghor e o francês Aimé Césaire, em conjunto com outros estudantes negros. Este movimento pretendia resgatar o valor do negro em termos culturais, artísticos e políticos, combatendo o racismo e o colonialismo. Em se tratando do processo histórico conhecido como Descolonização Africana, Negritude e Pan Africanismo foram como espada e bainha. Ao longo do século XX e ainda no século XXI, é uma corrente política e filosófica que tem ganhado força tanto nos EUA como no Brasil.

O que é Black Power?



Ao contrário do que se afirma no senso comum, “Black Power” não se trata de cabelo crespo e grande, natural. Black Power é um termo cunhado por Stokely Carmichael (Kwame Turé) e explicado no livro *Black Power: The Politics of Liberation*, de 1968.

É um chamado para os negros neste país para unirem-se, a reconhecerem a sua herança, para construir um senso de comunidade. É um chamado para os negros para definir seus próprios objetivos, para conduzirem suas próprias organizações.

(Disponível em:

<<https://www.geledes.org.br/sobre-racismo-e-suas-multiplas-manifestacoes/>>

Acesso em 13 fev. 2021

TEXTO 2

INJÚRIA RACIAL E RACISMO

O QUE É INJÚRIA RACIAL

A injúria racial está prevista no artigo 140, parágrafo 3º, do Código Penal, que estabelece a pena de reclusão de um a três anos e multa, além da sanção correspondente à violência cometida.

Exemplo:
Injuriar seria ofender a dignidade utilizando elementos de raça, cor, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. Em geral, o crime de injúria está associado ao uso de palavras depreciativas referentes à raça ou à cor com a intenção de ofender a honra da vítima.

O QUE É RACISMO

O racismo, que prevê reclusão de três a cinco anos, implica conduta discriminatória dirigida a determinado grupo ou coletividade e, geralmente, refere-se a crimes mais amplos. Nesses casos, cabe ao Ministério Público, a legitimidade para processar o ofensor.

Exemplo:
A lei enquadra uma série de situações como crime de racismo, por exemplo, recusar ou impedir acesso a estabelecimento comercial; impedir o uso das entradas sociais em edifícios públicos ou residenciais, além de elevadores e escadas; negar ou obstar emprego em empresa privada, entre outros.

TEXTO 3



TEXTO 4



Cartum é uma forma de expressar ideias e opiniões, seja uma crítica política, esportiva, religiosa, social, através de uma imagem ou sequência de imagens, dentro de quadrinhos ou não; podendo ter balões ou legendas. Circula, geralmente, em jornais e revistas, abordando situações atemporais e universais.

MENDONÇA, M. R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org). **Gêneros Textuais e Ensino** – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.194-207

NO FIO DAS PALAVRAS

Forme pequeno grupo e converse sobre os textos que acabou de ler. Considere as questões abaixo para iniciar a conversa. Ao final, socialize com a turma, em uma grande roda, suas considerações.

- O que você entendeu sobre racismo estrutural? Comente.
- Como você entendeu os conceitos de branquitude e negritude explicados no texto

1?

- O texto 2 apresenta explicações sobre a diferença entre injúria racial e racismo.

Cite um exemplo de cada um deles.

- Quais manifestações do racismo você percebe no cartum – texto 3?
- Em relação ao texto 4, qual a crítica está sendo feita nesse cartum?
- Estabeleça uma relação entre o curta-metragem *Vista minha pele* e os textos que

leu.

EXIBIÇÃO DE VÍDEO II – Preto no Branco¹⁶

PRETO NO BRANCO
UM FILME DE VALTER REGE



Roteiro e produção: Valter Rege.

A obra foi selecionada para o Toronto Black Film, festival no Canadá.

Sinopse: Roberto Carlos, 20 anos, jovem negro, encerrou o expediente e corre, em frente ao shopping onde trabalha para não perder o ônibus. Essa é sua versão. Sem que se dê conta é abordado violentamente por dois policiais que o algemam e o jogam dentro da viatura. Na delegacia é informado de que foi acusado de ter furtado a bolsa de uma jovem, Isabella. Mais do que isso, ele será reconhecido por ela.

Tempo de duração: 14'



Valter Rege é cineasta formado em Rádio e Tv pelo Centro Universitário Belas Artes, produtor, diretor, roteirista e finalizador de filmes, possui um canal com o seu nome, que aborda temas como negritude, homossexualidade e periferia. Sua palestra "Da Favela Para as Telas" provoca o debate sobre o preterimento do negro no mercado audiovisual.

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=rW5DwuRQVuY> > Acesso em 10 fev. 2021

NO FIO DAS PALAVRAS

Forme grupo com seus colegas de sala e discuta sobre as questões a seguir. Ao final, compartilhe com a turma as conclusões a que chegou.

- Você conhece alguma história como essa retratada no curta? Comente.
- Você identifica alguma relação entre a crítica presente nos cartuns 3 e 4 e a narrativa do curta Preto no Branco? Comente.
- Estabeleça uma relação entre os curtas-metragens Vista minha pele e Preto no Branco.

ATIVIDADE DE PESQUISA

- Pesquise na internet e em jornais casos semelhantes ao que foi representado pelo personagem no curta Preto no Branco e compartilhe o resultado com a turma.

16. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rW5DwuRQVuY&t=276s>> Acesso em 10 fev. 2021

3º MOMENTO

Nas asas do seu sonho

RETOMANDO A HISTÓRIA

Melissa tem seis anos e seu maior sonho é ser bailarina, mas ela não acredita que seja possível, pois vive em um “banquinho zoador”, também conhecido como cadeira de rodas. Ela recebeu de herança de seu avô o **Pente-Passarinho** que traz em si **o significado de liberdade** (p. 39).

De conversa em conversa...

- Qual o seu ponto de vista sobre o sonho da menina Melissa? Você acha possível se realizar? Comente.
- Em sua opinião, por que Vô Francisco deixou para Melissa o Pente-Passarinho?
- Na frase “(...) a liberdade é justamente o caminho escolhido por uma pessoa para voar, para superar as próprias limitações” (p. 40) o que a fala do pai de Melissa sugere à filha?
- Qual o seu sonho? Você acredita que seja possível realizá-lo?

Da conversa ao texto

TEXTO 1

Bailarina cadeirante participa de espetáculo de dança na Virada Cultural de São Paulo

Gabriela começou a dançar balé há dois anos e realizou o sonho de se apresentar em um espetáculo.

Por G1 Vale do Paraíba e Região*
21/05/2017 12h03



A cadeirante Gabriela Carvalho, de 33 anos, subiu ao palco da Virada Cultural Paulista 2017 na manhã deste domingo (21), em São Paulo. Ela apresentou o espetáculo de balé “Dançando sobre rodas”.

Para Gabriela, que é do Vale do Paraíba, participar do espetáculo foi uma conquista - há dois anos ela não considerava a possibilidade de dançar sobre uma cadeira de rodas, muito menos dançar em grandes espetáculos. Gabriela nasceu prematura, tem paralisia cerebral e nunca andou.

"Eu sempre sonhei em ser dançarina, desde criança, mas sempre tive muita vergonha disso. Eu ficava dançando sozinha no meu quarto, escondida, sem deixar ninguém ver. Nem a minha mãe eu deixava ver", disse Gabriela. O sonho virou realidade há dois anos, quando Gabriela conheceu o professor de dança Mateus Vasconcellos, de 26 anos. Os dois foram apresentados de maneira inusitada, por

15. Video disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM> > Acesso em 10 fev. 2021

meio de uma postagem nas redes sociais feita pela Gabriela.

"Um belo dia, há dois anos, postei no Facebook que eu amava dançar. Uma amiga minha marcou o Mateus na minha publicação e ele veio conversar comigo. Ficamos conversando por uns três meses, até que ele me disse que tinha criado o projeto. Na hora eu nem acreditei que seria possível", explicou a bailarina.

Projeto

Durante os três meses em que o projeto era criado, Mateus estudou técnicas para conseguir desenvolver coreografias para cadeirantes. Ele conseguiu com que uma escola de dança aceitasse receber o projeto e criou a companhia de dança sobre rodas, chamada 'Between'.

"Eu dou aulas de dança desde os 15 anos e nesse período eu já havia trabalhado com balé clássico para cegos. Com a Gabriela foi tudo novidade, foi um desafio maior porque são dois elementos, a dançarina e a cadeira. Temos que levar em conta toda a questão psicológica também, o medo de cair e tudo mais", explicou Mateus.

"Com o tempo fomos realizando apresentações em escolas e festivais de música. Criei uma página no Facebook para ir divulgando tudo e, atualmente, mais uma cadeirante irá começar a fazer aulas com a gente. Já a apresentação da Virada Cultural foi pelo método convencional, nos inscrevemos e fomos convidados. Estou muito feliz", afirmou o professor de dança.

Para Gabriela, a apresentação na Virada Cultural foi resultado de muito trabalho, ensaios, tombos e, acima de tudo, a prova de que qualquer pessoa pode alcançar seus sonhos. "Eu quero poder incentivar as pessoas a realizarem seus sonhos. Sei que jamais vou conseguir mudar o mundo, mas que eu consiga mudar a cabeça de uma pessoa que seja, já será uma grande vitória", concluiu a bailarina.

(*) Colaborou Idelter Xavier
Disponível em <

<https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/bailarina-cadeirante-participa-de-espetaculo-de-danca-na-virada-cultural-de-sao-paulo.ghtml>> Acesso em 14 fev. 2021.

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Qual era o maior sonho de Gabriela e por que ela tinha vergonha dele?
- Como ela conseguiu realizar seu sonho?
- A bailarina afirma "Sei que jamais vou conseguir mudar o mundo, mas que eu consiga mudar a cabeça de uma pessoa que seja, já será uma grande vitória". O que ela quer mudar na cabeça das pessoas?
- Em seu ponto de vista, quais os maiores obstáculos para a realização dos sonhos?

TEXTO 2



Apresenta Tayó em:

Bailarina

Nº2



Roteiro e Direção: Kiusam de Oliveira
Ilustração: Amora Moreira

Fev/2019

Todos os direitos reservados à O Mundo de Tayó Produções

NO FIO DAS PALAVRAS

- Qual a intenção dessa tirinha?
- Em sua opinião, o fato de ser negra ou negro pode trazer dificuldade na realização de um sonho? Comente.

Leia o texto a seguir para conhecer a história da primeira bailarina negra no Brasil.

TEXTO 3



Mercedes Baptista: primeira bailarina negra que dançou em um Teatro Municipal do Brasil

Além de bailarina, coreógrafa e professora, Mercedes Baptista (1921-2014) foi militante da arte, da cultura e da identidade do negro brasileiro.

Seus sonhos pelos palcos nasceram na época em que trabalhou na bilheteria de um cinema. Em suas horas vagas, escapava para a sala

17. "Balé Pé no Chão – A Dança Afro de Mercedes Baptista", vídeo-documentário dirigido por Lílian Solá e Marianna Monteiro, lançado em 2006. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=x9CMU4aayjU> > Acesso em 14 fev. 2021

de projeção e sonhava em ser uma artista como aquelas que via nas telonas. De origem humilde, trabalhou, também, em uma fábrica de chapéus e como empregada doméstica.

Nascida no norte fluminense, na cidade de Campos dos Goytacazes, mudou-se para o Rio de Janeiro ainda muito jovem, onde teve suas primeiras lições de ballet clássico e dança folclórica, em 1945, na escola de dança da bailarina Eros Volússia, reconhecida por seu método de investigação das danças populares.

Três anos mais tarde, Mercedes ingressou, por meio de um concurso, no Corpo de Baile do Theatro Municipal, tornando-se assim a primeira mulher negra a ingressar como bailarina nesta casa de espetáculos. Logo na seleção, sentiu a forte discriminação que procurava afastá-la dos palcos. No teste de cinco etapas, Mercedes não foi avisada da última prova para mulheres, soube que disputaria com os homens, mas não desistiu demonstrando ainda mais seu talento. E embora fizesse parte do corpo de baile do teatro, teve poucas chances de atuar, pois escassas vezes foi escalada para as apresentações.

Mercedes Baptista é considerada a maior autoridade em dança folclórica afro-brasileira, explorando o maracatu, candomblé, jongo, frevo, capoeira, samba, cafezal, congo entre outras manifestações, ritmos e danças.



Sua formação na Companhia e Escola de Dança da bailarina e antropóloga Katherine Dunham, na década de 1950, nutriu Mercedes com danças africanas e ballet contemporâneo e definiu o rumo do trabalho que ela desenvolveu no Brasil.

Fundou sua própria companhia, formada por bailarinos negros que desenvolviam pesquisas e divulgavam a cultura negra posicionando-se como a principal precursora da dança afro-brasileira. Na década de 1960, inseriu a dança clássica no desfile da escola de samba Salgueiro, do Rio de Janeiro. Foi coreógrafa da Comissão de Frente, que dançou o minueto. O Salgueiro ganhou o Carnaval nesse ano com um desfile que se tornou referência e revolucionou o carnaval carioca.

Na década de 1970, Mercedes dedicou-se ao ensino, foi professora de dança afro-brasileira da Escola de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Nos EUA, ministrou cursos no Connecticut College, Harlem Dance Theater e Clark Center de Nova York. Foi reconhecida por seus alunos como uma professora rígida e exigente, mas, ao mesmo tempo, sua bondade tornava possível aos alunos mais humildes e dedicados realizarem as aulas gratuitamente. Em 1976 foi homenageada pelo Bloco Carnavalesco Alegria de Copacabana e seu sucesso como coreógrafa a tornava cada vez mais requisitada para o cinema e a televisão.

Só a partir dos anos noventa, a artista começou a ser reconhecida no país por sua inestimável contribuição para a dança brasileira e para o carnaval carioca. Sua história de luta e superação também foi tema do livro “Mercedes Baptista – A criação da identidade negra na dança”, do escritor Paulo Melgaço. A obra apresenta como a dançarina clássica foi importante referência à valorização da cultura brasileira de matriz africana e na luta pela reafirmação do negro como artista.

Disponível em

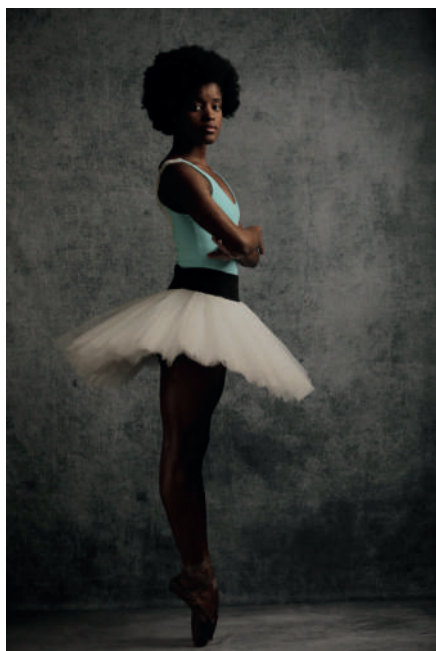
<<https://escolaciadasartes.com/2020/06/mercedes-baptista-primeira-bailarina-negra-que-dancou-em-um-teatro-municipal-do-brasil/>> Acesso em 14 fev. 2021

NO FIO DAS PALAVRAS

- Você conhecia a história dessa importante bailarina brasileira?
- Em que momento ela começou a se despertar para o sonho de ser bailarina?
- Quais foram os obstáculos pelos quais ela passou para ser reconhecida profissionalmente?

Você acabou de conhecer a história de uma bailarina negra que se destacou nos anos 50, no Rio de Janeiro, por seu talento e representatividade. Mas de lá para cá o que mudou para as meninas negras que sonham em ser bailarinas no Brasil, assim como a personagem Melissa? Você vai conhecer a história de outra bailarina negra que está fazendo o maior sucesso, sabe onde? Nos Estados Unidos. Vamos ler o texto e assistir a um curta-metragem sobre a vida da bailarina.

TEXTO 4. Ingrid Silva – Das favelas do Rio ao palco de Ballet de New York



Ingrid Silva ficou famosa ao **pintar suas sapatilhas para que parecessem com a cor de sua pele**. Com determinação e força de sua mãe, que é migrante do Espírito Santo, Ingrid conseguiu o apoio de que precisava para realizar seu sonho.

Ingrid Silva nasceu no Rio de Janeiro. Aos 8 anos, iniciou a formação de balé no Dançando Para Não Dançar, projeto social na favela Mangueira.

Alguns anos depois, Silva ingressou na Escola de Dança Maria Olenewa e no Centro de Movimento Debora Colker com uma bolsa integral. Aos 17, também foi aprendiz do Grupo Corpo, uma das mais prestigiadas companhias de dança brasileira.

Após terminar o Ensino Médio, Silva iniciou seus estudos no Centro Universitário da Cidade (Univercidade), mas logo se mudou para Nova York para cursar o Dance Theatre do Harlem Summer, em 2007, com bolsa integral. Logo depois, ela foi convidada a ingressar no Programa

de Treinamento Profissional em Dance Theatre Of Harlem.

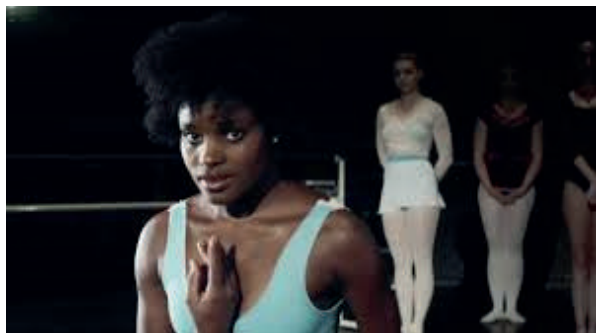
Ingrid fez parte do Dancing Through Barriers Ensemble do Dance Theatre Of Harlem em 2008, o que a levou a oportunidade de ingressar no Dance Theatre do Harlem como profissional em 2013.

*“Comecei a dançar quando tinha oito anos em um projeto social em uma favela do Rio de Janeiro, Brasil, mas nunca poderia imaginar que a dança seria a minha vida. Eu danço há 20 anos, o que parece muito tempo, mas ainda quero mais. Minha família sempre apoiou minha carreira. Todos os dias, minha mãe costumava levar eu e meu irmão para as aulas de balé depois da escola. E o projeto me permitiu descobrir um novo mundo, uma nova perspectiva e um novo caminho na minha vida. Espero experimentar um crescimento contínuo da organização e inspirar jovens dançarinos negros e jovens desfavorecidos, mostrando-lhes que eles também podem perseguir seus sonhos. Com muito trabalho e dedicação, eles podem se tornar o que desejam ser. **Também espero continuar o legado do Dr. Martin Luther King: alcançar e fazer o que antes era considerado***

impossível. Justiça social se refere à capacidade que as pessoas têm de realizar seu próprio potencial. Não importa de onde você vem; o que importa é o que você se vê fazendo. Eu gostaria de ver mais dançarinos negros no balé clássico e meninas negras estudando e realizando balé. Veja minha vida como exemplo: venho de uma favela no Brasil. Eu sou negra. Tenho uma família pobre e, apesar das adversidades, realizei meu sonho. Eu me tornei uma bailarina”.

Disponível em <<http://www.ingridsilvaballet.com/home>> Acesso em 14 fev. 2021

EXIBIÇÃO DO CURTA-METRAGEM - Ingrid Silva – Das favelas do Rio ao palco de Ballet de New York¹⁸



Diretor: Ben Briand (<http://www.benbriand.com>)

Produção: Moonwalk Films
(<http://www.moonwalk-films.com>)

DOP: Eigil Bryld

Editor: Yann Malcor

Desenhista: Joseph Sciacca

Agência: Wunderman / Ray Y & R França

Patrocinador do filme conteúdo: Activia

Tempo: 4 minutos e 45 segundos

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Você acabou de assistir ao curta sobre a trajetória da bailarina Ingrid Silva. Ela conseguiu realizar o sonho de ser uma bailarina de destaque e referência para tantas meninas e meninos negros e pobres como ela. Você acredita que conhecer histórias de vida de pessoas realizando sonhos pode realmente inspirar outras pessoas? Comente.

- Ela disse que quer seguir o legado de Martin-Luther King. Qual o legado deixado por Martin-Luther King?

EXPRESSÃO ESCRITA

Você percebeu que o curta-metragem sobre a vida da bailarina Ingrid foi construído, basicamente, a partir de uma sequência de cenas sem falas. Com base no curta, produza um texto narrativo recontando a trajetória e os obstáculos pelos quais a bailarina passou para alcançar o reconhecimento. Ao terminar, compartilhe com a turma sua produção.

18. Curta-metragem disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=LrQiaqxePSE>> Acesso em 14 fev. 2021.

TEXTO 5

O direito e a teimosia de sonhar: janeiro celebra a memória de Martin-Luther King



No começo dos anos 60, nos Estados Unidos, o pastor King coordenava a luta da população negra pela igualdade social e por seus direitos. Enquanto ele vivia, a grande mídia norte-americana tentou destruí-lo de todos os modos possíveis. Depois que ele foi assassinado, fez dele um herói. O dia do aniversário de seu nascimento, 15 de janeiro, foi consagrado como feriado nacional,

celebrado sempre na terceira segunda-feira de janeiro. [...]

Nos degraus do Lincoln Memorial em Washington, ao encerrar a marcha por direitos civis e igualdade de emprego, diante de mais de 200 mil pessoas, no 28 de agosto de 1963, o pastor Martin-Luther King começou seu discurso dizendo: **“Eu tenho um sonho”**¹⁸. Apesar de ter sido proferido há mais de 50 anos, suas palavras ainda se mantêm atuais e proféticas. O sonho dele era viver em um mundo no qual os seus filhos negros pudessem andar de cabeça erguida e conviver de igual para igual com os colegas brancos, freqüentar os mesmos colégios e participar dos mesmos ambientes sociais. *“Sonho com um mundo no qual meus filhos possam ser julgados por sua personalidade e não pela cor de sua pele”*. Era o sonho de ver o mundo superar as divisões raciais e sociais que ainda tornam esta terra um vale de lágrimas e injustiças.

[...]

Disponível em < <https://www.brasildefato.com.br/2017/01/10/o-direito-e-a-teimosia-de-sonhar> > Acesso em 14 fev. 2021

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- O texto 5 tem como título O direito e a teimosia de sonhar... Por que e para quem sonhar pode ser um ato de teimosia? Comente.
- Qual a relação entre o discurso de Martin-Luther King e a história de vida da bailarina Ingrid Silva?

Se puder, apresente aos alunos o discurso completo de Martin-Luther King. Ao final, comente com os alunos sobre suas respostas e a relação entre sonho e liberdade apresentada no livro a partir do significado do Pente-Passarinho para a personagem Melissa. Instigue-os a perceber que a realização do sonho passa pela liberdade para sonhar e isto só é possível em uma sociedade sem preconceito.

18. Curta-metragem disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=LrQiaqxePSE> > Acesso em 14 fev. 2021.

ATIVIDADE EM GRUPO I

Divididos em grupo e com orientação do(a) professor(a), pesquisem em site ou livros biografias de pessoas negras que se destacaram por sua trajetória de vida. Ao final, socializem os resultados, apresentando as biografias para a turma e expondo no mural ou na página virtual da escola as imagens e as histórias dessas pessoas.

Sugestão de algumas personalidades negras que marcaram a história do Brasil:

- **Dandara Zumbi** – esposa de Zumbi dos Palmares;
- **Tereza Benguela** – líder quilombola;
- **Esperança Garcia** – escravizada, considerada a primeira mulher advogada no Brasil;
- **Luís Gama** – jornalista e escritor;
- **Lima Barreto** – jornalista e escritor;
- **Machado de Assis** – escritor;
- **Antonieta de Barros** – primeira deputada negra, criou o Dia do Professor;
- **Lélia Gonzales** – filósofa, antropóloga e professora;
- **Abdias Nascimento** – ator, poeta, dramaturgo, professor;
- **Solano Trindade** – poeta;
- **Carolina Maria de Jesus** – escritora.

ATIVIDADE EM GRUPO II

Produção de cartilha educativa

Nessas aulas, você leu textos, assistiu a vídeos, debateu e refletiu sobre o problema do racismo no Brasil. Agora é a sua vez de compartilhar seus conhecimentos:

Forme grupo com seus colegas e elabore uma Cartilha educativa que contribua para a conscientização sobre o racismo e as formas de combatê-lo. Se achar necessário, faça pesquisas em sites de órgãos do governo ou de instituições não governamentais para buscar mais informações sobre o tema. A cartilha será divulgada para a comunidade escolar por meio da página virtual da escola.

Exemplo de cartilha educativa produzida pela equipe de publicações da Turma da Mônica

19. Discurso completo de Martin-Luther King disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=aWlhPFHOI-Y>> Acesso em 14 fev. 2021

COMO É TRANSMITIDO?



Aperto de mãos
(uma das principais formas de contágio)



Gotinhas de saliva



Espirro



Tosse



Catarro



Toque em objetos ou superfícies contaminados, como celulares, mesas, maçanetas, brinquedos, teclados e mouses de computador etc.

COMO COLOCAR A MÁSCARA



1 Pegue a máscara pelas alças elásticas.



2 Coloque as alças elásticas atrás das orelhas.



3 Ajuste a máscara para cobrir completamente o nariz e a boca, sem deixar espaços nas laterais. Ela deve ficar justa, mas sem causar desconforto.



QUANDO USAR MÁSCARA?

- Use máscara se estiver tossindo ou espirrando para evitar transmitir vírus para outras pessoas, trocando-a de 2 em 2 horas.
- Para pessoas saudáveis e sem sintomas, as máscaras caseiras podem ser usadas quando precisarem sair de casa.
- Use máscara quando estiver cuidando de uma pessoa com doenças respiratórias.
- As máscaras conferem certa proteção, se você combinar seu uso com a limpeza frequente das mãos com água e sabão, higienização com álcool em gel 70% e a não aproximação a outras pessoas.
- Após usar a máscara cirúrgica, descarte-a em um saco plástico e jogue-a no lixo. Lave bem as mãos em seguida.

Cartilha é um material informativo e educativo que expõe de forma leve e dinâmica um conteúdo.

- Ela deve apresentar texto, imagens e/ou ilustrações coloridas;
- Pode conter jogos, passatempos, tirinhas, entre outros;
- Tanto a linguagem verbal como a visual deve estar adequada ao público leitor;
- A linguagem deve ser clara e objetiva;
- Visual leve e atraente;
- Produzam ou pesquisem imagens que possam fazer parte da cartilha;
- Planejem a sequência de informações a serem apresentadas
- Produzam uma capa;
- Escolham um título para a cartilha.

Disponível

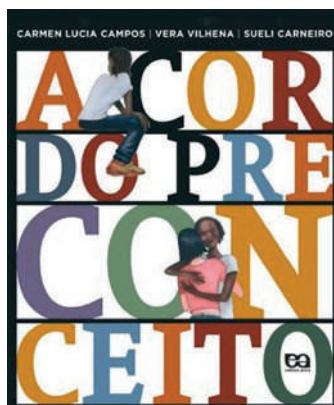
em: <<https://uenp.edu.br/editora-docs/livraria/16770-editora-uenp-normas-editoriais-orientacao-aos-autores-cartilhas/fil>
e#:~:text=3.-,ESTRUTURA%20DA%20CARTILHA,atraente%20e%20fidedignidade%20das%20informa%C3%A7%C3%B5es> Acesso em 13 fev. 2021.

AUMENTANDO A BAGAGEM



Esse livro aborda as contradições de um dos pilares da identidade brasileira: A mistura de raças. Por meio da narrativa do dia de formatura de um jovem negro, o autor discute o preconceito de cor, muitas vezes disfarçado na atitude tipicamente brasileira de celebrar a mestiçagem. O texto de Júlio Emílio Braz mostra que nossa suposta democracia racial é marcada por malabarismos linguísticos e atitudes racistas, que tendem a embranquecer ou mesmo a tornar a cor da pele "invisível". E o que dizer quando o próprio protagonista da história acha a cor da pele de sua família escura demais, e se sente incomodado com os *dreadlocks* das primas e as boinas jamaicanas do tio?

BRAZ, Júlio Emílio. Na cor da pele. São Paulo: Lorousse do Brasil, 2005.



A cor do preconceito narra a história da adolescente negra Mira, excelente aluna de uma escola da periferia, que, graças a seus esforços, consegue uma bolsa de estudos num dos melhores colégios da cidade. Em sua nova etapa de vida, ela terá de enfrentar questões ligadas à sua identidade e procurar amadurecer diante de posturas racistas, preconceituosas e intolerantes. O livro ressalta também, a partir de um conjunto de textos e imagens, a história da África e a influência dos negros na formação do povo brasileiro.

CAMPOS, Carmen Lúcia; VILHENA, Vera; CARNEIRO, Sueli. A cor do preconceito. São Paulo: Ática, 2007.

(Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/a-cor-do-preconceito-resenha-do-livro/>> Acesso em 15 mar. 2021)

6ª ETAPA

Na raiz da história

TEMPO ESTIMADO

4 aulas

ESPAÇO

Sala de vídeo

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

História e Arte

OBJETIVOS:

- Dar continuidade à leitura do livro *Os nove Pentes D'África*;
- Reconhecer traços da cultura africana presentes no livro;
- Identificar principais temas presentes nos capítulos;
- Estabelecer diálogos entre os temas presentes no livro e outros textos de diferentes gêneros;
- Valorizar a cultura afro-brasileira;
- Promover a afirmação da beleza negra;
- Fortalecer a autoestima dos estudantes negros

MATERIAL UTILIZADO

- Exemplares do livro *Os nove pentes D'África*;
- Cópias dos textos;
- Computador;
- Datashow;
- Aparelho multimídia;
- Caixa de som.

Nesta etapa, será feita a leitura dos últimos três capítulos do livro. Como os alunos já estão acostumados ao ritmo e entonação da leitura do livro, proponha que eles comecem a ler para que se habituem à leitura em voz alta. Em outros momentos, sugira a leitura silenciosa e lembre-os de que, na maioria das vezes, a leitura é uma prática solitária e silenciosa. Os alunos também terão a oportunidade de conhecer um pouco sobre a história do pente-garfo e a simbologia dos penteados e tranças na África. Ao final, os alunos poderão organizar, junto com os professores, um evento com e para a comunidade escolar, fazendo exposição de fotografias, histórias e promovendo oficinas de penteados e tranças afro.

1º MOMENTO

Roda de leitura

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

Após ler os três últimos capítulos do livro, forme pequeno grupo com colegas da sala e discuta sobre a leitura. Considere as perguntas a seguir. Ao final, compartilhe com a turma as conclusões do grupo.

- Quais suas impressões sobre os últimos capítulos do livro? Destaque o fragmento que mais chamou sua atenção.
- Releia a frase “...ao mesmo tempo que Zazinho destrançava o cabelo com o **pente** herdado do vô, pesquisava o **significado da tartaruga esculpida** em seu pente (p.45).” O que ele descobriu, a partir da pesquisa, sobre o significado da tartaruga nas sabedorias africanas?
- No capítulo 10, conhecemos um pouco mais a personagem Ana Lúcia. Considerando a forma como se comporta com seus familiares, reflita: por que vô Francisco presenteou Ana Lúcia com o pente-Baobá?
- Agora que você chegou ao final do livro responda: em sua opinião, o que representam os pentes para as personagens da história?
- Qual a sua avaliação sobre o livro? Você gostou da história? Comente com a turma.

2º MOMENTO

Qual é o pente que te penteia

RETOMANDO A HISTÓRIA

“Os pentes de dentes contadores de histórias, o vô deixou para a gente, os nove netos. Não poderia ser diferente, pois desde que começamos a ter cabelos para pentear, eles nos acompanham” (p. 7-8).

(...) “As histórias dos pentes dormitavam na parte ornamental e na magia de pentear os cabelos, desembaraçá-los, trançá-los novamente, sentados entre as pernas das trançadeiras, tias Neusa ou Dinda, e vô Berna. O vô mantinha-se sempre atento aos desenhos que iam surgindo e a nós que íamos aprendendo a trançar...” (p. 8).

“Lembrava-se também das nossas brincadeiras com os outros pentes, quando crianças, do vô dizendo que menino também poderia trançar o cabelo, pois era muito bonito, um trabalho de arte na cabeça e que ‘guerreiros de várias etnias africanas usavam tranças, sim senhor, e feitas por eles mesmos ou por outros homens...” (p. 45)

De conversa em conversa...



Como você percebeu, os pentes foram peça fundamental ao longo da leitura do livro *Os nove pentes D'África*. Com o **pente-garfo**, os personagens trançam os cabelos, desmancham as tranças, fazem black power e...contam histórias da África.

- Você conhece o pente-garfo? Conhece o significado dele para a história e memória da nossa ancestralidade?

Os cabelos, assim como o pente-garfo, são manifestações artísticas que resgatam memórias ancestrais e constituem o fortalecimento da identidade negra. Quase nada sabemos sobre a história e a representatividade do pente-garfo para a cultura afro-brasileira. Um exemplo desse desconhecimento e suas consequências foi a cena protagonizada por uma participante do Big Brother Brasil de 2020, reality show da rede Globo. Leia a notícia que segue.

TEXTO 1

O ator Babu Santana com o pente garfo no BBB – 2020



Em uma manhã de confinamento no Big Brother Brasil 20, a modelo Ivy Moraes se deparou com o pente garfo de seu colega de reality, o ator Babu Santana. Ela segurou o objeto e, aos risos, perguntou a outros participantes: "Quem penteia cabelo com um 'trem' desses?". Eles responderam que o utensílio pertencia a Babu, o único homem negro da casa. Ivy seguiu gargalhando.

A reação da participante provocou indignação em parte do público e deu origem à hashtag #EuPenteio, a fim de responder ao questionamento da modelo. A mobilização serviu para alertar o quanto o comportamento de Ivy não é mero desconhecimento, mas faz parte de uma lógica de racismo estrutural (...).

(Disponível em <

<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/04/14/como-o-pente-de-babu-representa-um-simbolo-da-luta-contra-o-racismo.htm>> Acesso em 18 fev. 2021)

EXPRESSÃO ORAL

- Em sua opinião, por que a participante do programa “seguiu gargalhando” ao ver o pente garfo de Babu?
- Para você, quais as causas e consequências do desconhecimento da cultura e história africanas e afro-brasileiras?

No texto a seguir, você irá conhecer um pouco sobre a história do pente-garfo e sua relação com a beleza e identidade negras.

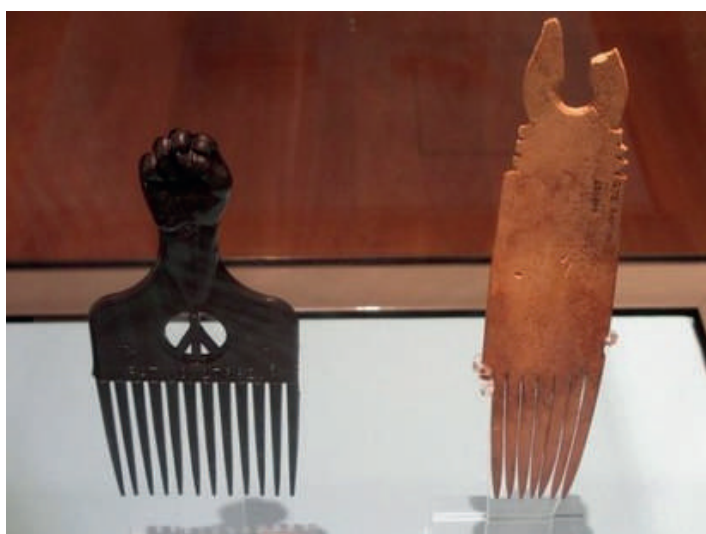
TEXTO 2

Origem do pente-garfo

O cabelo e a aparência sempre desempenharam um papel importante na cultura da África e da diáspora africana. O pente ou palheta tradicional africana desempenhou um papel crucial na criação, manutenção e decoração de estilos de cabelo para homens e mulheres. Em muitas sociedades africanas, antigas e modernas, o pente de cabelo simboliza status, afiliação de grupo e crenças religiosas, e é codificado com propriedades rituais. As alças dos pentes são decoradas com objetos de status, como o encosto de cabeça, figuras humanas e motivos que fazem referência à natureza e ao mundo espiritual tradicional.

No século 20, os pentes 'afro' assumiram uma mensagem política e cultural mais ampla, talvez mais notavelmente na forma do pente de 'punho negro' que faz referência à saudação de poder dos negros.

A história deste objeto icônico e de status espiritual e social nos remete a quase 6000 anos AC na África e está exposta no Museu FitzWilliam, da Universidade de Cambridge. Na exposição, a justaposição simbólica entre dois pentes com diferença temporal de mais de 5000 anos: um pente de plástico dos anos setenta, desenhado pela Antonio Inc., e um pente



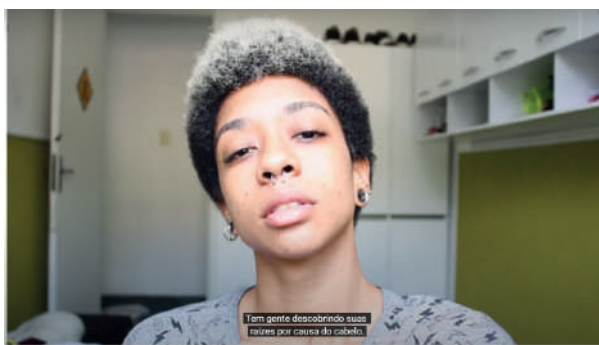
em osso pertencente à Dinastia do Alto Egito. Ambos encerram em si o mesmo significado icônico. O primeiro, o ethos do Movimento de Direitos Civis, ergue um punho cerrado e o símbolo da paz, ao passo que o segundo é ornamentado com um par de chifres de touro, mas ambos são representações ou símbolos de poder e status.

(Disponível em <
<https://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/gallery/afrocombs/index.html>> Acesso em 15 fev. 2021

Disponível em <
<https://wsimag.com/pt/cultura/5231-the-power-of-objects>>Acesso em 15 fev. 2021)

Do texto ao vídeo

Assista a um vídeo produzido por Blond Alien no qual ela fala, de forma descontraída e leve, sobre a representatividade do cabelo afro e como usar um pente-garfo. O material está disponível na plataforma Youtube.



Postado em: 1 set. 2020
Tempo de duração: 2' 15"

Disponível em
 <<https://www.youtube.com/watch?v=77yqwZpjPQM>>
 Acesso em 17 fev. 2021.

TECENDO REDES

Do vídeo ao texto

TEXTO 3

A arte e a história dos penteados africanos

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele apresenta

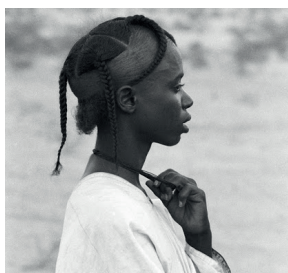


características como visibilidade, crescimento, diferentes cores e texturas, possibilitando técnicas diversas de manipulação sem necessariamente estar subordinado ao uso de tecnologias sofisticadas. Ao mesmo tempo, a forma como o cabelo é tratado e manipulado, assim como a sua simbologia, diferem de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como ícone identitário. Se concordamos que o corpo carrega muitas e diferentes mensagens, podemos concluir também que o entendimento da simbologia do corpo negro e os sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da cultura negra em nossa sociedade. (...) Os corpos e a manipulação do cabelo são depósitos da memória.

Significado social

No princípio do século XV, os penteados funcionavam como um condutor de mensagens entre a maioria das sociedades africanas ocidentais. Esses africanos, muitos deles cidadãos Mende, Wolof, Ioruba e Mandingo, foram escravizados e transportados para o novo mundo em navios negreiros. Entre essas comunidades, o cabelo comunicava muitas vezes, o estado civil, a identidade étnica, religião, riqueza, e status na comunidade. Em algumas culturas, o sobrenome de uma pessoa podia ser descoberto simplesmente pelo exame do cabelo, pois cada clã tinha o seu próprio e único estilo.

Os penteados também indicavam a região geográfica.



Na cultura Wolof, as jovens barbeavam parcialmente seus cabelos para comunicar que não estavam interessadas em cortejar. E os povos Karamo, da Nigéria, por exemplo, eram reconhecidos por seu penteado original, um tufo de cabelo sobre a cabeça raspada. Da mesma forma as viúvas deixavam de cuidar de seu cabelo no período de luto, para não se tornarem atraentes para os homens. As líderes das comunidades usavam penteados elaborados. E a realeza usava muitas vezes perucas ou chapéus como símbolo de sua posição.

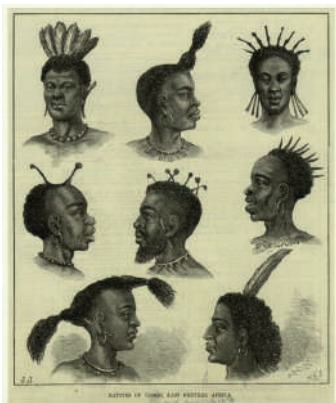
O significado estético



A aparência estética era tão importante quanto o significado social. Nas comunidades oeste africanas, as mulheres admiram uma bela cabeça com longos e grossos cabelos. A mulher de cabelos longos demonstra sua vitalidade, profusão, prosperidade, mão fértil para o plantio e filhos saudáveis. Todavia, o sentido estético da beleza sempre prevaleceu sobre o significado. Antes de tudo o cabelo tinha que ser bonito, limpo e bem penteado. Esses penteados não estavam limitados apenas em tranças e biotes (coquinhos). Também eram enfeitados por ornamentos como missangas e búzios.

O significado espiritual

Tal como o valor estético e social, motivos espirituais também serviam para elevar seu significado. Muitos africanos acreditavam que o cabelo servia como um meio de comunicação com as divindades. O cabelo sendo a parte mais elevada do corpo significa



proximidade com o divino. Por isso, muitos acreditavam que essa comunicação se dava através do cabelo. Muitos acreditavam que uma pequena mecha de cabelo podia ser usada para encantamentos e bruxaria. Isso explica porque os cabeleireiros ocupavam e ainda ocupam uma posição privilegiada nas comunidades.

Os efeitos devastadores do tráfico de pessoas escravizadas

Sabemos que o tráfico de escravizados não infligiu apenas danos físicos como deixou profundas cicatrizes emocionais. A cicatriz mais devastadora e que se reflete ainda hoje foi o dano causado na imagem da raça negra. Essa verdade é muito sentida quando se refere ao cabelo e cor de pele, por serem os símbolos raciais mais evidentes. Os escravocratas muitas vezes os descreviam como lanosos, associando-os com animais. Esses e outros termos seriam usados mais tarde para justificar o tratamento desumano dado aos escravizados e escravizadas.

A história das tranças

O cabelo trançado é uma arte muito antiga, passada de geração em geração na África. Há uma imprecisão histórica quanto às origens dessa forma de arte, mas alguns pesquisadores atribuem aos egípcios do século 14 a.C. Cada região da África tem seus penteados tradicionais e cada tribo sua estética particular. Em muitos países oeste africanos, o trançado foi se desenvolvendo em padrões complexos sinalizando o status individual, idade, e filiação étnica. Alguns



penteados eram usados apenas em ocasiões cerimoniais como casamentos e ritos de passagem. Essa forma de arte também é usada entre os homens desde pequenos. As pessoas aprendem, primeiramente, pela observação e depois pela prática. Em geral os mais jovens desenvolvem suas habilidades praticando em seus colegas ou irmãos(ãos) mais novos(as). Trançar os cabelos, portanto, é uma forma de transmitir valores culturais e de criar laços entre as pessoas.

(Fontes: , Nilma Lino. Cultura Negra e educação. Revista Brasileira de Educação. Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf>> Acesso em 17 fev. 2021
Disponível em <<http://claudio-zeiger.blogspot.com/2011/10/arte-do-penteado-africano.html>> Acesso em 17 fev. 2021

Tranças nagô²⁰



Os Nagôs foram negros e negras escravizados e vendidos na antiga Costa dos Escravos (atuais Togo, Benim e Nigéria, na África Ocidental) entre os séculos 15 e 19. Os trançados feitos por esse povo eram simbólicos. As tranças da diáspora são ressignificações dos penteados utilizados nesses períodos antes de Cristo. Hoje, as nagôs, ou tranças raiz (porque são feitas rente ao couro cabeludo), permitem construir desenhos geométricos ou símbolos na cabeça apenas por motivos de estilo.

O mistério das tranças Nagô

Há uma história muito curiosa sobre as tranças nagô. Conta-se que lá na Colômbia, no período da escravidão, as tranças teriam sido usadas como mapas para planejar a fuga das fazendas para os palenques (aqui chamados de quilombos). As mulheres se reuniam em torno das cabeças das crianças e, ao trançar seus cabelos, graças à observação do terreno, projetavam um mapa repleto de caminhos e saídas de fuga, indicando as montanhas, rios e árvores mais altas. Os homens, ao vê-las, conseguiam saber por onde partir. A linguagem no corpo, com códigos desconhecidos aos seus senhores, permitia, então, que as pessoas fugissem.

Esse é um relato de memória de uma moradora de nome Leocádia Mosquera Gamboa, de Chocó, na Colômbia. Segundo ela, a história vem sendo contada oralmente em sua família desde sua bisavó, que havia sido trazida escravizada da África.

(Fontes: Portal Geledés disponível em <<https://www.geledes.org.br/legado-vivo-trancar-o-cabelo-e-mais-do-que-um-codigo-estetico/>> Acesso em 18 fev. 2021;
Disponível em <<http://laspretas.com.br/trancas-nago-as-trancas-de-raiz/>> Acesso em 18 fev. 2021
Disponível em <<https://www.e-farsas.com/as-trancas-nagos-foram-usadas-por-escravos-para-fazer-mapas-e-rotas-de-fuga-as-no-brasil.html>> Acesso em 18 fev. 2021)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Com base no que você leu e assistiu até aqui sobre o pente-garfo e os penteados, quais aspectos das histórias mais lhe chamaram atenção?
- Você considera que os cabelos, ainda hoje, transmitem mensagens e refletem a identidade? Comente.
- Como é a sua relação com o seu cabelo?

20. Vídeo exibido pela Tv Angolana conta a história das **Tranças e penteados no cabelo da Mulher Africana** | Mwana Afrika Oficina Cultural. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LPq0i_ibuJc> Acesso em 17 fev. 2021.

TECENDO REDES

Do texto à música

Você irá ler e ouvir a música de Chico César, *Respeitem meus cabelos, brancos!*



Nascido **Francisco César Gonçalves** em 26 de janeiro de 1964, no município de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, aos dezesseis anos Chico César foi para a capital João Pessoa, onde se formou em jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba, ao mesmo tempo em que participava do grupo Jaguaribe Carne, que fazia poesia de vanguarda. Pouco depois, aos 21 anos, mudou-se para São Paulo. Trabalhando como jornalista e revisor de textos, aperfeiçoou-se em violão, multiplicou suas composições e começou a formar o seu público. Sua carreira artística tem repercussão internacional. A maioria de suas canções são poesias de alto poder de encanto linguístico.

(Disponível em < <https://www.chicocesar.com.br/index.php/bio/> > Acesso em 16 fev. 2021)

Respeitem meus cabelos, brancos!
Chegou a hora de falar
Vamos ser francos
Pois quando um preto fala
O branco cala ou deixa a sala
Com veludo nos tamancos

Cabelo veio da África
Junto com meus santos

Benguelas, zulus, gêges
Rebolos, bundos, bantos
Batuques, toques, mandingas
Danças, tranças, cantos
Respeitem meus cabelos, brancos

Se eu quero pixaim, deixa
Se eu quero enrolar, deixa
Se eu quero colorir, deixa
Se eu quero assanhar, deixa
Deixa, deixa a madeixa balançar

(Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=nIIAkyU0T0s> > Acesso em 16 fev. 2021)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

- Explique o título da música.
- Se a vírgula presente no título da canção fosse retirada, o sentido se manteria? Comente.
- A música apresenta algumas palavras que indicam a cultura da África. Você sabe o significado delas? Faça uma pesquisa para descobrir a respeito das palavras cujo significado você desconhece.
- Comente sobre a crítica presente na letra.

ATIVIDADE EM GRUPO

Os cabelos como manifestação de cultura e de identidade

- Forme um grupo com alguns colegas da turma. Juntos, com supervisão do(a) professor(a), pesquise sobre a arte dos penteados, tranças, dreads, e o simbolismo do cabelo na cultura negra ao longo da história até os dias de hoje.
- Pesquise sobre o Movimento Black Power, nos anos 1960, e o que mudou em relação à valorização da beleza e cultura negras. Considere, também, a moda, tendências e alternativas para cabelo afro. Será que ainda hoje os cabelos determinam o grupo ao qual a pessoa pertence?

O resultado da pesquisa poderá culminar em um evento para celebrar o cabelo, com exposição de fotografias, história, oficina e concurso de penteados e tranças.

AUMENTANDO A BAGAGEM



A tristeza invadiu o coração de Akin, jovem negro de 12 anos, que cobre a cabeça com um boné ao ir para a escola. Ao seu avô, Dito Pereira, ele não conta que tem vergonha do seu cabelo, motivo de chacota dos colegas. Antes que Akin tome uma atitude brusca, o sábio avô, com a força das histórias da ancestralidade, leva o neto a recuperar a autoestima. Agora confiante, Akin ergue seu cabelo black power e se sente um príncipe. Além do prefácio assinado pelo rapper Emicida, O black power de Akin tem projeto gráfico e ilustrações que incorporam referências da ancestralidade em linguagem contemporânea de arte digital, criados pelo designer Rodrigo Andrade.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Black Power de Akin**. São Paulo: Cultura, 2020.

(Disponível em: <<https://mskiusam.com/livros/>> Acesso em 18 fev. 2021)

7ª ETAPA

Contos de lá, contos de cá

TEMPO ESTIMADO

6 aulas

ESPAÇO

Sala de vídeo

DISCIPLINAS ENVOLVIDAS

História, Geografia e Arte

OBJETIVOS:

- Refletir sobre a importância de manter vivas as histórias e tradições de um povo;
- Pesquisar pessoas que marcaram a história do nosso estado;
- Coletar narrativas de tradição oral da comunidade;
- Estimular a preservação das histórias e da memória dos contadores de história a partir do registro escrito;

MATERIAL UTILIZADO

- Cópias dos textos que serão trabalhados nesta etapa;
- Datashow;
- Computador;
- Caixa de som

1º MOMENTO

Memória e história

RETOMANDO A HISTÓRIA

No livro *Os nove pentes D'África* você viu que, com a morte de Vô Francisco, a família resolve criar um museu comunitário para preservar a sua memória e, consequentemente, a de seus ancestrais a partir das obras e das muitas histórias deixadas por ele. A família Quintiliano reconhece o valor da preservação das tradições para a construção e valorização da identidade.

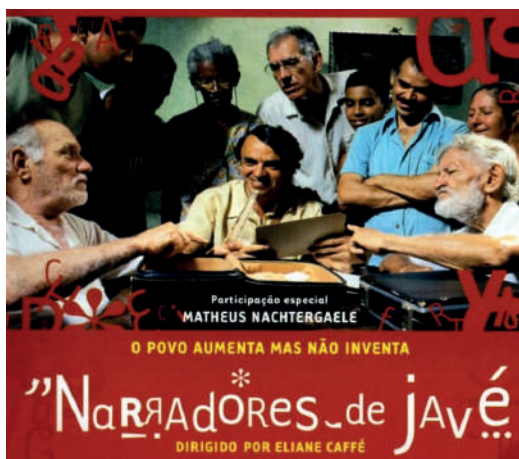
Você sabia que o Espírito Santo também tem um museu que guarda a cultura e memória do povo negro? É o MUCANE – Museu Capixaba do Negro²¹. Quando for possível, visite o espaço e conheça mais sobre nossa história.

De conversa em conversa...

- Você já pensou em quantas histórias estão guardadas na memória de pessoas de sua comunidade?
- Você conhece alguém da sua comunidade que conta histórias dos antepassados? Se sim, já parou para ouvir suas histórias?

Da conversa ao vídeo

Ao longo dos encontros, você pôde refletir, junto com a turma, sobre a importância de se preservar as histórias e memórias de uma comunidade. Agora, você irá assistir ao filme *Narradores de Javé* e conhecer as histórias dos moradores que estão desesperados com o iminente desaparecimento de sua cidade por causa da construção de uma Hidrelétrica.



Sinopse: *Narradores de Javé*²², de 2002, dirigido por Eliane Caffé. Rodado no interior baiano, na cidade de Gameleiro da Lapa, narra a história de um distante vilarejo chamado Javé que está prestes a ser destruído por causa da construção de uma Usina Hidrelétrica. Seus habitantes, ao saberem da notícia, logo procuram uma alternativa para evitar a destruição da vila. A única esperança para sua sobrevivência seria se ficasse comprovada sua condição de patrimônio histórico. A solução encontrada pelos habitantes foi escrever a história do vilarejo de Javé, que, por ter a maioria dos habitantes analfabeta, não possuía nenhum relato histórico documentado.

(Disponível em

<http://lounge.obviousmag.org/jollyroger_80s_para_as_massas/2015/08/narradores-de-jave-cinema-histori

21. Informações em < <http://museus.cultura.gov.br/espaco/6757/>> Acesso em 15 fev. 2021

22. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8&t=17s>> Acesso em 13 dez. 2019.



Eliane Caffé formou-se em Psicologia e em 1988 partiu para Cuba para iniciar seus estudos de cinema na “Escola Internacional de Cine y TV de San Antonio de los Baños”. Em 1990 viaja para Espanha com uma bolsa de pós-graduação para aprofundar sua formação humanista no “Instituto de Estética e das Artes” da Universidade Autônoma de Madrid. De volta ao Brasil, segue a carreira de cineasta escrevendo e dirigindo curtas, longas metragens e séries de TV que vêm ganhando o reconhecimento da crítica e público em importantes Festivais e Mostras no Brasil e internacionalmente. Ao longo de sua trajetória a diretora vem construindo

temáticas e abordagens cada vez mais implicadas com a exploração da linguagem audiovisual em “zonas de conflitos reais” - tanto no contexto rural do Brasil como nos grandes centros urbanos. Em seus trabalhos é visível a experimentação com a narrativa que interage com personagens reais e agrega repertórios de seus universos de vida como coletivos com voz própria. Mais do que personagens e cenários, esses coletivos atuam em pé de igualdade com a equipe técnica do filme em todo o percurso da realização da obra. Atualmente, está voltada para consolidar a prática de pensar e produzir um cinema “polifônico”, “dialógico” e que se estenda muito além dos sets de gravações.

(Disponível em < <http://www.elianecaffe.com/curriculo.html> > Acesso em 14 fev. 2021)

NO FIO DAS PALAVRAS

Após assistir ao filme, forme grupo de até quatro colegas e reflita sobre a história. Ao final, em grande roda, compartilhe com a turma as conclusões a que o grupo chegou. Se necessário, faça anotações no caderno. Considere as perguntas a seguir:

- Quais foram suas impressões sobre o filme? Destaque as cenas que mais chamaram sua atenção.
- Qual o tema central do filme?
- Você conhece alguma história real semelhante à do vilarejo de Javé?
- Qual o valor das narrativas de tradição oral para o vilarejo de Javé?
- Por que razão cada personagem narrava de forma diferente a história da criação do vilarejo?
- Qual o papel da escrita para os moradores de Javé?
- Faça um breve comentário sobre o desfecho da história.

TECENDO REDES

Reúna-se com um colega para ler e discutir sobre a notícia a seguir.

Moradores de cidade inundada há 45 anos após construção de usina se reencontram: 'Infância submersa'

Antiga Rubinéia foi inundada com a construção da hidrelétrica de Ilha Solteira (SP). Em 1973, quase todos os moradores já tinham deixado suas casas.

Por G1 Rio Preto e Araçatuba
13/11/2018 06h11 - Atualizado há 2 anos



Moradores da antiga cidade de Rubinéia (SP) se reuniram às margens do Rio Paraná para relembrar as histórias e a infância no município que foi inundado na construção da usina hidrelétrica de Ilha Solteira (SP). Um reencontro cheio de emoção, relembrando a história que nasceu em uma cidade que já não existe mais. (...) Abraços que demoraram 50 anos para acontecer.

Em 1967 chegou a notícia da construção da hidrelétrica de Ilha Solteira, cidade vizinha. A obra resultaria em uma grande represa que inundaria o município. “Teve gente que foi embora chorando, teve gente que só saiu quando a água chegou mesmo, a maioria queria ficar”, afirma a funcionária pública Maria Ribeiro. Para o jornalista Adriz Jacob nunca foi tão bom relembrar tantos momentos e reencontrar as pessoas. “Me emociono, muita saudade que a gente sente. Temos a nossa infância submersa, mas estamos resgatando o convívio”, diz.



Rubinéia antiga, antes de ser inundada pela represa da usina hidrelétrica de Ilha Solteira — Foto: Reprodução/TV TEM



Parte da cidade apareceu durante a seca nos últimos anos — Foto: Reprodução/TV TEM

(Disponível em <
<https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2018/11/13/moradores-de-cidade-inundada-ha-45-anos-apos-construcao-de-usina-se-reencontram-infancia-submersa.ghtml>> Acesso em 14 fev. 2021)

NO FIO DAS PALAVRAS

EXPRESSÃO ORAL

Considere as perguntas a seguir para a análise com o colega. Ao final, compartilhe com a turma suas considerações. Se necessário, faça anotações no caderno.

- De acordo com a notícia, qual foi o objetivo do reencontro dos moradores da cidade após quase 50 anos de separação?
- Estabelecendo uma relação entre o filme *Narradores de Javé* e a notícia que acabou de ler, quais as consequências da construção da hidrelétrica para o povo do lugar, considerando valores materiais e imateriais? Quais os sentimentos demonstrados pelos personagens do filme e pelos entrevistados na notícia?
 - Você considera importante conhecer as histórias do lugar onde vive? Comente.
 - Você conhece a história ou as histórias do lugar onde você mora? Há algum registro delas? Comente.

2º MOMENTO

Recontando nossas histórias

Você viu, no momento anterior, como o povo de Javé gostaria que suas histórias de lutas e conquistas, de guerreiros e guerreiras fossem conhecidas por todos. A identidade de um povo está na sua história e por isso deve ser preservada.

O Espírito Santo é constituído por muitas pessoas que imprimiram suas marcas na história do estado. Que tal pesquisar e contar a trajetória dessas pessoas para nossa comunidade escolar? Assim, nossas histórias e memórias não serão apagadas com o tempo.

DESCOBRINDO NOSSA HISTÓRIA

ATIVIDADE EM GRUPO I

- Pesquisem na internet ou em livro biografias de pessoas que marcaram a história do Espírito Santo.
- Busquem histórias de tradição oral, como as lendas, que circulam sobre as pessoas pesquisadas;

Sugestão de alguns nomes de relevância para iniciar a pesquisa:

- **Zacimba Gaba**²³, princesa e grande guerreira africana que foi sequestrada e trazida, escravizada, para uma fazenda em São Mateus, norte do estado;
- **Elisiário**, conhecido como “Zumbi da Serra”, Chico Prego, João da Viúva, escravizados que lideraram a Insurreição de Queimado, principal movimento contra a escravidão no Espírito Santo;
- **Caboclo Bernardo**²⁴: pescador da cidade de Linhares, reconhecido herói capixaba;
- **Laura Felizardo**, matriarca da cultura Bantu, uma das personalidades mais lembradas do Congo capixaba.

23. Narrativa disponível em

<http://www.morrodomoreno.com.br/materias/-zacimba-gaba-princesa-escrava-e-guerreira.html>> Acesso em 12 nov. 2020.

Se preferir, faça a exibição do vídeo sobre a história da princesa Zacimba Gaba disponível no Canal História, na plataforma Youtube em < <https://www.youtube.com/watch?v=T-cw2zFDV4A>> Acesso em 10 dez 2020.

24. A Assembleia Legislativa do Espírito Santo produziu, em 2014, um documentário sobre a biografia de Caboclo Bernardo em homenagem ao centenário de sua morte. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=YLbMKecWrLs>> Acesso em 12 fev. 2021.

ATIVIDADE EM GRUPO II

- Assim como ocorre no filme *Narradores de Javé*, se for possível, façam uma busca com pessoas conhecidas em sua cidade, em seu bairro ou em jornais locais e descubram histórias de pessoas que fizeram a história da sua região: Quem foram os primeiros moradores? Como chegaram? De onde vieram?

- Busquem coletar histórias de tradição oral, como as lendas, que circulam na sua região ou eram contadas no passado.

EXPOSIÇÃO ESCRITA

Os resultados das pesquisas poderão ser expostos no mural, publicados na página virtual da escola ou organizados em um livro.

Sugestão de visita virtual – Projeto de memórias

Museu da Pessoa.

Todo mundo tem uma história para contar.

O Museu da Pessoa é um museu virtual e colaborativo. Está aberto a qualquer pessoa que queira registrar e compartilhar sua história de vida. O museu contém um acervo de quase vinte mil dessas histórias, sem contar as fotografias, documentos e vídeos.

Se for possível, acesse e conheça alguns exemplos de histórias de diferentes lugares.

AUMENTANDO A BAGAGEM



A trajetória histórica dos negros nas terras capixabas é o tema da obra. Neste livro, o autor, Cleber Maciel, procurou apresentar os negros como “descendentes de reis, rainhas, guerreiros e de homens e mulheres sábios e livres que, em circunstâncias de domínios advindos por meio de guerras e armas, foram escravizados pela força das ‘companhias de comércio’, que, na maioria das vezes eram ‘companhias de guerra’ para abater e dominar sociedades africanas e comunidades de seus descendentes no Brasil, em especial no Espírito Santo”, comentaram os professores da Ufes, Leonor Araújo e o organizador do livro, Osvaldo Martins de Oliveira²⁵.

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: “Coleção Canaã”, volume 22, do APEES, 2016.



Zacimba Gaba é uma princesa africana que foi raptada e trazida para o Espírito Santo como escravizada. Mas ela não irá descansar enquanto não conseguir libertar seus amigos do cativeiro. É um livro que fala de coragem, esperança e luta pela liberdade do povo negro.

MIRANDA, Noélia. **Zacimba Gaba: A princesa Guerreira – A história que não te contaram**. Ilustrações Gió. Vitória: Nsoromma Editora, 2015.

25. Disponível gratuitamente para Download em < <https://ape.es.gov.br/colecao-canaa> > Acesso em 06 mar. 2021

AGRADECIMENTOS

Caros leitores e leitoras, este caderno pedagógico é uma proposição para o trabalho sobre narrativas de tradição oral, leitura literária e o fortalecimento da identidade negra. Reconhecemos o silenciamento dos livros didáticos quanto à abordagem de temas referentes às culturas africana e afro-brasileira, desconsiderando a história, as conquistas e importância do povo negro para a formação identitária do país.

Esperamos que este produto seja um caminho para ampliar a interação entre os saberes de tradição oral das comunidades e a prática educativa formal da sala de aula, contribuindo, assim, para uma maior compreensão sobre a importância de se preservar a cultura e a memória dos nossos antepassados. Acreditamos que o trabalho que resgata a prática de contar e ouvir histórias estimula o interesse pela leitura literária e o compartilhamento de vivências, contribuindo para a manutenção de laços afetivos e crescimento pessoal e coletivo. Além disso, acreditamos que a valorização do patrimônio imaterial do nosso povo é a forma de perpetuar a nossa história nas novas e futuras gerações e de valorizar a pluralidade cultural, promovendo reflexão sobre temas de relevância social, como o preconceito e a discriminação.

Agradecemos sua leitura e seu envolvimento na construção de um saber significativo, consciente e participativo, voltado para nossos estudantes cada vez mais exigentes, curiosos e construtores de conhecimento. Estamos juntos nessa caminhada que melhor se faz em parceria e solidariamente.

Os Autores

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Conto e cura**. In: Obras escolhidas II. Rua de mão única. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **O narrador**. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Tradução Carlos Felipe Moisés. 32ª ed - São Paulo: Palas Athena, 2017.

_____. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 14ª Ed. Salvador, BA: LDM, 2018.

_____. **Literatura oral no Brasil**. 2ª ed – São Paulo: Ed. Global, 2006.

_____. **Geografia dos mitos brasileiros**. .3ª ed – São Paulo: Ed. Global, 2002

FORD, Clyde W. **O herói com rosto africano – Mitos da África**. Tradução: Carlos Mendes Rosa. São Paulo: Summus, 1999.

FREIRE, Gilberto. **A importância do ato de ler: artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa**. In: Narrativa: ficção e história. Organizado por Dirce Côrtes Riedel. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 120-136.

LISTA DE REFERÊNCIA DAS IMAGENS

1. Imagem disponível em
<<https://www.lendo.org/guia-definitivo-contacao-historias/>>. Acesso em 15 nov. 2020.
2. Imagem disponível em <<https://mskiusam.com/tirinhas-de-tayo/>> Acesso em 02 dez. 2020.
3. Imagem disponível em
<<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/premio-jabuti-muda-de-novo-e-homenageia-conceicao-evaristo/>> Acesso em 11 jan. 2021
4. Imagem disponível em
<<https://falauniversidades.com.br/o-rap-e-formador-de-opiniao-rapaz/>> Acesso em 13 de jan 2021.
- 5 Imagem disponível em < <https://www.pngwing.com/pt/free-png-vdayc>>Acesso em 11 fev. 2021.
- 6.Imagem disponível em
<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/arvore-Genealogica.htm>>Acesso em 10 fev. 2021.
7. Imagem disponível em
https://africaeaficanidades.net/documentos/Os_nove_pentes_d_Africa.pdf> Acesso em 06 dez. 2020.
8. Imagem disponível
<<https://barco.art.br/eventos/autoria-negra-na-literatura-brasileira-contemporanea/>>Acesso em 10 dez. 2020.
9. Imagem disponível em
<<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>> Acesso em 05 dez. 2020.
10. Chimamanda Adichie – imagem capturada a partir da tela do computador da autora do caderno.
11. imagem disponíveis em
<<https://www.geledes.org.br/baoba-arvore-simbolo-fundamental-das-culturas-africanas-tradicionais/>> Acesso em 20 jan. 2021.
12. Mwana África – Oficina Cultural – imagem capturada a partir da tela do computador da autora do caderno.
13. Imagem disponível em :<https://iema.es.gov.br/MONA_Frade_Freira>Acesso em 15 jan. 2021.
14. ROCHA, Levy. Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo. Coleção Canaã Vol. 7. 3ª Ed. Secretaria Estadual de Cultura - Vitória, ES, 2008, p. 236.

15. Imagem disponível em <<https://clerioborges.com.br/a-lenda-do-passaro-de-fogo-montanha-do-mestre-alvaro-na-serra-e-montanha-do-mochuara-em-cariacica/>> Acesso em 08 fev. 2021.
16. Imagem disponível em <<https://narrative.com.br/>> Acesso 10 fev. 2021.
17. Imagem disponível em <<https://br.pinterest.com/pin/779404279241283458/>> Acesso em 10 fev. 2021.
18. Imagem disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/pixton.html>> Acesso em 02 mar. 2021.
19. Imagem disponível em <<https://www.criandocomapego.com/lenda-africana-sobre-a-filsofia-ubuntu/#:~:text=Ubuntu%20%C3%A9%20uma%20antiga%20palavra,consegue%20a%20felicidade%20de%20todos.>> Acesso em 15 de jan de 2021.
20. Imagem disponível em <<http://editoraunesp.com.br/blog/102-anos-de-nelson-mandela-e-suas-contribuicoes-para-o-mundo>> Acesso em 15 jan. 2021.
21. Imagem disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Desmond_Tutu#/media/Ficheiro:Desmond_tutu_wef.jpg> Acesso em 20 jan. 2021.
22. Imagem disponível em <<https://www.geledes.org.br/steve-biko/>> Acesso em 20 jan. 2021.
23. Imagem disponível em: <<https://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/wangari-maathai-uma-mulher-pelo-quenia/>> Acesso em 21 jan. 2021.
24. Imagem disponível em <http://www.emicida.com.br/>.
25. Imagem disponível em: <<https://www.sbcoaching.com.br/blog/solidariedade-2/>> Acesso em 10 fev. 2021.
26. Imagem disponível em <https://www.pucminas.br/EstamosJuntos/noticias/Paginas/Bem-estar-03.aspx> Acesso em 10 fev. 2021.
27. Imagem disponível em <<https://www.geledes.org.br/joel-zito-de-araujo/>> Acesso em 13 fev. 2021.
28. Imagem disponível em: <<https://www.kboo.fm/media/60175-stokely-carmichael-aka-kwame-ture>> Acesso em 13 fev. 2021.
29. Imagem disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/11/20/preta-fedorenta-macaca-e-escrava-essas-sao-algumas-das-ofensas-denunciadas-como-crime-de-racismo-no-df.ghtml>> Acesso em 12 fev. 2021.

30. Imagem disponível em <https://clinicadotexto.wordpress.com/2015/02/05/condicao-colonial-racismo-e-branquitude-na-sociedade-brasileira/> Acesso em 12 fev. 2021.

31. Imagem disponível em: <http://www.juniao.com.br/> Acesso em 12 fev. 2021.

32. Imagem filme Preto no Branco disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=-rW5DwuRQVuY> Acesso em fev. 2021.

33. Imagem disponível em <https://kondzilla.com/m/um-papo-sobre-filmes-com-o-cineasta-de-quebrada-valter-rege> Acesso em 10 fev. 2021.

34. Imagem disponível em <https://mskiusam.com/tirinhas-de-tayo/> Acesso em 03 dez. 2020.

35. Imagem disponível em <http://www.ingridsilvaballet.com/home> Acesso em 14 fev. 2021.

35. Imagem do video disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LrQiaqxePSE> Acesso em 14 fev. 2021.

36. Imagem disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-06/cartilha-da-turma-da-monica-traz-informacoes-sobre-uso-de-mascaras#> Acesso em 13 fev. 2021.

37. Imagem disponível em: <https://www.livrariadavila.com.br/na-cor-da-pele-12116/p#-descricao> Acesso 13 fev. 2021.

38 Imagem disponível em <https://brazilianbeautysite.wordpress.com/2016/05/23/a-origem-do-pente-garfo/> Acesso em 14 fev. 2021.

39. Imagem capturada pela tela do computador da autora e disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=77yqwZpjPQM> Acesso em 17 fev. 2021.

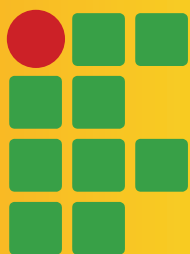
40. Imagem disponível em <http://substanciaeaparencia.blogspot.com/2015/07/trancas-e-tradicoes-cabelo-afro-e.html> Acesso em 17 fev. 2021.

41. Imagens de penteados africanos disponíveis em <https://kwekudee-tripdownmemorylane.blogspot.com/2012/09/hairstyles-in-african-culture.html> Acesso em 17 fev. 2021.

42. Imagem disponível em <https://100meninasnegras.tumblr.com/page/8> Acesso em 02 mar. 2021.



PROFLETRAS



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO
Campus Vitória

